

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

NÍVIA CHAVES RIBEIRO

**O TRABALHO DAS PROSTITUTAS QUE RESIDEM EM CASAS NOTURNAS:
UMA PERSPECTIVA PSICODINÂMICA**

**GOIÂNIA-GO
2010**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

NÍVIA CHAVES RIBEIRO

O TRABALHO DAS PROSTITUTAS QUE RESIDEM EM CASAS NOTURNAS:
UMA PERSPECTIVA PSICODINÂMICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social.

Orientadora: Professora Doutora Kátia Barbosa Macêdo.

GOIÂNIA-GO
2010

**O TRABALHO DAS PROSTITUTAS QUE RESIDEM EM CASAS NOTURNAS:
UMA PERSPECTIVA PSICODINÂMICA**

NÍVIA CHAVES RIBEIRO

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Kátia Barbosa Macêdo (presidente)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Professor Doutor José Carlos Zanelli (membro convidado)
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Doutora Ilma Aparecida Goulart de Souza Brito (membro convidado)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Professora Doutora Daniela Sacramento Zanini (membro suplente)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/____

Dedico este trabalho a meu filho Matheus, pela compreensão, cumplicidade e companheirismo, com minhas desculpas por tantas horas subtraídas de seu convívio. “Os fins justificam os meios” diz Maquiavel, e o “amor justifica suas existências”.

AGRADECIMENTOS

A meus familiares, que me apoiaram durante todo o percurso do curso de mestrado.

À professora Doutora Kátia Barbosa Macêdo, orientadora deste trabalho, por sua dedicação e envolvimento.

À organização e às trabalhadoras participantes que tornaram possível a realização desta pesquisa, pela forma disponível e acolhedora com que receberam me receberam, condição fundamental para a existência deste trabalho.

Às professoras Doutoradas Daniela Sacramento Zanini e Lenise Santana Borges, pelas contribuições na qualificação.

Aos meus colegas de mestrado, especialmente à Kássia, por dividir comigo momentos de alegria e ansiedade ao longo da trajetória de pesquisa.

Enfim, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção deste trabalho.

Dama do Cabaré

Foi num cabaré na Lapa
Que eu conheci você
Fumando cigarro,
Entornando champanhe no seu soirée,

Dançamos um samba,
Trocamos um tango por uma palestra
Só saímos de lá meia hora
Depois de descer a orquestra,

Em frente à porta um bom carro nos esperava
Mas você se despediu e foi pra casa a pé
No outro dia lá nos Arcos eu andava
À procura da Dama do Cabaré,

Eu não sei bem se chorei no momento em que lia
A carta que recebi, não me lembro de quem
Você nela me dizia que quem é da boemia
Usa e abusa da diplomacia
Mas não gosta de ninguém,

Foi num cabaré na Lapa...

(Noel Rosa 1936)

RESUMO

Realizou-se um estudo de caso de caráter descritivo e exploratório, com o objetivo de investigar os sentidos atribuídos ao trabalho e as vivências das prostitutas que residem em casas noturnas em relação ao seu trabalho, à luz da psicodinâmica do trabalho. Os objetivos específicos da pesquisa consistiram em: investigar os sentidos que as prostitutas que residem em casa noturnas atribuem ao seu trabalho; investigar e analisar a organização, condições e relações de trabalho dessas prostitutas; investigar aspectos que desencadeiam vivências de prazer e sofrimento; levantar e descrever as estratégias de enfrentamento, individuais e coletivas, que as prostitutas desenvolvem para lidar com o sofrimento em seu trabalho. As participantes foram escolhidas considerando-se os critérios de inclusão como sendo: sexo feminino, maiores de 18 anos, profissão prostituta e que residissem e trabalhassem em uma casa noturna. Obedecendo a estes critérios, foram entrevistadas 15 mulheres entre 18 e 35 anos, com grau de escolaridade variando entre 1º grau completo e superior incompleto. Para a coleta de dados foram utilizadas as técnicas da análise documental e entrevistas individuais semi-estruturadas e para o tratamento dos dados a técnica de Análise Gráfica do Discurso. No transcorrer da análise dos dados foi constatado que a organização pesquisada, a exemplo de qualquer outra, apresenta aspectos positivos e negativos na gestão da organização e subjetivação do trabalhador. Quanto à organização do trabalho, esta apresenta-se de forma rígida, impossibilitando a conciliação das necessidades das participantes com suas exigências, evidenciando o caráter impositivo de um ritmo que negligencia o bem-estar das trabalhadoras. O tempo disponível para as atividades de descanso e lazer também não lhes é suficiente. O discurso das entrevistadas mostra que a organização oferece boa alimentação, mas deixa a desejar nas acomodações e na estrutura física, inclusive com relatos de comprometimento da saúde em função de poluição sonora, cigarro e bebida. Nas relações de trabalho, o processo é satisfatório com as colegas e clientes, no entanto conflituoso com a gerência, fator desencadeante de vivências de sofrimento, uma vez que prevalece o controle e imposição hierárquica sobre as trabalhadoras. Atualmente, as relações de trabalho pautam-se na exigência de um ser humano que busca seu bem-estar para melhor partilhar do bem-estar social como ator e não apenas como espectador. Para as prostitutas, as vivências de prazer sustentadas pelo reconhecimento entre elas e alguns clientes, a possibilidade de realizar o sonho de "sair dessa vida", de ajudar a família e voltar a estudar, compensavam as vivências de sofrimento advindas da "saudade de casa", o cansaço e desgaste natural das "noitadas", além da discriminação e preconceito da sociedade.

Palavras chaves: Prostitutas; trabalho; casas noturnas

ABSTRACT

A case study of descriptive and exploratory was conducted aiming to investigate the meanings attributed to work and the experience of prostitutes living in nightclubs in relation to their work in the light of the psychodynamics of work. The specific objectives of the research were: to investigate the meanings that the prostitutes who live in nightclubs attach to their work, investigate and analyze the organization of work of prostitutes who live in nightclubs, investigate and analyze the working conditions of prostitutes living in nightclubs, investigate and analyze the working relations of prostitutes living in nightclubs; investigate aspects that trigger experiences of pleasure and suffering in prostitutes who live in nightclubs, raise and describe the coping strategies, individual and collective, that prostitutes residing in nightclubs develop to deal with suffering at their work. The participants were chosen considering the inclusion criteria as: female, over 18 year olds, profession as prostitutes who live and work in a nightclub. Obeying these criteria, 15 women were interviewed between 18 and 35 years, with educational level ranging from completed elementary school and incomplete college. To collect the data the documentary analysis techniques and individuals semi-structured interviews were used and for data processing the technique of Graphical Analysis of the Discourse. During data analysis it was revealed that the company studied, like any other, has positive and negative aspects in the management of the organization and subjectivity of the worker. As to the organization of work this is presented in a rigid way, making it impossible to balance the needs of the participants with the demands of work, highlighting the enforcing of a rhythm that neglects the welfare of workers. The time available for the activities of rest and relaxation are also not enough for them. The speech of the interviewees shows that the organization offers good food, but is weak in accommodation and in its physical structure, including reports of compromised health problems due to noise, smoke and drink. In working relations the process is satisfactory with colleagues and customers, however conflicting with management, triggering factor of suffering experiences once the control and hierarchical imposition prevails on the workers. Nowadays the working relations guide a demanding human being who seeks for his well-being to better share the social welfare as an actor and not just a spectator. For the prostitutes, the experiences of pleasure sustained by the recognition between them some customers, the possibility of fulfilling the dream of "out of this life, to help the family, and to go back to school, made up for the experiences of suffering coming from "homesickness", tiredness and natural wear of "evenings", and society discrimination.

Keywords: prostitutes; work; nightclubs

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Exemplo de gráfico elaborado a partir dos núcleos de pensamento identificados na transcrição das entrevistas.	62
Discurso das participantes ao serem perguntadas:	
Gráfico 2 - <i>E como foi o início?</i> (P03)	69
Gráfico 3 - <i>Porque você escolheu trabalhar nesta boate? Além do trabalho aqui, você trabalha em outro local? Qual? O que você faz durante o dia?</i> (P05)	70
Gráfico 4 - <i>O seu horário de trabalho é suficiente para terminar suas atividades? Se não, o que você faz para terminá-lo?</i> (P07)	74
Gráfico 5 - <i>Você tem pausa no trabalho? Há local para descanso em seu trabalho?</i> (P08).....	75
Gráfico 6 - <i>Como você se relaciona com seus colegas de trabalho? Com seu chefe? E com os clientes?</i> (P09)	78
Gráfico 7 - <i>Quais as vantagens e desvantagens de trabalhar como prostituta nesta boate? Por quê?</i> (P10)	82
Gráfico 8 - <i>Você considera que aqui na boate existe algum tipo de preconceito ou discriminação? Qual e por quê?</i> (P12).....	86
Gráfico 9 - <i>Há em sua opinião, algum aspecto do ambiente de trabalho que deva sofrer mudanças de forma a melhorar sua qualidade de vida? Em caso positivo, qual seria?</i> (P16)	91
Gráfico 10 - <i>Você acha que seu trabalho inclui riscos? De que tipo?</i> (P17).....	93
Gráfico 11 - <i>Descreva suas atividades/funções em sua profissão.</i> (P18)	95
Gráfico 12 - <i>Você permite em seu contrato a penetração anal? Relação com mulheres? Swing?</i> (P21)	97
Gráfico 13 - <i>Há viagens?</i> (P25).....	99
Gráfico 14 - <i>Você considera que o salário que você recebe é compatível com o que você faz?</i> (P26)	101
Gráfico 15 - <i>Quais são os motivos mais comuns para as pessoas saírem da boate? Você conhece alguém que já saiu?</i> (P28)	105
Gráfico 16 - <i>O que você mais gosta no seu trabalho?</i> (P29)	107
Gráfico 17 - <i>Você acha que seu trabalho é importante? Por quê?</i> (P30).....	109

Gráfico 18 - <i>Você se sente valorizada como profissional?</i> (P31).....	112
Gráfico 19 - <i>Para desenvolver o seu trabalho você precisa aprender alguma coisa específica?</i> (P33)	118
Gráfico 20 - <i>Quais as dificuldades que você enfrenta no trabalho?</i> (P34).....	121
Gráfico 21 - <i>O que do seu trabalho lhe traz de sofrimento?</i> (P35)	123
Gráfico 22 - <i>Você se sente pressionada ou sobrecarregada na realização das tarefas? Se sim, como você reage diante dessa situação?</i> (P36)	124
Gráfico 23 - <i>Você já teve algum problema de saúde relacionado com suas atividades na boate?</i> (P37)	126
Gráfico 24 - <i>Como você se sente após várias horas de trabalho?</i> (P40).....	130
Gráfico 25 - <i>Qual o tempo de que você dispõe para a família e lazer? Ele é suficiente para vocês?</i> (P41)	132
Gráfico 26 - <i>Você se sente insegura ou com medo de fracassar na realização das tarefas? Por quê?</i> (P42)	134
Gráfico 27 - <i>Você se sente segura (com estabilidade) nessa boate?</i> (P43)	137
Gráfico 28 - <i>Você conta às pessoas, à sua família, aos amigos, a seus filhos sobre seu trabalho?</i> (P46)	142
Gráfico 29 - <i>Se você pudesse mudar alguma coisa na boate o que você mudaria? (P47) e Como você gostaria que fosse a boate?</i> (P48)	145
Gráfico 30 - <i>Quais suas perspectivas para o futuro?</i> (P49).....	147

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Categorias definidas <i>a priori</i> e categorias definidas <i>a posteriori</i>	67
Figura 2 – Principais componentes da Organização do Trabalho das prostitutas	77
Figura 3 – Principais componentes das Relações de Trabalho das prostitutas	81
Figura 4 – Principais componentes das Condições de Trabalho das prostitutas	89
Figura 5 – Principais componentes das Vivências de Prazer no Trabalho das prostitutas	115
Figura 6 – Principais componentes das Vivências de Sofrimento no Trabalho das prostitutas	136
Figura 7 – Principais componentes das Estratégias de Enfrentamento das prostitutas ao Sofrimento no Trabalho	139

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - A PROSTITUIÇÃO: UMA PROFISSÃO PARA ALÉM DO PRECONCEITO?	18
1.1 PROSTITUIÇÃO: PROFISSÃO?	21
1.2 A PROSTITUIÇÃO NA HISTÓRIA.....	24
1.3 A PROSTITUIÇÃO COMO TEMA DE PESQUISA: PRODUÇÕES RECENTES	26
1.4 PROSTITUIÇÃO: GRUPO DE RISCO OU COMPORTAMENTO DE RISCO?	30
CAPÍTULO 2 - A ABORDAGEM PSICODINÂMICA DO TRABALHO	33
2.1 DESENVOLVIMENTO E CONSTRUÇÃO DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO.....	35
2.2 CATEGORIAS DA PSICODINÂMICA	36
2.2.1 Organização do Trabalho	36
2.2.2 Condições de Trabalho.....	38
2.2.3 Relações de Trabalho	39
2.2.4 Mobilização Subjetiva do Trabalhador	41
2.2.4.1 Vivências e Prazer e Sofrimento no Trabalho.....	42
2.2.4.2 Estratégias de Enfrentamento ao Sofrimento no Trabalho	46
2.3 PESQUISAS ATUAIS EM PSICODINÂMICA DO TRABALHO	48
CAPÍTULO 3 - DELINEAMENTO METODOLÓGICO DO ESTUDO	52
3.1 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	54
3.2 CAMPO DA PESQUISA	54
3.3 HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO	56
3.4 PARTICIPANTES	56
3.5 PROCEDIMENTOS	57
3.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS	59
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	64
4.1 DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DA POPULAÇÃO PESQUISADA.....	64

4.2 CATEGORIA 1 - GESTÃO DO TRABALHO: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO, CONDIÇÕES DE TRABALHO, RELAÇÕES DE TRABALHO, DESCRIÇÃO DE FUNÇÃO.....	68
4.2.1 Organização do Trabalho / Relações de Trabalho.....	68
4.2.2 Condições de Trabalho / Descrição de Função.....	87
4.3 CATEGORIA 2 - MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA DO TRABALHADOR: VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO, ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO.....	106
4.3.1 Vivências de Prazer no Trabalho.....	106
4.3.2 Vivências de Sofrimento no Trabalho e Estratégias de Enfrentamento.....	115
4.4 CATEGORIA 3 - SENTIDOS DO TRABALHO/IDENTIDADE PROFISSIONAL..	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
.REFERÊNCIAS.....	153
ANEXOS	159
ANEXO I - CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO.....	160
ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	161

INTRODUÇÃO

A questão da moral acompanha a prostituição desde seu surgimento, nas diferentes culturas e épocas. Ela determina quais as regras, em relação à sexualidade, que devem ser seguidas por todos que fazem parte da sociedade. Aqui, conforme Foucault (1990), moral pode ser entendida como um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos, por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, que podem ser a família, as escolas, as religiões e/ou o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos.

Investigar e analisar o trabalho de prostitutas que residem em casas noturnas apresenta-se como um estudo proposto no campo da Psicologia Social. Problematizou, em forma de estudo de caso, como as prostitutas de casas noturnas vivenciam seu trabalho.

Enquanto categoria psicológica, o trabalho cria identidade social e pessoal, ou seja, o ser não é dissociado do fazer. O trabalho transcende o concreto e instala-se numa subjetividade, na qual o sujeito da ação é parte integrante e integrada do fazer, resultando na realização de si mesmo.

O trabalho oportuniza à pessoa o aprendizado, a criatividade, a inovação e novas formas para desenvolver as tarefas. E ainda leva-a a interagir com outros, criando e delineando sua identidade pessoal, refletindo um ser humano em ação que, ao trabalhar, transforma a natureza e se constitui enquanto pessoa. O trabalho lhe oportuniza também o subjetivar a objetividade e objetivar sua subjetividade por meio da ação.

As organizações exercem sobre as pessoas uma ação que impacta no aparelho psíquico do trabalhador. Sob certas condições, dessas ações emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao conflito entre uma história individual, de desejos, necessidades e planos e uma organização (empresa) que os ignora.

Considerando que este estudo foi realizado em uma organização e tendo a prostituição como um trabalho e a prostituta como sujeito que realiza este trabalho, é importante que se apresente algumas idéias sobre o tema.

No estudo em questão, temos a trabalhadora prostituta, diante de uma precariedade sócio-econômica e escolar, optando por lançar mão da ferramenta de trabalho, o próprio corpo, para a satisfação de suas necessidades de sobrevivência, bem como de seus dependentes.

O trabalho pode ser um fator de inclusão social e possibilidade de autonomia. Por isso, o trabalho da prostituta adquire um fator essencial para enfrentar a alienação e exploração de capitalismo. Nessa racionalidade da produção, o corpo da prostituta passa a ser visto como uma mercadoria a ser consumida. Inclusive, nesta mesma lógica, há também a competição entre “esta mercadoria”, onde as mais jovens tendem sempre a ganhar.

Ocorrem, frequentemente, insinuações sobre a atuação dessas trabalhadoras, como se esse exercício não se caracterizasse como trabalho, mas sim como “pouca vergonha”, “promiscuidade” e “preguiça de quem não quer pegar no pesado”.

No senso comum, o estereótipo vigente é de que as prostitutas possuem uma imagem vinculada à facilidades, ao uso de drogas e álcool, ou seja, socialmente, a prostituição não é considerada trabalho. Se por um lado pensa-se que elas possuem “vida fácil”, por outro lado são trabalhadoras que não dispõem de garantias trabalhistas, apesar da existência de sindicatos e Classificação Brasileira de Ocupação - CBO no Ministério do Trabalho. E sofrem ainda os preconceitos da sociedade, passam por dificuldades financeiras, sociais, físicas e emocionais. Enfim, não existe o *glamour* que permeia o imaginário das pessoas.

Dentre as dificuldades financeiras, sociais, afetivas e econômicas, há uma sobrecarga de trabalho, tendo em vista que a prostituta para garantir sua sobrevivência e de seus familiares, desdobra-se para cumprir a jornada de trabalho.

No trabalho da prostituta, como em qualquer outro, está caracterizado que há uma oferta de trabalho, há uma relação comercial, significando que, de um lado há o cliente com uma necessidade e disposto a pagar para satisfazê-la, e do outro a trabalhadora prostituta disposta a prestar o serviço.

No entanto, a relação comercial pode, não raramente, culminar com prazer por parte de quem presta o serviço. Isto descaracterizaria a transação comercial tornando-a uma relação de amor? Partindo do princípio de que é uma relação comercial, o cliente poderá abster-se de cumprir com o contrato, por entender que somente ele tem direito ao prazer.

Para Braverman (1981) a grande diferença que distingue o trabalho do homem das atividades que os animais realizam para garantir a sua sobrevivência é que, no final do processo de trabalho humano, aparece um resultado que já existia antes na imaginação do trabalhador. E, para Saviani (1994), o homem, diferentemente dos outros animais, adapta a natureza a si próprio. Na realidade, o que pode-se observar é uma questão de mão dupla, uma dialética, é o trabalho como sendo o ato de agir sobre a natureza, adaptando-a às necessidades humanas, mas o homem também adaptando-se à natureza, dependendo das circunstâncias.

Assim, o trabalhador transforma além do material que opera, ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mente, o qual constitui a lei que determina o seu modo de operar e ao qual subordina sua vontade.

Para Srour (1990), o trabalhador é o agente social que maneja os instrumentos de trabalho com a finalidade de transformar uma determinada matéria-prima, um objeto, em um bem ou serviço final. Trabalhadores são todos os que pessoalmente operam instrumentos ou equipamentos que modificam diretamente objetos naturais, objetos sociais, signos ou interesses sociais.

Segundo Braverman (1981), os efeitos do trabalho não servem para constituir uma mercadoria, mas os próprios efeitos transformam-se mercadoria. Nesse sentido, a mulher trabalhadora da prostituição é o agente social que através de recursos internos e externos presta determinados serviços a clientes, ou seja, seu trabalho é caracterizado como prestação de serviço.

Segundo Srour (1990), na literatura sobre relações de trabalho encontra-se trabalhadores considerados sem qualificação, por não necessitarem de um treinamento prévio para realizar as atividades relacionadas desse trabalho.

A trabalhadora da prostituição pode também ser considerada como um trabalhador sem qualificação, pois seu tipo de trabalho não exige treino prévio. Ela aprende, se aperfeiçoa, fazendo.

Uma participante ocupava o cargo de gerente, outra de subgerente e as demais de prostitutas, também designadas como “garota de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, puta, quenga, rapariga, trabalhador do sexo, transexual (profissionais do sexo), travesti (profissionais do sexo)” (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. 2008).

A prostituição tem possibilitado lugar a uma verdadeira indústria, na qual Agustín (2005) considera que os elementos integrantes conduzem à percepção de que nos deparamos com uma diversidade de trabalhos sexuais, que abarcam os desempenhados em bordéis, boates, bares, saunas, linhas telefônicas eróticas, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, prostituição na rua, serviços de dominação e submissão sado/masoquismo, etc. Conforme a autora, o termo prostituição além de ocultar essa diversidade, pode obscurecer a compreensão de que há de fato um mercado sexual, e portanto, desviar a tenção da demanda e dos diversos desejos das pessoas que procuram serviços sexuais.

Assim, o presente trabalho traz contribuições para o campo da Psicologia e áreas afins que abordam o objeto investigado, ou seja, o contexto de trabalho de prostitutas que residem em casas noturnas no que se refere à organização do trabalho, condições de trabalho, relações de trabalho, suas vivências de prazer-sofrimento e estratégias de defesa utilizadas contra o sofrimento a partir de uma perspectiva psicodinâmica do trabalho.

Esta dissertação teve como objetivo investigar os sentidos e as vivências das prostitutas que residem em casas noturnas à luz da psicodinâmica do trabalho, com base no discurso das trabalhadoras. Os objetivos específicos da pesquisa consistiram em: a) investigar os sentidos que as prostitutas atribuem ao seu trabalho; b) investigar, analisar e discutir sua organização do trabalho; c) investigar, analisar e discutir as condições e relações de trabalho ali presentes d) investigar aspectos que desencadeiam vivências de prazer e sofrimento nas trabalhadoras; e) Levantar e descrever as estratégias de enfrentamento, individuais e coletivas,

que estas desenvolvem para lidar com o sofrimento em seu trabalho. Para investigar este fenômeno, optou-se pela utilização da abordagem psicodinâmica.

Conforme Dejours (1994, 1997, 2004), a Psicodinâmica do Trabalho é uma disciplina que surgiu no final dos anos 1980, como uma vertente crítica da abordagem francesa sobre a questão da relação homem-trabalho. A disciplina está apoiada nos conceitos psicanalíticos, possui uma metodologia própria, voltada para questões coletivas dos trabalhadores, envolvendo vivências de prazer, sofrimento, mecanismos de defesa, banalização da injustiça e outros temas relacionados à sua subjetividade.

Quanto à estrutura, a presente dissertação está organizada em quatro capítulos sucedidos pelas considerações finais.

O primeiro capítulo, intitulado *A prostituição: uma profissão para além do preconceito?*, expõe os conceitos de vários autores sobre prostituição, um breve histórico dessa atividade, o estigma e suas conseqüências no processo emancipatório da prostituta.

O segundo capítulo intitula-se *Abordagem psicodinâmica do trabalho*, e nele se apresentam o conceito e o histórico da abordagem utilizada. Posteriormente, faz-se uma descrição teórica das cinco categorias que emergiram das respostas dos participantes.

No terceiro capítulo, intitulado *Delineamento metodológico do estudo*, privilegia-se o objetivo geral, campo de pesquisa, histórico da organização, participantes, instrumento da coleta de dados e técnica utilizada para as análises.

No quarto capítulo, cujo título é *Análise e discussão dos resultados*, apresentam-se os resultados, seguidos por sua análise e discussão, buscando relacionar os dados encontrados neste estudo com o embasamento teórico escolhido e apresentado.

Por fim, nas considerações finais, retomam-se o problema e os objetivos iniciais da investigação e apresentam-se as conclusões decorrentes das análises, além de algumas sugestões para o aprofundamento da reflexão sobre a temática.

CAPÍTULO 1 - A PROSTITUIÇÃO: UMA PROFISSÃO PARA ALÉM DO PRECONCEITO?

A origem da palavra prostituição, segundo Bloch e Wartburg (1932), vem do latim *prostituere* que significa “expor livremente”: *pro* – na frente, *statuere* – colocar. Expor abertamente, colocar na frente.

É inegável o lugar preponderante ocupado pela fantasia no negócio da prostituição. É perseguindo experiências, baseadas na ruptura com o sexo convencional, atravessando por novas e/ou proibidas sensações, que homens procuram o sexo comercial junto a prostitutas. Ainda que a idéia acerca do comércio da carne, da imagem de mulheres que vendem seus corpos em troca de dinheiro, presentes ou favores seja recorrente em nossa sociedade, temos, de fato, a negociação e a comercialização de fantasias sob medida para os mais diversos desejos.

Psiquicamente, a mulher trabalha para fazer existir um corpo protegido, um corpo que não se exponha, por outro lado, fantasias que acenam para um gozo feminino levam-na a querer se expor e se entregar. Conforme Calligaris (2005), essa dualidade está relacionada à idéia de que a mulher, por ser um bem privado, não deve se expor, apesar de ser o bem privado (favorito) de todos os homens.

Pereira (1976) afirma que, prostituição é a atividade em que uma pessoa oferece serviços sexuais a outra, em troca de remuneração, de maneira habitual e indiscriminada. A definição de prostituição baseia-se em valores culturais que diferem em várias sociedades e circunstâncias, mas geralmente refere-se ao comércio sexual para a satisfação de clientes. Há formas femininas e masculinas de prostituição, e em menor proporção, entre homens que alugam seus serviços para mulheres. Essa expressão também está relacionada às pessoas mais jovens que, mesmo não tendo uma consciência sobre sua sexualidade e sobre seu corpo, são levadas a se prostituírem por diferentes motivos.

A prostituição é um contrato de locação, no qual o corpo do homem ou da mulher é o objeto da transação comercial. Segundo Lagenest (1973), a prostituição é essencialmente uma

mulher que aluga seu corpo para jogos sexuais, sem amor. Por isso, quando ocorre a reunião entre aluguel do corpo, jogos sexuais e ausência de amor, há prostituição.

Enquanto Goffman (1982) entende a prostituição feminina como um contínuo de relações possíveis entre homens e mulheres, que combinam sexo e dinheiro sem incluir o casamento ou a procriação, Ângelo (1986) entende que a prostituta possui um valor de uso, como qualquer outra mercadoria.

Por um lado, encontra-se a relação de amantes, onde ocorrem inúmeras trocas, em que a parceira oferece uma série de serviços domésticos e favores sexuais com exclusividade a um único parceiro; por outro encontra-se a relação do cliente com a prostituta, em que esta proporciona vários serviços sexuais para muitos homens e nenhum serviço doméstico. Ela desenvolve sua atividade através de uma relação sexual, onde as carícias, os serviços, são comprados por um dos parceiros (cliente), da mesma forma que o proprietário dos meios de produção compra a força de trabalho dos operários.

Autores como Gaspar (1985) e Bonetti (1995) destacam que a mulher que é prostituta não é o tempo todo prostituta, pois ela vive situações fora do mundo da prostituição, dividindo basicamente o mundo em duas esferas de atuação e representação – a profissional e a contrária a ela. Essa mesma constatação pode ser encontrada no estudo de Silva et al (1998).

Essas considerações vêm desmistificar a imagem da mulher prostituta como “mulher da vida”, passando a considerá-la como parte de um grupo social, uma mulher que possui uma história de vida, família, marido, filhos, profissão, percepção de vida relacionada com seus valores e com seu grupo social. A contribuição desses trabalhos é demonstrar que através de diferentes recursos as prostitutas estabelecem limites e critérios à sua atividade profissional.

Fonseca (1996) considera que a prostituição, com seu *status* estigmatizado, alvo de repressão policial e censura pelo senso comum, não é uma profissão como outra qualquer. Para a autora, a noção de carreira serve para combater a idéia da miserabilidade que é apresentada por muitos estudos sobre prostituição, principalmente na literatura norte-americana. Nessa questão, a prostituta é vista como uma espécie de empresária que fez uma avaliação realista das oportunidades econômicas abertas a ela.

A palavra prostituição é entendida a partir de duas abordagens: uma que se entrecruza com o conceito de exploração econômica e outra que se refere à obtenção de prazer, com prejuízo de saúde mental de quem está sendo explorado. Pela história, pode-se constatar que a prática da prostituição ocorre desde o início da humanidade. Conforme Torres, Davim e Costa (1999), nenhuma civilização prescindiu dessa atividade.

Em sociedades mais modernas, onde a permissividade se faz mais presente, a prática da prostituição se tornou desnecessária; em outras demasiadas rígidas, como a oriental por exemplo, é perseguida e punida como delito.

Engel (2004) observa que, no saber médico que atravessa o fim do século XX para o início do século XXI, a prostituição associou-se às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), permeada por estigmas. Com o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS, Chacón (1992) observa que alguns médicos passaram a incluir a prostituição nos chamados grupos de risco para a transmissão dessa doença. Nesse contexto, está presente o esquema de racionalidade que faz conexão entre prostituta e gozo/doença/morte.

Conhecida como a profissão mais antiga do mundo, a prostituição se apresenta como uma atividade provocadora e desconcertante para a sociedade. E por datar de tempos imemoriais, muito facilmente lhe é conferido um caráter natural, levando as pessoas a prescindirem de análise e explicações.

Ao falar de prostituição, explicações prontas parecem dar conta do fenômeno, simplificando, aprisionando em amarras sociais, políticas e morais que impedem a compreensão correta dessa atividade.

Um dos conceitos mais recorrentes sobre a prostituição seria a carência socioeconômica justificando a sujeição a uma atividade considerada como ultrajante e humilhante. A conformação da atividade do sexo comercial, na lógica meramente econômica, sustenta uma possível tolerância social, já que retira do sujeito a eventual culpa por sua permanência nesse negócio. O que se tem, afinal, é o produto da exclusão social, que deve ser creditada na conta do capitalismo perverso.

A compreensão do fenômeno da prostituição sustentada pelo modelo econômico cumpre finalidades que não podem deixar de ser observadas. Em primeiro lugar, há o aspecto sociocultural que sacraliza o sexo, tornando impura toda e qualquer manifestação de comportamento sexual que não esteja associado à atividade de reprodução. Nesse sentido, torna-se imperativo retirar do sexo comercial os seus traços eróticos ou outros sinais de desejo e prazer, dessexualizando-o para que se possa pensar em alternativas abolicionistas. Estando a prostituição associada a questões de ordem econômica, desvia-se o olhar e o pensamento do que incomoda, abrindo espaço para uma imaginária intervenção direta e imediata na causa do problema, tornando possível sua tolerância.

Por outro lado, embora ainda alinhado a essa lógica de raciocínio, há o discurso das próprias prostitutas, ancorado na justificativa da necessidade financeira e de sobrevivência, que confirma esse conceito da prostituição.

É imperativo compreender a prostituição como um fenômeno social complexo e multifacetado, distante da homogeneidade que por vezes lhe é atribuída. O que se tem, em verdade, é o produto de uma conjunção de fatores sociais, econômicos, culturais e pessoais, não excludentes entre si, que inviabiliza a construção de um modelo explicativo único, rígido e estático sobre a prostituição. Ao se generalizar os múltiplos aspectos que compõem essa dinâmica, uniformizando-os criam-se e mantêm-se os estereótipos que tanto auxiliam setores conservadores da sociedade a lidar com a questão.

1.1 PROSTITUIÇÃO: PROFISSÃO?

Embora vivenciado subjetiva e individualmente, o estigma, para Goffman (1982), é um fenômeno construído de forma coletiva, que atinge o sujeito como membro de uma comunidade que apresenta insígnias que são passíveis de depreciação social. O indivíduo, ao portar sinais característicos capazes de provocar o desdém de uma coletividade que se julga superior, sofre um processo continuado de desqualificação enquanto sujeito e tem o seu status de cidadão negado.

Como em toda construção social, pode-se identificar, na geração do estigma, uma intencionalidade estratégica que visa manter o estatuto hegemônico de poder e dominação de um grupo que se sente de alguma maneira superior aos outros, tidos como desvalorizados. Tem-se aqui, como figura e fundo, a questão da desigualdade social e o fomento das ações claras de sujeição do indivíduo desqualificado, seja pela coerção, seja pela violência física ou simbólica, que garantem a manutenção da ordem e do controle social.

Não deve perder-se de vista que, não obstante a real e precária situação sócio-econômica de uma parcela considerável das prostitutas, a argumentação da necessidade financeira e de sobrevivência cumpre a função de garantir um grau mínimo de pertencimento social, amenizando o estigma que marca, de forma (in)visível, aquelas que possuem a atividade sexual como trabalho.

Se forem colocadas em perspectiva as regras morais e religiosas que ajudaram a formar o conceito de família ocidental, onde o sexo encontra registro apenas a partir de sua função reprodutiva, o mal-estar frente à prostituição se instala e faz-se necessário encontrar uma lógica para que o ato do sexo mediado pelo prazer e pelo dinheiro seja menos indigesto, ou seja, através da profissionalização da prostituição.

No Brasil, os Ministérios da Saúde e da Justiça, por meio das políticas públicas, oficializam uma preocupação com a expansão do mercado do sexo, que tem levado os jovens a abandonarem as profissões convencionais para atuarem neste ramo. Mas, há estudiosos que buscam compreender os significados da prostituição nesse mercado como, por exemplo, Guimaraes e Merchán-Hamann (2005), que demonstram que a representação social da prostituição sobre a venda do sexo está se modificando e uma nova categoria está sendo resignificada: o profissional do sexo é aquele que trabalha com a realização de fantasias eróticas.

Conforme Castro (1988), o Código Penal Brasileiro aborda prostituição de forma ambígua. Ao mesmo tempo em que condena o lenocínio (exploração comercial e incitamento à prostituição), omite a prostituta como pessoa jurídica. Para mudar este panorama, conforme Ortega (2000), iniciou-se em São Paulo, em 1982, um movimento entre as prostitutas, que busca transformar a prostituição numa atividade profissional que tem seu valor e direitos sociais como qualquer outra categoria de trabalhadores. Além de direitos trabalhistas, elas

reivindicam também que a prostituição seja descriminalizada para que possam legalizar e sindicalizar as suas associações. Desde 2003, tramita no Congresso Nacional, um projeto de lei do Deputado Fernando Gabeira que oficializa o trabalho de profissionais do sexo.

Para o Ministério da Saúde (2002), as prostitutas foram particularmente associadas à epidemia de Aids desde o seu início, em razão de uma conjunção de fatores que decorrem tanto de sua atividade profissional como de seu gênero, do estigma e da conseqüente discriminação. Segundo Moraes (1995), há inclusive uma variável que deve ser considerada:

As prostitutas carregam um estigma que pode ser manipulado, já que podem apresentar ou não, as marcas anunciadas pelo estereótipo. Essa condição de invisibilidade das características consideradas negativas reforça ainda mais o caráter ambivalente de toda a situação estigmatizadora (MORAES,1995, p.36).

Erving Goffman (1982), faz referência histórica sobre estigma, dizendo que os gregos que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que deveria ser evitada, especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáforas foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele: o segundo, uma alusão médica a essa versão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbios físicos. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante do sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal.

Tomando como referência a citação de Goffman (1982), pode-se afirmar que a identidade social da prostituta foi construída a partir da sua condição desviante das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade. A construção dessa identidade social, e dos mecanismos de discriminação e preconceito em relação ao exercício da prostituição, decorrem de sucessivos fatos históricos, nos quais, a prostituta foi responsabilizada pela disseminação de doenças.

1.2 A PROSTITUIÇÃO NA HISTÓRIA

Paralelamente à história da humanidade, desenvolveu-se a prostituição nas sociedades tidas como primitivas, o que, para Roberts (1998), foi a primeira forma de relacionamento sexual entre homem e mulher.

É importante observar que, mesmo sendo identificada como a mais antiga das profissões, é negado o status profissional à atividade da prostituta. O que a aproxima do conceito de profissão é a sua qualificação como meio de sobrevivência de pessoas, geralmente mulheres, supostamente despossuídas de condições de inserção no mercado de trabalho.

Para Roberts (1998), nas sociedades primitivas, nas quais não existia a propriedade privada nem a família monogâmica, não se praticava a prostituição nem outro tipo de serviço sexual remunerado. São conhecidos, contudo, casos de tribos pequenas nas quais os homens podiam incitar as mulheres à relação sexual mediante a oferta de objetos por elas apreciados. Em alguns povos, a prostituição de meninas foi praticada como rito de iniciação à puberdade.

Com as primeiras civilizações da Mesopotâmia e do Egito, surgiram as prostitutas sagradas (sacerdotisas), vinculadas a certas divindades e a determinados templos. Na antiga Grécia também ocorreu a prática sexual relacionada ao culto religioso. Mesmo nas festas gregas de cunho religioso ocorriam os contatos sexuais entre homens e mulheres. Durante essas festas a população cultuava a deusa da fertilidade, buscando afirmar a perpetuação da espécie. Dentre os que freqüentavam a festa, as mulheres eram consideradas prostitutas sagradas, pois incorporavam aquela deusa em rituais específicos. Naquela época, os relacionamentos já cumpriam uma função de importância social: a procriação (ROBERTS, 1998).

A prostituição propriamente dita, tanto na Grécia quanto em Roma era controlada pelo Estado, que cobrava altos impostos das prostitutas e as obrigava a usar roupas que identificassem a profissão. As heteras ou hetairas gregas, cortesãs cultas e refinadas que freqüentavam reuniões e festas de intelectuais e políticos, exerciam um tipo de prostituição respeitada (ROBERTS, 1998).

Conforme Roberts (1998), durante a Idade Média européia, a Igreja cristã tentou sem sucesso eliminar a prostituição, mas a sociedade, orientada pelo culto do amor cortês, em que casamentos eram arranjados com finalidades políticas ou econômicas, favorecia o florescimento da atividade. A prostituição passou a ser regulamentada e protegida por lei e a constitui uma importante fonte de ingressos para o poder público.

As cortesãs também foram dignamente tratadas na corte do Renascimento italiano. No século XVI, uma epidemia de doenças sexualmente transmissíveis somou-se ao puritanismo da Reforma religiosa para alcançar uma ofensiva contra a prostituição. No entanto, com o advento da industrialização, as aglomerações urbanas voltaram a oferecer condições de expansão para a prostituição (ROBERTS, 1998).

Na França do século XV, a prostituição já era aceita por todos, sem preconceitos ou restrições. Pequenas povoações dispunham pública e oficialmente de bordéis, caracterizados por construções ostensivas, com pátios rodeados de quartos, em ruas de tavernas e lojas, semelhante ao que hoje se conhece por 'zona'. Muitos desses estabelecimentos eram gerenciados por viúvas e esposas de artesãos, que continuavam a exercer, além da atividade de alcovitaria, seus ofícios rotineiros. Essas zonas, ou bordéis particulares, mantinham à disposição de sua clientela, jovens moças, para qualquer hora do dia ou da noite (ROBERTS, 1998).

Ainda na França, no século XV, havia também as chamadas 'moças levianas', que trabalhavam por conta própria, indo de pensão em pensão, oferecendo-se nas tavernas, nos mercados e nas ruas, quando não se ofereciam no local de trabalho dos homens. Esse tipo de prostituição é o que mais se aproxima com o que atualmente se conhece por prostituta de rua (ROBERTS, 1998)..

Segundo Engel (2004), os primeiros estudos sobre prostituição foram feitos principalmente por médicos higienistas e criminologistas, com a preocupação de salvaguardar a saúde e a moral das famílias. No entanto, essa preocupação com as “sexualidades vagabundas”, por parte dos doutores, revelava, em verdade, a intenção de assumirem o papel de mentores dos códigos de moralidade pública.

Na perspectiva higienista, a prostituta era considerada como uma ameaça para a construção da família higienizada. Ela era vista como responsável pela degradação física e moral dos homens e, por extensão, pela destruição das crianças e da família. Esse modo de representar a prostituta, atribuindo-lhe características desviantes, presentes no senso comum, penetrou tanto na percepção que ela faz de si mesma quanto na mentalidade daqueles com os quais ela deve interagir.

Na sociedade antiga, era vergonhosa qualquer demonstração de amor em público, não só para a mulher mas também para os oficialmente casados. Para Silva et al (1998), o demasiado controle em relação ao relacionamento sexual entre homem e mulher leva a crer que a prostituição vem suprir as necessidades e carências que tal sociedade reprimia, desejos, prazeres, fantasias relacionadas à sexualidade das pessoas. O papel das prostitutas seria possibilitar a realização dos desejos masculinos, visto que suas esposas não tinham o direito de sentir prazer em uma relação sexual e não podiam realizar determinadas carícias.

Para Leite (1992, p. 172), "[...] a prostituta guarda consigo muitas chaves, neste mistério da vida. Inclusive a chave do mistério da sedução entre homem e mulher. Só que esse mistério sempre será mágico, até o final dos tempos. Nunca vai deixar de ser."

Desde o início da século XX, a maior parte dos países do Ocidente se inclinou para a descriminalização da prostituta e para a dissolução do vínculo entre prostituição e atividades criminais a ela associadas. Em geral, a prostituta só é perseguida no caso de incitar publicamente a realização do ato sexual. Considera-se delituosa, no entanto, a atividade dos proxenetas e de pessoas que fomentam a prostituição, ou se beneficiam do comércio do sexo, e a dos que obrigam outras pessoas a se prostituir.

1.3 A PROSTITUIÇÃO COMO TEMA DE PESQUISA: PRODUÇÕES RECENTES

A prostituição tem sido tema pesquisado atualmente, principalmente relacionado ao turismo sexual e ao tráfico de mulheres ou à DST/AIDS.

Com o advento dos antibióticos e a disseminação de medidas profiláticas e de higiene, o controle de um dos males correlatos da prostituição, pela ONU na década de 1980 – a

propagação de doenças sexualmente transmissíveis – parecia próximo. O surgimento da AIDS, no entanto, tornou a prática da prostituição potencialmente fatal para prostitutas e clientes e exigiu a intervenção do poder público para divulgar medidas de prevenção. Em alguns países houve tentativas de reeducação das prostitutas para adaptá-las à sociedade, mediante a realização de trabalho considerado moralmente digno. Um dos mais graves problemas que afligia a sociedade brasileira no final do século XX era a prostituição infantil, comum especialmente entre as camadas mais pobres das capitais nordestinas e nos garimpos. Frequentemente, as meninas eram recrutadas para essa atividade mediante sequestro.

O estudo sobre o turismo sexual teve início com o Prof. Dr. Arim Soares do Bem (2005) em três países asiáticos no início da década de 1990, Tailândia, Sri-Lanka e Bali (Indonésia) e, também na Alemanha e na região Nordeste, a partir de 1998. Existem várias definições para esse tipo de turismo, que mesmo sendo disseminado como prática é considerado como uma deformação da atividade turística. Sua existência reflete vários problemas de ordem econômica, social e política nas sociedades receptoras e emissoras de turismo.

Esta temática vem recebendo atenção de estudiosos de diferentes áreas de conhecimento nos últimos anos, tais como Kempadoo (2005), Leal e Leal (2002), Barrero (2005), Silva et al (1998), Silva e Blanchette (2005), dentre outros. O que tem se discutido é como esta atividade se configura, buscando evidenciar quem são os agentes envolvidos, as características, os problemas relacionados, além de meios de coibir a prática, na tentativa de buscar soluções para diminuir os reflexos negativos dessas atividades na âmbito do turismo e da sociedade.

Sabe-se que o turismo sexual está relacionado com o tráfico de mulheres e a exploração sexual de crianças e adolescentes, que são crimes no Brasil. Esse problema tem preocupado estudiosos e gestores que buscam estudar e analisar o tema, que é recorrente em vários destinos turísticos, principalmente na região Nordeste, onde é mais visível. Conforme o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes - CECRIA (2002), na política, cartilhas foram elaboradas, houve ações de agentes públicos e seminários são realizados para discutir o assunto, mas, mesmo assim, o problema continua crescendo, principalmente nos estados e cidades, onde o turismo é um setor de destaque.

Além disso, destaca-se que o turista sexual utiliza praticamente a mesma infraestrutura de outros turistas e que, frequentemente, conta com a omissão desses e de parte do setor turístico para a realização de suas atividades.

Conforme o CECRIA (2002), as iniciativas de cooperação internacional para erradicar o tráfico de mulheres iniciaram-se com a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, em 1889. Em 1921, a Liga das Nações estabeleceu um comitê para tratar do tráfico de mulheres e crianças e, em 1949, a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas adotou uma convenção para suprimir a prostituição.

Bem (2005) afirma que muitas formas de prostituição estão alicerçadas na pobreza e na falta de oportunidades. Assim, algumas pessoas optam por esta atividade por ser mais rentável que atuar em outras atividades, pois conseguem lucrar em apenas um final de semana, o equivalente a um mês inteiro de trabalho. O autor ainda explica que o turismo sexual é um fenômeno produzido por uma série de fatores, sendo que um deles é a exclusão social, porque a população que sofre com este problema passou a encontrar nessa prática uma forma de mobilidade social. Para Oppermann (1999), as relações entre turistas e prostitutas são vistas apenas como troca monetária, isto é, serviço sexual por dinheiro.

Coriolano (1998) destaca que, para ocorrer o desenvolvimento, tanto para a comunidade local como para o setor turístico, é necessário que sejam adotadas políticas que proporcionem trabalho para todos. Além disso, é importante que sejam implementadas atividades planejadas, no sentido de promover a valorização do lugar e das pessoas. A falta de planejamento no setor turístico, nas principais cidades onde esta atividade se destaca, e a falta de políticas públicas direcionadas à comunidade local constituem-se em dois dos fatores que impulsionam o crescimento do turismo sexual.

Quando as políticas públicas se referem ao campo da sexualidade, os embates tendem a ser mais complexos, por colocar em jogo os interesses, visões de mundo e padrões morais e religiosos contrastantes entre si. Fica evidente o embate entre a ordem dominante e o desejo, na maioria das vezes desviante, que, invariavelmente, são inconciliáveis. Porém, podem e devem encontrar um ponto de equilíbrio tal que proporcione a expressão coordenada de ambos, onde a existência de um não signifique a anulação do outro.

O turismo sexual apresenta uma relação marcante com a prostituição. Muitas agências com núcleos emissivos já apresentam vídeos e catálogos de fotos sendo incluso o programa em pacotes turísticos.

No senso comum, o turismo sexual é uma forma de comportamento normativo dos turistas estrangeiros que freqüentam, não só as metrópoles costeiras brasileiras, mas o mundo todo, em busca de parceiras, seja qual for a qualificação dessa busca. Essa definição popular é preferencialmente aplicada àqueles estrangeiros que alugam serviços de uma prostituta. Silva (2005) diz que é importante salientar que a simples contratação de uma prostituta maior de idade no Brasil não é considerada, por si só, um crime.

Para Guimarães (2002) uma das conseqüências associadas ao turismo sexual é o tráfico de mulheres que se constitui no deslocamento para trabalhos e serviços, dentro ou através das fronteiras nacionais, por meio de violência, abuso de autoridade, dentre outras ações. Esse tipo de comércio possibilita o envolvimento de pessoas em redes que acabam usufruindo das atividades realizadas pela mulher, dentre as quais se destacam o trabalho sexual forçado e a ação das agências de casamento com estrangeiros. O tráfico de mulheres se configura como um dos desrespeitos aos direitos humanos.

Toda definição de tráfico presume duas coisas: 1) que o traficante é um ser humano e não um Estado (o deslocamento forçado de indivíduos feito por ações governamentais nunca é considerado como tráfico; 2) o deslocamento problematizado consiste de indivíduos que são retirados de um local, tido como natural deles, e removidos para outro lugar (SILVA, 2005, p.163).

A nova modalidade de pacote turístico, que é muito utilizado na atualidade, proporciona ao turista, além da passagem aérea e a estadia, o direito a uma ou várias acompanhantes no país de destino. Esses turistas são casados, em sua maioria, e por isso exigem discrição total, hospedando-se em locais com infra-estrutura e garantia de privacidade. Segundo Sardenberg e Dias Filho (1998) há dois tipos de turistas sexuais: os que se interessam por crianças e adolescentes, e um outro que não faz distinção de idades.

Outro fator que contribui para a existência desse segmento é que, historicamente, a mulher ocupa uma posição subordinada em relação aos homens, estando em situação de desvantagem no mercado de trabalho. Isso também está relacionado ao fato de a mulher não ter o direito de desejar, sendo construída como objeto de desejo dos homens.

Os serviços sexuais são oferecidos através de intermediários. Há as mulheres que podem ser encontradas nas boates e cabarés, mas também muitas se interessam em participar dessa atividade para receber moedas consideradas fortes, como o dólar ou o euro. Dentre elas, estão as empregadas domésticas e até mesmo estudantes que estão dispostas a 'namorar' turistas estrangeiros.

Fica claro que, para todo profissional que se propuser a trabalhar com prostitutas, a noção de estigma deve sempre estar bem clara. A compreensão individual sobre prostituição, os preconceitos, idéias e posições a respeito, devem ser profundamente analisados antes de iniciar-se qualquer trabalho com prostitutas, sob o risco de considerá-las vítimas e preconceber definições sobre a sua atividade profissional.

1.4 PROSTITUIÇÃO: GRUPO DE RISCO OU COMPORTAMENTO DE RISCO?

Conforme o Ministério da Saúde (2002), o fator econômico é o determinante mais comum para o ingresso na prostituição, sendo seguido pelo fim do casamento e pelo abandono da família, associados à dificuldade de integração no mercado de trabalho. Geralmente existe a expectativa, por parte das mulheres, de que a permanência na prostituição seja transitória, alimentada pela esperança de conseguir outro tipo trabalho, voltar a estudar, encontrar um companheiro e casar. Assim, para grande parte das profissionais do sexo, a prostituição é ainda considerada como uma estratégia de curta duração, coincidindo com a transitoriedade das dificuldades enfrentadas na manutenção pessoal e de seus filhos.

A baixa escolaridade, somada às dificuldades financeiras ou à pobreza absoluta, integram os obstáculos quase intransponíveis para a integração das profissionais do sexo no mercado oficial de trabalho. Para aquelas que pertencem às camadas sociais mais baixas, as perspectivas de mudança de atividade ainda são menos viáveis em virtude da baixa (ou nenhuma) escolaridade e à falta de qualquer qualificação profissional.

A invisibilidade das prostitutas no sistema oficial de saúde em relação às DST/Aids, se estabelece a partir da ausência de variável específica no instrumento de coleta de dados de notificação. Acrescenta-se a este fato o constrangimento dessas mulheres em se identificarem como prostitutas quando atendidas nos serviços de saúde. Essa prática, muito utilizada, evita a

exposição pessoal ao possível preconceito dos profissionais de saúde. Na maioria das vezes, as profissionais do sexo se auto-identificam como donas-de-casa, empregadas domésticas ou comerciárias, na tentativa de garantir um atendimento mais digno.

Além dessa invisibilidade, a violência física também é presença constante na vida das prostitutas e se expressa nas relações com clientes, cafetinas, taxistas e policiais. Apesar de existirem indicadores de ausências ou diminuição da violência física nas áreas de prostituição abrangidas pela ação das associações de classe e/ou organizações não-governamentais (ONG), esse ainda é um elemento fortemente associado à profissão. A intensidade e a frequência de práticas que permanecem impunes contribuem para que a violência seja considerada, pelas profissionais do sexo, como o maior perigo enfrentado no cotidiano. Além dessa violência, característica do trabalho, a presença de um estupro inicial é também um fato recorrente nas histórias pessoais, sendo muitas vezes responsável pelo ingresso na prostituição. Frente a esses fatores de vulnerabilidade imediatos e cotidianos, para o Ministério da Saúde (2002), as DST e a Aids passam a ser secundárias na percepção dos riscos vinculados à profissão.

Mesmo considerando esses dados, e embora não tenham muitas vezes um conhecimento claro sobre todas as formas de transmissão das DST/Aids, as profissionais do sexo estão bem informadas sobre a importância do preservativo na atividade profissional. Por outro lado, de forma a preservar a clientela e a própria sobrevivência, tanto a Aids quanto as outras DST se apresentam como doenças do outro, distanciando sempre a possibilidade de infecção na prática pessoal ou profissional.

Outro fator que amplia a vulnerabilidade das prostitutas para as DST/Aids é a presença marcante do uso de drogas, que são consumidas por um contingente significativo de mulheres. Há registros constatando que a grande demanda de drogas está associada ao efeito deturpante da consciência promovido pelo álcool, anfetaminas, cocaína e crack no desempenho diário da profissão. As drogas são, geralmente, consideradas substâncias aliadas, capazes de abrandar as dificuldades cotidianas, principalmente no que tange ao cumprimento da longa duração da jornada de trabalho. Complementando esse quadro, existem ainda as prostitutas que definem a prostituição como a sua principal fonte de sustento para o consumo de drogas injetáveis ou não.

Desta forma, a efetiva alteração em qualquer padrão de comportamento, seja na adoção de práticas sexuais mais seguras, seja na promoção de cuidados com a saúde sexual e reprodutiva, tende a se distanciar cada vez mais do cotidiano dessas mulheres. No entanto, frente ao muito que já se avançou nessa área, e considerando o sistema socioeconômico a que estão sujeitas as prostitutas, é possível definir a presença de uma efetiva assimilação de conhecimento e/ou comportamentos preventivos relacionados às DST/Aids, quando – e se – minimizadas as dificuldades de sobrevivência.

Com a compreensão de que não mais existe o conceito de grupo de risco, mas sim comportamentos de riscos, e a prostituição sendo vista como comportamento de risco, este esquema de racionalidade perde sua força estigmatizadora.

Para o presente estudo, optou-se pela Psicodinâmica do Trabalho, abordagem que, no seu conjunto teórico e metodológico, evoca uma inversão no modo de estudar a interrelação trabalho e saúde. Assim, o próximo capítulo tem o objetivo de apresentar a teoria psicodinâmica do trabalho, bem como a análise das vivências de prazer-sofrimento no trabalho, evidenciando um diálogo teórico e a psicodinâmica do trabalho.

CAPÍTULO 2 - A ABORDAGEM PSICODINÂMICA DO TRABALHO

A Psicodinâmica é uma forma de compreensão do ser humano, é um termo normalmente empregado para designar um enfoque teórico específico sobre a existência humana e o funcionamento psíquico do homem; seu ponto de partida é caracterizado pelo pensar psicanalítico que designa a toda pessoa humana um funcionamento dinâmico entre seus elementos, dinâmica esta que não se restringe a limites, nem em suas origens nem em sua expressão, ou à própria mente, mas que interfere em todos os aspectos da existência corporal físico/psíquico e existência social.

A psicodinâmica do trabalho é uma abordagem científica, inicialmente construída com referenciais teóricos da psicopatologia, evoluindo para uma construção própria, em função do avanço das pesquisas, tornando-se uma abordagem autônoma com objeto, princípios, conceitos e métodos particulares (MENDES, 2007, p.29).

Esta definição possibilita sua utilização técnica em todos os campos onde esteja envolvido o relacionamento humano e a busca de qualquer modalidade de compreensão ou de diagnóstico e de tratamento interligado às conseqüências deste relacionamento.

Para Mendes (2007), essa forma de estudo permite a inversão no modo de estudar a relação entre trabalho e saúde, é uma forma de compreender o ser humano na totalidade dinâmica dos aspectos biopsicorrelacionais. É um modo de pensar que considera sobremaneira os conteúdos inconscientes que se manifestam nos padrões de relação que o indivíduo mantém.

Suas bases conceituais são elaboradas a partir da análise da dinâmica inerente a determinados contextos de trabalho, caracterizada pela atuação de forças, visíveis e invisíveis, objetivas e subjetivas, psíquicas, sociais, políticas e econômicas que podem ou não deteriorar esse contexto, transformando-o em lugar de saúde e/ou de patologias e de adoecimento. (MENDES, 2007, p.29)

A Psicodinâmica é, portanto, uma proposta psicanalítica que leva em conta os aspectos biológicos e sociais do indivíduo, compreendendo o desenvolvimento humano como resultado de um processo vincular.

Para Franz (1972), o modelo psicodinâmico aplica fundamentos teóricos provenientes da Psicanálise, associados a elementos derivados da Teoria Geral dos Sistemas e Teoria da Comunicação, bem como da Psiquiatria Dinâmica, produzindo uma forma de intervenção

peculiar e específica que incide tanto no indivíduo como nas relações em que ele estiver inserido.

Dejours (1988, 2002) postula que a Psicodinâmica do trabalho estuda as vivências dos trabalhadores e suas experiências no cotidiano do trabalho, sendo fortemente influenciada pela psicanálise. Ele privilegia o estudo da normalidade, e não o da patologia. O objetivo é compreender como os trabalhadores conseguem manter certo equilíbrio psíquico mesmo estando submetidos a condições de trabalho desestruturadas. Para ele, o sofrimento é o espaço intermediário que marca a luta entre o funcionamento psíquico, de um lado, e as pressões, de outro. Para o autor, esse encontro acontece a partir da mobilização da história singular de um sujeito ao deparar-se com as situações de trabalho que estão, em sua maioria, independentes de sua vontade. Ele destaca que o indivíduo resiste vigorosamente às pressões, as quais são incapazes de fazer surgir uma psicopatologia de massa.

As relações entre a teoria psicanalítica e as manifestações da patologia somática, especificamente aquelas comprometidas com rótulo de sintomas, doenças ou distúrbios psicossomáticos, tornaram-se, nos dias atuais, tão amplas e polêmicas que a Psicologia, nas organizações de trabalho, agiu essencialmente sobre o fator humano da administração industrial sobretudo na seleção de pessoal e orientação profissional. Com isso, a ciência psicológica se tornou não apenas fundamentação teórica mas também produtora de técnicas auxiliares à aplicação da administração científica e da racionalização do trabalho.

Vários elementos contribuíram para a definitiva sistematização da Psicologia à gestão da força de trabalho. Nesse âmbito, foi especialmente importante o movimento de testes iniciados na década de 1920, no Brasil (Antunes, 2001).

Dejours (1988) parte do princípio de que o mundo de organização do trabalho pode interferir no funcionamento psíquico, como por exemplo, a divisão de tarefas e o modo operatório, que podem trazer desinteresse às pessoas. Por funcionamento psíquico, ele empresta o conceito psicanalítico de que cada indivíduo é um sujeito único, portador de desejos e projetos sem igual e que estão enraizados em sua história.

Assim, a Psicodinâmica do Trabalho teve sua origem nas questões levantadas pelos estudos da Psicopatologia do Trabalho, que investigavam as relações entre saúde mental e

trabalho. Mais precisamente, os impactos da organização do trabalho no psiquismo do trabalhador. Assim, como expõe Silva (1994),

Mais do que um estudo voltado para identificar doenças mentais específicas correlacionadas à profissão ou situações de trabalho, a abordagem da nova psicopatologia do trabalho está preocupada com a dinâmica mais abrangente, que se refere à gênese e às transformações do sofrimento mental, vinculadas à organização do trabalho (SILVA, 1994, p.14).

As novas formas de organização do trabalho revelam um modo de dominação social mais sofisticada, com a banalização da injustiça e do mal, ocasionando o surgimento de patologias sociais e exigindo dos trabalhadores a recomposição das defesas para dar conta desse outro sofrimento que se instala.

2.1 DESENVOLVIMENTO E CONSTRUÇÃO DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

A Psicodinâmica surgiu na França nos anos 1980, com as reflexões de seu precursor, Christophe Dejours (1992), e sua equipe, ao analisar os impactos do trabalho na dinâmica subjetiva dos trabalhadores. Nesse período, os estudos se voltavam para o sofrimento psíquico e as estratégias de defesa. Em 1984, Dejours organizou o I Colóquio Nacional de Psicopatologia do Trabalho, quando foram apresentados vários indicadores de sofrimento com a participação de sindicalistas e profissionais da saúde do trabalhador. Desde então, sua abordagem ao mesmo tempo reformulou-se e afirmou-se na comunidade científica, e suas discussões levaram às mudanças assumidas em 1992, quando se propôs uma nova denominação, Psicodinâmica do Trabalho, que incorporaria, no seu interior, as questões da psicopatologia do trabalho. Por isso, é uma disciplina relativamente jovem e em fase de construção.

Em 1990 Dejours criou o *Laboratoire de Psychologie du Travail no Conservatoire National des Arts et Metiers*, que passou a realizar pesquisas de empresas públicas, privadas, administrações e serviços públicos, grandes médias e pequenas empresas, sindicatos e organizações profissionais. Após inúmeras pesquisas, investigações clínicas e debates internos o laboratório passou a se chamar, em 2000, *Laboratoire de Psychologie du Travail et de l'Action*.

As pesquisas do laboratório se iniciaram abordando as agressões à saúde mental e passando em seguida à interferência do trabalhador na construção da saúde e da normalidade. Atualmente, o laboratório estuda e analisa as relações entre subjetividade e atividade, contribuindo para a renovação dos debates sobre concepções e organização do trabalho, e fator humano (expressão utilizada para designar comportamento das pessoas no trabalho) na segurança, na qualidade e na promoção de saúde, direcionando os estudos para a abordagem do prazer.

Dejours (1992), ao pesquisar os operários semiqualeificados da construção civil e telefonistas enfatiza o estudo do sofrimento para o prazer, onde o trabalho é um encontro com o sofrimento que se transforma em prazer. Também Morrone (2001) e Mendes (1999) realizaram estudos sobre prazer-sofrimento no trabalho, com ênfase no prazer para o sofrimento, no qual o trabalho no encontro com o prazer, transforma-se em sofrimento devido às condições socioculturais desfavoráveis.

2.2 CATEGORIAS DA PSICODINÂMICA

Dejours (1992) propõe categorias de análise das relações de trabalho, como: organização do trabalho, condições do trabalho, relações de trabalho, vivências de prazer e sofrimento e estratégias de enfrentamento, que serão abordadas a seguir, organizadas didaticamente em sub-tópicos para melhor compreensão.

2.2.1 Organização do Trabalho

Dejours (1992) ressalta que a qualidade dinâmica da articulação de desejo de reconhecimento do sujeito com aquilo que deseja e exige a organização do trabalho – que representa a vontade do outro – deverá indicar a direção do sofrimento, da mobilização subjetiva e do grau de comprometimento com o trabalho tanto para a saúde quanto para o adoecimento – portanto, tanto do prazer quanto do sofrimento.

No contexto organizacional, onde estão inseridos homens e mulheres, a qualidade da dinâmica de reconhecimento aparece impregnado por repercussões e ressonâncias provocadas

pelas transformações tecnológicas e organizacionais implantadas em nome da eficácia e do aumento da produtividade.

A organização do trabalho é definida como “a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa – à medida que dela deriva – o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade” (Dejours, 1987, p.25). A divisão de tarefas e o modo operatório remontam aos sentimentos pelo trabalho: a divisão de homens suscita as relações entre as pessoas e mobiliza os investimentos afetivos.

Dejours (1994, p. 28) afirma que “quando não há mais arranjo possível da organização do trabalho pelo trabalhador, a relação conflitual do aparelho psíquico à tarefa é bloqueada. Abre-se então o domínio do sofrimento”.

Dessa forma, a organização do trabalho torna-se fator essencial para o equilíbrio psicossomático e da satisfação, levando-se em conta o trabalho motivador de uma descarga de energia psíquica que proporciona prazer. Por outro lado, Dejours (1987) pontua que a organização do trabalho rígida e imposta pelos gestores pode chocar com o compromisso operatório favorável, que o trabalhador teria instituído espontaneamente, podendo assim, comprometer o equilíbrio psicossomático do indivíduo.

Mendes (2002) conceitua organização do trabalho como

Resultado de um processo intersubjetivo, no qual encontram-se envolvidos diferentes sujeitos em interação com uma dada realidade, implicando uma dinâmica de interações próprias às situações de trabalho, enquanto lugar de produção de significações psíquicas e de construção de relações sociais (MENDES, 2002, p.28).

No contexto do trabalho, o exercício do poder, em nome do capital/mercado nas organizações, pode ser compreendido como uma espécie de censura sobre o trabalhador, na qual a vontade de gozo do mestre capitalista busca sua hegemonia. Seu discurso configura-se por mandamentos ou demandas onde as condições de trabalho não são verdadeiramente negociáveis transformando as demandas da organização do trabalho em imperativas categóricas sob a constante ameaça de exclusão (desemprego).

Para Dejours e Abdoucheli (1994), a organização do trabalho é antes de tudo uma relação intersubjetiva e socialmente construída. Dejours e Jayet (1994), conceituam a

organização do trabalho como sendo uma relação social que passa por negociações e compromissos entre homens. Assim, a organização do trabalho também é objeto de um complexo jogo de relações sociais de trabalho. Quando se ocupa de uma tarefa, o trabalhador, espontaneamente, procura dispô-la em uma certa ordem, em uma seqüência de gestos, escolhendo os instrumentos adequados, enfim, executando de certa maneira uma organização de trabalho de compromisso.

A organização do trabalho, então, age sobre a economia psicossomática, considerando que se determina o conteúdo da tarefa por meio da divisão do trabalho. A organização do trabalho não se refere somente ao conteúdo significativo (mais restrito quanto mais profunda for a divisão do trabalho), mas também ao conteúdo ergonômico, quer dizer, os gestos, a postura e as condições de trabalho que, de certo modo, visam a economia do corpo em situação de trabalho.

2.2.2 Condições de Trabalho

Dejours (1994) considera condições de trabalho como pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas do posto de trabalho, ligadas diretamente ao corpo e desencadeando doenças somáticas do trabalho.

De acordo com o autor , condições de trabalho abrangem, ainda:

O ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude, etc), ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças, etc), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança, e as características antropométricas do posto de trabalho (DEJOURS, 1987, p.25).

O trabalho pode possuir significados distintos para cada membro da sociedade, ou seja, assim como o trabalho é hoje uma fonte de tensão e adoecimento para muitos trabalhadores, no passado ele era executado por escravos e servos em condições extremamente precárias, árduas e sem liberdade. Atualmente, também se podem observar casos em que o trabalho é fonte de prazer e realização, ao lado de trabalhos realizados em condições que geram adoecimento físico e psíquico.

Toda organização é, de antemão, desestabilizadora da saúde. Não é possível conceber uma organização de trabalho sem sofrimento físico ou psíquico. Dejours (1992), afirma que se a relação entre corpo e condições de trabalho muitas vezes é estudada corretamente, ao contrário, nunca se enfoca a repercussão do perigo real em nível mental da carga (de trabalho) psíquica inerente ao trabalho perigoso que, entretanto, faz parte do desgaste do organismo.

Para Dejours e Abdoucheli (1994), o trabalhador não é passivo diante de padrões organizacionais. O sujeito pensa em relação ao trabalho, produz interpretações acerca de sua situação e as socializa através de atos intersubjetivos, reage, se organiza e age sobre o próprio processo de trabalho e traz uma contribuição à construção e evolução das relações sociais no trabalho. O trabalho é um operador fundamental na própria construção do sujeito. Ele é o mediador privilegiado entre o inconsciente e o campo social e entre a ordem singular e a ordem coletiva e para a construção da saúde mental.

2.2.3 Relações de Trabalho

Conforme Freitas (2000), um bom ambiente de trabalho é condição necessária para o bom desenvolvimento profissional, mas é só uma parte dele, pois o sentimento de identidade social é fortemente ancorado na relação profissional, mas não se esgota nela.

Segundo Dejours (1994), relações de trabalho abrangem as relações hierárquicas superiores, na busca de reconhecimento da utilidade de sua habilidade, com os subordinados, na busca de reconhecimento da autoridade e competências com outros colegas, construindo estratégias de enfrentamento comum, com os pares tentando o reconhecimento da originalidade, da identidade e da pertença a um coletivo. Portanto, o trabalhador não é um ser que vive isolado.

As relações que o trabalhador estabelece em seu ambiente de trabalho envolvem um contexto subjetivo. Para Dejours (1994, p. 138), “a relação com a técnica é sempre secundária e mediatizada pelas relações hierárquicas, relações de solidariedade, relações de subordinação, relações de formação, relações de reconhecimento, relações de luta e relações conflituais”.

Os conflitos entre os participantes exerce para o grupo a mesma função de defesa que os sintomas para o neurótico. Assim, a defesa decorre da qualidade das relações que ela propicia, e é somente a partir desse processo reflexivo sobre o próprio trabalho, que vai permitir aos trabalhadores a mobilização que podem impulsionar as mudanças necessárias para tornar este trabalho mais saudável.

Através do desenvolvimento teórico e empírico, a teoria psicodinâmica do trabalho concebe o modelo de homem como um ser que pensa em sua relação com o trabalho, interpreta sua situação e, em razão dela, reage e se organiza. Ele possui uma história singular que constrói sobre o sentido do trabalho. É sujeito, tendo em vista que não sucumbe às pressões do trabalho e luta pela manutenção de sua saúde mental. E, sobretudo, não é isolado: toda vivência subjetiva relativa ao trabalho é construída nas relações entre sujeito ou entre grupo, privilegiando a intersubjetividade (DEJOURS, 2004).

De acordo com Grisci e Lazzarotto (2002), por longo tempo a Psicologia não se preocupou com a relação entre saúde e trabalho, como se isso fosse um objeto alheio a ela. Seu enfoque era dado à maximização da produção e à qualidade dos produtos em detrimento do interesse pelo trabalho e pela fala dos trabalhadores. Assim, a relação com o trabalho ou com o lugar do trabalho tende a se tornar a principal referência das pessoas, o sentimento de identidade social é fortemente ancorado na relação profissional.

Se de um lado, o profissional pensa nas suas relações de trabalho e atribui um sentido às situações, mas depende das condições sócio-econômicas oferecidas, em contrapartida as situações de trabalho modificam as percepções desse trabalhador de si mesmo, dos outros e do próprio trabalho. Para Assis e Macedo (2008), surge um sistema de regras, no qual o profissional se percebe como agente participante e transformador, neste aspecto emergem comportamentos controladores ou submissos e aspectos subjetivos inerentes a cada um.

Fleury (1996) ressalta que as relações de trabalho nascem das relações sociais de produção, constituindo a forma particular de interação entre agentes sociais, que ocupam posições opostas e complementares no processo produtivo: trabalhadores e empregadores.

2.2.4 Mobilização Subjetiva do Trabalhador

O conceito de mobilização subjetiva foi introduzido na década de 1990, quando Dejours (1992) faz referência à inteligência astuciosa, recursos de personalidade e coletivos de trabalho. Exemplifica um novo itinerário da psicodinâmica, preocupada em abordar o estudo do prazer aprofundando a análise das estratégias do trabalhador para tornar o trabalho saudável. Do ponto de vista subjetivo, mobiliza a inteligência astuciosa que tem raiz no corpo, nas percepções e na intuição sensível.

Pode se afirmar que a mobilização subjetiva é um processo caracterizado pelo uso dos recursos psicológicos do trabalho e pelo espaço público de discussões sobre o trabalho. A utilização desses recursos depende da dinâmica contribuição-retribuição simbólica que pressupõe o reconhecimento da competência do trabalhador pelos seus pares e pela hierarquia.

Segundo Lancman e Sznelwar (2004)

As condições subjetivas dos julgamentos de reconhecimento podem também ser analisados empírica e teoricamente. O trabalho real não pode ser reduzido à sua dimensão técnico-econômica, ou à sua dimensão sócio-ética. O trabalho real é tanto subjetivo como intersubjetivo e repousa sobre as energias do domínio afetivo. Não observar a dimensão subjetiva do trabalho leva os agentes a sofrerem e a resistirem em seu sofrimento com estratégias de defesa, hoje identificadas pela psicodinâmica do trabalho, com possíveis efeitos desastrosos sobre a produtividade – desavenças, desmobilização, individualismo- e conseqüências nefastas para a saúde mental e somática dos agentes.(p.134)

Dejours e Abdoucheli (1994) afirmam que numa organização hierarquizada do tipo piramidal quanto mais se sobe na estrutura da empresa, mais se abrem as possibilidades para a expressão e imposição dos desejos de quem ocupa os postos de chefia. Nesse sentido, somente a alta direção poderá manifestar mais plenamente os seus anseios, pensamentos e desejos. A subjetividade dos trabalhadores é reafirmada pela necessidade de seu controle para que aquilo que foi traçado seja rigorosamente cumprido. Dito de outra forma, sua importância é reconhecida pelo avesso, ou seja, para evitar ao máximo a possibilidade dos trabalhadores criarem obstáculos e desvios na produção. Logo, quanto mais se desce na hierarquia da empresa, menor vai ser a possibilidade de expressão de seus pensamentos e desejos na condução das atividades.

Desde então, a subjetividade dos trabalhadores é vista, no mínimo, com desconfiança pela organização, enquanto a dos dirigentes é valorizada. Logo, não se trata na realidade de

perguntar se a subjetividade é fundamental ou não hoje, uma vez que ela está sempre presente, mas qual é o lugar que ocupa e que importância tem no contexto social.

Mas Dejours (1987), partindo do trabalho de campo e estudando situações concretas de trabalho, observou que frequentemente isso não ocorria, o que o deixava um tanto perplexo. Ao contrário, encontrava o que denominou “um estranho silêncio”. Não encontrava os “ruídos” da loucura do trabalho, mas um estado de normalidade.

E assim sendo, a investigação proposta por Dejours (1992) traz de volta a questão tão controversa da alienação. Alienação no sentido em que Marx a compreendia nos manuscritos de 1844, isto é, a tolerância graduada segundo os trabalhadores de uma organização de trabalho, que vai contra seus desejos, suas necessidades e sua saúde. Alienação no sentido psiquiátrico também, de substituição da vontade própria do sujeito pela do objeto. Nesse caso, trata-se de uma alienação que passa pelas ideologias defensivas, de modo que o trabalhador acaba por confundir seus objetivos próprios com a injunção organizacional que substitui seu livre arbítrio. Vencido pela vontade contida na organização do trabalho, ele acaba por usar todos os seus esforços para tolerar esse contexto contra a sua natureza, ao invés de fazer triunfar sua própria vontade. Instalado o circuito, é a fadiga que assegura sua perenidade, espécie de chave, necessária para fechar o cadeado do círculo vicioso.

A fadiga, o esgotamento do corpo (mesmo sem considerar as fortes exigências físicas provenientes das regras da economia psicossomática) são uma peça necessária, embora insuficiente, da alienação pela organização do trabalho. Assim, a alienação é mais fácil de ser obtida com os operários cansados, mais fácil no fim do ano do que após as férias e mais durante a semana do que perto do fim de semana. Para Dejours (1992), se deve haver uma luta por novas relações sociais, ela deveria passar por um processo de desalienação. Assim, se o conceito de alienação não parece pertinente dentro da análise econômica, não perde a validade ao se considerar o subjetivo e o vivido (DEJOURS, 1992).

2.2.4.1 Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho

O sofrimento psíquico é objeto de estudo da Psicopatologia do Trabalho. O sofrimento implica num estado de luta do sujeito contra as forças que o empurram em direção à doença

mental. Dejours (1987) esclarece que existem dois tipos de sofrimentos: o criativo e o patogênico. O sofrimento é inevitável, seja no ambiente privado, seja no trabalho. Quando ele pode se transformar em criatividade, trás uma contribuição para a identidade e acaba por aumentar a resistência do sujeito ao risco do adoecimento psíquico ou somático. O trabalho, então, funciona, no caso, como um mediador da saúde.

Se a situação de trabalho, as relações sociais no ambiente e as escolhas gerenciais empregam o sofrimento no sentido patogênico, este passa a funcionar como um mediador da fragilização da saúde. Isso se dá quando não há nada além das pressões fixas e rígidas, mantendo a repetição e a frustração, o aborrecimento, o medo ou outros sentimentos ligados à impotência. Na medida em que todos os recursos defensivos foram explorados, mas não há percepção de recompensa, ocorre, então a 'destruição' de equilíbrio psíquico do sujeito, o que o conduz lentamente a uma descompensação mental ou física.

Dejours e Abdoucheli (1994) destacam que a intersubjetividade aparece no centro do trabalho e que este é determinado pelas relações sociais que ocorrem. O trabalhador nunca poderá ser considerado um indivíduo isolado, pois está em relação com pares, hierarquias e subordinados. Apesar de a organização de trabalho ser bastante técnica, ela passa por uma interação humana que a modifica e que lhe dará sua forma concreta.

Para esses autores, o trabalhador não é passivo diante das pressões organizacionais. O sujeito pensa na relação com o trabalho, produz interpretação acerca de sua situação e as socializa, através de atos intersubjetivos, reage, se organiza e age sobre o próprio processo de trabalho e traz uma contribuição a construção e evolução das relações sociais no trabalho. O trabalho é um operador fundamental na própria construção do sujeito. Ele é um mediador privilegiado entre o inconsciente e o campo social e entre a ordem singular e a ordem coletiva e para a construção da saúde mental (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994).

Ao analisar o trabalho como fonte de construção da identidade do trabalhador, Mendes (1999) aborda as vivências de prazer e sofrimento no trabalho, com o conceito de que,

O prazer-sofrimento são vivências psíquicas, que se manifestam por meio de sintomas, os quais estão relacionados com situações muito específicas do trabalho, diferenciando-se para cada indivíduo de acordo com o sentido que ele atribuiu ao trabalho a partir dos aspectos simbólicos constitutivos da sua subjetividade (MENDES, 1999, p. 51).

Isso reforça a caracterização do trabalho como fator de deteriorização, de envelhecimento e de doenças graves, podendo também ser um fator de equilíbrio e desenvolvimento. Ao interagir, trabalhador e organização, podem ocorrer vivências de prazer e sofrimento, dependendo de como o trabalho é organizado. Para Dejours (1994), as vivências de prazer surgem quando as exigências intelectuais, motoras ou psicossensoriais da tarefa convergem para a satisfação das necessidades do trabalhador, de tal modo que a simples execução da atividade proporcione prazer.

Além das pesquisas de Dejours, que convergem as tarefas para as vivências de prazer, pesquisas como as de Freud (1996), Lunardi e Mazilli (1996), Mendes e Tamayo (1999), Morrone (2001), Mendes (1999), Dias (2007), Araújo (2008), Assis (2008), Brasileiro (2008), Santos (2008) e Tomazini (2009) apontam o trabalho como estruturante psíquico.

O trabalho é considerado *locus* de descarga psíquica do trabalhador, energia esta que, por processos sublimatórios, encontra no campo social caminho de expressão e *locus* de construção da identidade do trabalhador, que impelido à auto-realização, tem no trabalho caminho de reconhecimento da sua identidade pelo seu fazer. Além disso, o trabalho é visto como meio de alcance de satisfação concretas e simbólicas. (MORRONE, 2001, p.8)

Para Brenner (1987), a psicanálise adota como um pressuposto básico o princípio do prazer. Conforme esse princípio, há uma tendência da pessoa buscar prazer por meio de uma gratificação que não pode ser adiada. Se o trabalho favorece relações significativas entre o trabalhador e empresário, a busca torna-se mais fácil. Segundo Mendes (1999), Morrone (2001) e Dejours (1999), o prazer também pode ser vivenciado através do reconhecimento e valorização do trabalhador pela organização. O reconhecimento passa pela reconstrução rigorosa dos julgamentos que dizem respeito ao trabalho realizado. Apesar desses julgamentos se referirem à prática do trabalho, as expectativas subjetivas do trabalhador e sua realização pessoal ganham sentido, levando-o à conquista da identidade.

O prazer é vivenciado quando experimentados sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho. A valorização é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, é importante e significativo para a organização e a sociedade. O reconhecimento é o sentimento de ser aceito e admirado no trabalho e ter liberdade para expressar sua individualidade. (MENDES, 1999, p.23)

Se falta o reconhecimento, os sujeitos se engajam em estratégias defensivas para evitar a doença mental, com sérias conseqüências para a organização do trabalho, pois ela corre o risco de paralisia. A dinâmica do reconhecimento nas situações de trabalho sugere que a cooperação é indissociável da economia da identidade e da saúde mental no trabalho (LANCMAN; SZNELWAR, 2004).

A liberdade em poder realizar o trabalho também possibilita ao trabalhador a vivência de prazer, considerando suas aspirações e possibilidades. Podendo escolher seu caminho ele saberá onde chegar e qual responsabilidade terá no contexto social. Para Chanlat (1996), em todo sistema, o ser humano dispõe de uma autonomia relativa.

Para Dejours (1994), o sofrimento manifesta de uma forma dinâmica conflitos intrapsíquicos dos processos oriundos do confronto entre as necessidades do trabalhador e a organização. Nessa relação existe a subjetividade de cada trabalhador que percebe e sofre diferentemente. "O aparelho psíquico seria, de alguma maneira encarregado de representar e de fazer triunfar as aspirações de sujeito, num arranjo da realidade suscetível de produzir, simultaneamente, satisfações concretas e simbólicas" (DEJOURS, 1992, p.62).

Segundo Dejours (1994, p. 127), "o sofrimento implicará, sobretudo, um estado de luta do sujeito contra as forças (ligadas à organização do trabalho) que o empurram em direção à doença mental".

Entende-se, então, que o sofrimento mental pode levar o sujeito à doença, quando anula os comportamentos livres (tentativa de transformar a realidade circundante conforme os desejos do próprio sujeito) ou, à criatividade, conforme sejam as possibilidades de haver um acordo entre os desejos do trabalhador e as exigências da organização do trabalho (NASSIF, 2005).

Os estudos de Mendes (2007) mostram que as vivências de sofrimento são caracterizadas sobretudo por dois elementos: o desgaste e a insegurança. O desgaste refere-se ao sentimento de que o trabalho causa estresse, sobrecarga, tensão emocional, cansaço, ansiedade, desânimo e frustração, e a insegurança, ao sentimento de temor de não conseguir satisfazer as imposições organizacionais relacionadas à competência profissional, produtividade, ritmos e normas de trabalho.

Tal sofrimento se intensifica à medida que a organização laboral não permite a subversão do trabalho prescrito em um trabalho no qual o trabalhador usa sua inteligência prática, ou seja, uma organização do trabalho flexível o bastante para possibilitar a subjetividade e a criatividade no modo de executar as tarefas.

As pesquisas de Dejours (1992) o levaram a concluir que há dois tipos de sofrimento: o criativo e o patogênico. O trabalhador, no sofrimento criativo, elabora soluções contra o sofrimento, que são favoráveis à sua saúde e à produtividade. No sofrimento patogênico, o trabalhador encontra soluções desfavoráveis à sua saúde física e mental, se esforçando para manter a produtividade

O sofrimento saudável está relacionado ao enfrentamento das imposições e pressões do trabalho causando a instabilidade psicológica, possibilitando o prazer quando as condições geradoras de sofrimento podem ser transformadas. O sofrimento patológico implica falhas nos modos de enfrentamento do sofrimento e instala-se quando a pressão da organização por produção supera o desejo dos sujeitos trabalhadores.

Para Dejours (1992), por um duplo movimento, de transformação da organização do trabalho e de dissolução dos sistemas defensivos, pode nascer uma evolução da relação saúde mental-trabalho.

2.2.4.2 Estratégias de Enfrentamento ao Sofrimento no Trabalho

Aqui, a psicanálise ajuda a compreender como a Psicodinâmica do Trabalho pensa e apreende essa vivência no trabalho. É por meio do conceito psicanalítico de angústia que Dejours irá pensar o gênero do sofrimento que pré-existe ao trabalho.

Para Rocha (2003), estratégias defensivas (de enfrentamento) constituem as possibilidades de adaptação, ajustamento à organização do trabalho ou sua transformação para colocá-la em concordância com o desejo dos trabalhadores. Se fracassam surge o adoecimento.

O estudo clínico mostrou que, no domínio da psicologia do trabalho, a par dos mecanismos de defesa clinicamente descrito pela psicanálise, existem defesas construídas e empregadas pelos trabalhadores coletivamente. Trata-se de estratégias coletivas de defesa que são especificamente marcadas pelas pressões reais do trabalho. Dejours (1999), após algumas

pesquisas, em vez de detectar as inapreensíveis doenças mentais do trabalho, registrou que, em sua maioria os trabalhadores permaneciam na “normalidade”.

Apoiado na psicanálise, na sociologia política e na ergonomia francesa, o autor criou a disciplina Psicodinâmica do Trabalho que tem como um dos objetivos analisar as estratégias de defesa individual e coletivas que os trabalhadores constroem inconscientemente contra o sofrimento. Essas estratégias tentam preservar as satisfações desses trabalhadores e evitar os efeitos prejudiciais dos constrangimentos do trabalho sobre sua saúde (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

As estratégias de defesa, para a psicodinâmica do trabalho, contribuem de maneira decisiva para a coesão do coletivo de trabalho. Trabalhar não é apenas ter uma atividade, mas também viver: viver a experiência da pressão, viver em comum, estabelecer relações com outros, enfrentar a resistência do real, construir o sentido do trabalho, da situação e do sofrimento (DEJOURS, 1994).

Dejours (1994, p. 128) salienta que,

Não conhecemos sofrimento nem prazer de um grupo, de um coletivo, de uma organização ou de uma sociedade. Prazer e sofrimento são vivências subjetivas, que implicam um ser de carne e um corpo onde ele se exprime e se experimenta, da mesma forma que a angústia, o desejo, o amor, etc.

Dejours e Abdoucheli (1994) destacam que na relação entre estratégia de defesa e alienação há o risco de, ao transformar a percepção da realidade, as estratégias coletivas de defesa não estariam se arriscando a enganar os trabalhadores, a mascarar o sofrimento e a perturbar a ação ou luta contra as pressões patogênicas da organização do trabalho. E aqueles que sofrem pela intensificação do trabalho, pelo aumento da carga de trabalho e da fadiga, ou pela desarticulação das relações de trabalho, encontram dificuldades para reagir ativamente. Estudo com operários em uma indústria mostram que, diante de pressões, do ritmo intenso e de exíguas possibilidades de coletivamente manejá-los, a principal estratégia utilizada pelos trabalhadores foi a resistência, capacidade de ir até o fim, sem se ferir ou adoecer.

De acordo com Dejours (1994),

As estratégias defensivas são necessárias para a continuação do trabalho e adaptação às pressões para evitar a loucura, em contrapartida elas contribuem para estabilizar a relação subjetiva com a organização do trabalho, no estado em que ela se encontra e a alimentar uma resistência à mudança (p.130)

Assim, as estratégias defensivas são tão preciosas para o trabalhador que são capazes de promover o alcance dos objetivos da empresa, transformando-se em comportamentos produtivos. Percebeu-se que, “para aumentar a produção, basta puxar a rédea do sofrimento psíquico” (DEJOURS, 1987, p.10).

As estratégias defensivas, para Dejours (1999), cumprem um papel contraditório. Necessárias à proteção da saúde mental contra os efeitos deletérios do sofrimento, as estratégias podem funcionar como uma armadilha que insensibiliza para aquilo que faz sofrer. Assim, as estratégias coletivas de defesa, descobertas pela psicodinâmica do trabalho, contribuem de maneira decisivas para a coesão do coletivo de trabalho, também em conformidade com as considerações de Pagès (1982), Dias (2007), Araújo (2008), Assis (2008), Brasileiro (2008), Santos (2008) e Tomazini (2009).

A ideologia funcional tem por objetivo mascarar, conter e ocultar uma ansiedade particularmente grave. Também é no nível da ideologia defensiva, como mecanismo elaborado por um corpo social particular, que se deve procurar uma especificidade relacionada à natureza da organização do trabalho. Segundo Dejours (1992), a característica da ideologia defensiva, é ela ser dirigida não contra uma angústia¹ proveniente de conflitos intrapsíquicos de natureza mental, mas ser destinada a lutar contra um perigo e um risco reais.

2.3 PESQUISAS ATUAIS EM PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Com a finalidade de debater os rumos teóricos e metodológicos da pesquisa e da prática em psicodinâmica do trabalho, além de contribuir para a discussão dos paradigmas transformadores no campo do trabalho, da saúde e das políticas públicas, vários estudos tem sido realizados, vislumbrando os efeitos do trabalho na vida do trabalhador.

¹ A angústia resulta de um conflito intrapsíquico, isto é, de uma contradição entre dois impulsos inconciliáveis. Pode tratar-se de uma oposição entre duas pulsões, entre dois desejos, entre dois sistemas (p.ex. consciente, inconsciente), entre duas instâncias. Segundo Dejours (1992) a investigação da angústia só deve ser realizada pela psicanálise, uma vez que a angústia é uma produção individual, cujas características só podem ser esclarecidas pela referência contínua à história individual, à estrutura da personalidade e ao modo específico de relação objetal.

O eixo de análise dessas pesquisas é a temática trabalho, prazer e sofrimento, inspirada no objeto de estudo da psicodinâmica, que articula a organização do trabalho e os processos de subjetivação manifestos nas vivências de prazer-sofrimento, nas estratégias de ação para mediar contradições, nas patologias sociais e na saúde.

A Psicodinâmica do Trabalho vem sendo utilizada em pesquisas na Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC, tendo por professora pesquisadora a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo. Sua linha de pesquisa objetiva analisar as organizações e a influência da psicodinâmica na gestão das organizações, onde o bem estar dos indivíduos, grupos e organização constituem no objetivo final.

Dias (2007) objetivou estudar as vivências dos trabalhadores de uma organização de entretenimento. Em seu estudo detectou a busca constante por produtividade, ou seja, o resultado da organização atrelado à produtividade, o que significa a supremacia da razão sobre o imaginário, da acumulação ampliada do capital sobre as relações humanas.

Verificou-se, também, que a imagem projetada pela organização era valorizada pelos seus membros, e a aparência da organização era importante para os sujeitos nela inseridos. A pesquisa de Dias (2007) permitiu perceber a forma como a organização utiliza o discurso de autonomia e de liberdade dos trabalhadores nas decisões internas. Percebe-se que, na organização pesquisada não existia fim de expediente, fim de semana ou vida privada. O trabalho invadia a vida familiar e amorosa dos trabalhadores, lembrando-os que deveriam sempre estar disponíveis. Os trabalhadores sentiam cansaço, depressão, sofriam em decorrência de noites mal dormidas, de privação do sono, e a insuficiente compensação no plano privado não era suficiente para um trabalho eficaz e uma exigência crescente de resultado de metas de vendas. Assim, evidenciou-se que a organização pesquisada era um lugar permanente de representações, que possibilitava aos trabalhadores identificar-se com ela, contudo, essa unicidade não era percebida por eles, uma vez que sustentavam o discurso da participação, do reconhecimento do outro, da sedução e da adesão às normas e aos regulamentos internos. É importante salientar que os trabalhadores procuram compreender o que há por trás do discurso organizacional e que eles estão inseridos em uma teia de armadilha da estrutura estratégica para se trabalhar.

Araújo (2008) buscou analisar o trabalho dos professores de uma academia de ginástica, um trabalho dentre alguns outros, que teve como proposta apreender o sentido que o trabalho possui para trabalhadores que promovem o lazer. No estudo em referência, o autor concluiu que o diferencial em sua pesquisa com trabalhadores do lazer consiste no fato de que a alienação é inerente aos sujeitos de sua pesquisa, demonstrada na submissão do corpo numa relação alienante, onde o professor de ginástica com uma formação específica, não percebeu em nenhum momento da pesquisa a exploração vivenciada.

Assis (2008), pesquisando o trabalho em uma banda de *blues*, constatou que os músicos sofrem os efeitos de preconceitos e desfrutam de pouco reconhecimento do papel que representam na cultura e na sociedade, embora tenham a profissão reconhecida por um sindicato. Para a compreensão do reconhecimento do trabalho dos músicos, faz-se necessária a superação de um entendimento dualista entre inclusão e exclusão social e se busque uma compreensão que abarque a dialética inclusão/exclusão. Neste estudo, pôde-se perceber que os músicos relataram predominância de vivências de prazer ao desempenharem o trabalho, apesar do desgaste físico e emocional.

Santos (2008) pesquisou como os bailarinos de uma companhia de dança contemporânea vivenciavam seu trabalho, como era o sofrimento oriundo da organização do trabalho e quais estratégias defensivas utilizam para ressignificá-lo. A autora concluiu que, embora o trabalho ofereça sofrimento e desgaste com o excesso de ensaios, técnicas, exigência por *performances* rígidas, o reconhecimento do público, a realização de um trabalho que vai além da materialidade, dos vínculos empregatícios que visam somente lucro, em uma sociedade de prática econômica capitalista, a profissão sempre foi para eles um sonho, é um trabalho artístico diferenciado. As vivências de prazer oriundas de conteúdos simbólicos e ergonômicos satisfatórios compensam o sofrimento, e que para ressignificá-lo os bailarinos utilizam estratégias de enfrentamento como a auto-aceleração.

Brasileiro (2008) pesquisou as relações e sentidos da vida do trabalhador circense e os resultados encontrados indicam que, apesar de ser uma empresa de entretenimento/lazer, o circo proporciona aos trabalhadores experiências tanto de prazer como de sofrimento. As análises feitas evidenciam o circo como uma empresa que, em seu contexto, é caracterizada por organização, relações e condições de trabalho semelhantes a organizações de outras áreas. No circo, a organização do trabalho é relativamente livre, pois existe certa autonomia, apesar

de controlada pelas regras e normas da empresa. As relações de trabalho são mantidas de forma amigável, tanto com chefes e colegas, existindo também relações consideradas familiares (de família consanguínea ou não). As condições de trabalho mostram-se satisfatórias, proporcionando aos trabalhadores do circo segurança e estabilidade. Ao mesmo tempo, o risco de acidente e falhas, a pressão e sobrecarga geradas pelo nome da empresa, pela exigência do público e pelo avanço da idade, são considerados como fatores que levam ansiedade, insegurança e medo aos circenses. O reconhecimento é peça-chave para o prazer do circense e, por isso, se ele não existe, ocorre o sofrimento.

Tomazini (2009) pesquisou as vivências de prazer e sofrimento dos trabalhadores de *Shopping Center*. Segundo a autora, os dados encontrados indicam que, apesar de ser uma empresa que atua no ramo de lazer e entretenimento, o *Shopping* proporciona aos seus trabalhadores vivências tanto de prazer como de sofrimento.

Para atender ao objetivo desta pesquisa, que consistiu na investigação dos sentidos e vivências relacionadas ao trabalho das prostitutas que residem em casas noturnas à luz da psicodinâmica do trabalho, o próximo capítulo apresenta o delineamento metodológico do estudo empírico.

CAPÍTULO 3 - DELINEAMENTO METODOLÓGICO DO ESTUDO

O método é conceituado como sendo “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. A metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e o potencial criativo do pesquisador (MARCONI; LAKATOS, 2007, p.38).

Assim, neste capítulo será apresentado o caminho metodológico percorrido pela pesquisadora para apresentar o porquê de um estudo de caso, a população pesquisada, a coleta de dados e a técnica utilizada para a análise dos mesmos.

Para Marconi e Lakatos (2007), o estudo de caso é um dos tipos de pesquisa de uso mais extensivo em pesquisa social. Dentre os tipos de estudos desenvolvidos pela pesquisa qualitativa encontra-se o estudo de caso de caráter descritivo exploratório.

A opção por realizar um estudo de caso de caráter descritivo-exploratório foi feita considerando que os estudos exploratórios, como assinala Triviños (1987), permitem ao pesquisador ampliar seu conhecimento em relação a determinado fenômeno, aprofundando seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimento para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva. Um estudo exploratório também pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa.

Os estudos descritivos exigem do pesquisador uma série de informações a respeito do que deseja pesquisar e permitem conhecer e descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Triviños (1987) afirma que, no estudo de caso, os resultados são válidos só para o caso que se estuda, uma vez que não se pode generalizar o resultado atingido no estudo. O grande valor do estudo de caso consiste em fornecer conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada, de forma que os resultados atingidos possam permitir e formular novos problemas para o encaminhamento de outras pesquisas.

A escolha pelo estudo de caso implica buscar a compreensão singular e profunda de eventos, organizações, grupo de pessoas ou simplesmente uma única pessoa, de acordo com Lancman e Heloani (2004). O objeto estudado dessa forma é tratado como único, como representação particular da realidade.

Segundo Triviños (1987, p.133), “o estudo de caso é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”. Esta definição determina suas características que são dadas por duas circunstâncias. Por um lado a natureza e abrangência da unidade (sujeito), e por outro lado a complexidade do estudo determinada pelos suportes utilizados como orientação. Além de que “o caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto para propor uma intervenção” (CHIZZOTTI, 1998, p.102)

Ainda para Triviños (1987), é importante lembrar que no estudo de caso a complexidade aumenta à medida que se aprofunda o assunto. Além disso, o estudo de caso é marcado, mais do que outros tipos de pesquisa, pela implicação do pesquisador no processo e pelos resultados do estudo, exigindo maior objetivação, originalidade, coerência e consistência das idéias.

Para a construção do conhecimento, o caso não é um elemento isolado, conforme Fonseca (1999), mas um momento de sentido no curso da produção teórica. Em um caso, sua legitimidade é dada pelo que representa para a qualidade do processo teórico em desenvolvimento.

O estudo de caso é tomado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que norteiam uma dada situação, bem como retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais presentes nesta mesma situação. Por fim, essa modalidade de pesquisa é especialmente indicada para estudos em que o pesquisador explora os fenômenos como ocorrem naturalmente.

3.1 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Este trabalho apresentou o seguinte problema de pesquisa: quais os sentidos e as vivências relacionadas ao trabalho das prostitutas que residem em casas noturnas?

O objetivo geral consistiu em investigar os sentidos e as vivências relacionadas ao trabalho das prostitutas que residem em casas noturnas, à luz da psicodinâmica do trabalho. Os objetivos específicos da pesquisa consistiram em: a) investigar os sentidos que as prostitutas que residem em casas noturnas atribuem ao seu trabalho; b) Investigar, analisar e discutir a organização, as condições e as relações do trabalho; c) Investigar aspectos que desencadeiam vivências de prazer e sofrimento nessas trabalhadoras; d) Levantar, analisar e discutir as estratégias de enfrentamento, individuais e coletivas, que as prostitutas desenvolvem para lidar com as vivências de sofrimento em seu trabalho.

3.2 CAMPO DA PESQUISA

Inicialmente, o estudo levou a pesquisadora a buscar no município de Goiânia casas noturnas direcionadas à clientela de classe média alta e alta, que também fossem residências das prostitutas. Como o município goianiense não dispõe de locais com essa característica, privilegiando o público classe A, tal obstáculo fez com que o estudo se voltasse para cidades do interior de Goiás.

O interesse da pesquisadora se deteve em uma organização que tinha casas noturnas em duas cidades do interior do Estado. Segundo Triviños (1987), o pesquisador deve, nesse tipo de estudo, valer-se do conhecimento existente sobre a organização que deseja pesquisar, com base nos materiais disponíveis (documentos, arquivos, etc) e realização de entrevistas.

Uma das cidades caracteriza-se por ser um grande pólo turístico, e a outra é limítrofe com o Estado de Minas Gerais, preservando ainda o critério de serem casas frequentadas pela classe A. Caracterizam como casas noturnas os ambientes que oferecem serviços de acompanhantes e/ou shows de *strip-tease*, preferencialmente ao público masculino.

As casas pesquisadas localizam-se estrategicamente próximas às rodovias federais (BR) e em bairros afastados dos centros urbanos. São casas térreas, com piscina, amplas varandas, salões decorados na cor vermelha, palco com espelho (para os shows de strip-tease), bar com balcão e bancos altos, cozinhas convencionais, quartos e suítes para os programas sexuais contratados. Os camarotes observados não são privativos, e os quartos e suítes são decorados modestamente com uma cama de casal, mesa, cadeira e cortinas. Há também os quartos denominados repúblicas, que são os aposentos de repouso das trabalhadoras que residem nas casas.

Os clientes têm livre acesso às boates, sendo que o porteiro não têm a norma de registrar nenhum dado dos mesmos, nem pessoais nem dos veículos. A transação comercial se realiza nas mesas entre clientes e acompanhantes, podendo ser consumada na casa ou fora dela. O preço do programa varia entre R\$ 100,00 e R\$ 2.000,00, conforme a modalidade do contrato (sexo oral, penetração vaginal ou anal, swing, programa com mulheres), sendo que todo o valor pago fica para a profissional. O valor mínimo para o programa na boate é de R\$ 100,00. A arrecadação obtida pelo strip-tease é todo da dançarina (*stripper*). Estas informações foram obtidas com as entrevistadas.

O lucro das boates advém apenas do consumo da bebida e do valor pago pela utilização dos quartos e suítes, no caso do programa ser realizado no local. Caso o mesmo seja fora, a garota deve pagar à casa a saída, ou seja, o valor do quarto que não foi utilizado, que pode variar entre R\$ 20,00 e R\$ 35,00. Observou-se também um superfaturamento nas bebidas, com a diferença de até 100% de acréscimo comparado aos preços habituais, conforme a bebida solicitada.

A rotina de funcionamento, em ambas as boates, é a mesma, ou seja, de segunda à sexta abre-se às 20h e fecha-se às 03h30, caso não haja mais nenhum cliente. Com raríssimas exceções, esse horário é obedecido e, normalmente, o movimento faz com que se extrapole o horário. Aos sábados, inicia-se às 14h e encerra-se às 24h, mas o mesmo se dá como nos dias de semana, em que o horário é ultrapassado. O descanso é somente aos domingos. É parte da rotina a propaganda ou panfletagem feita por todas as garotas escaladas para atuar em locais estratégicos da cidade.

3.3 HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO

A organização teve início na década de 1990, com a primeira casa no pólo turístico. Era uma sociedade com uma outra garota de programa em que a atual proprietária entrou no negócio com todo o trabalho administrativo e com as garotas num total de cinco na ocasião. A sociedade só funcionou durante dois meses e fechou. A segunda casa, situada na divisa dos Estados de Goiás e Minas Gerais, iniciou com 20 prostitutas, também na mesma década. Em 2004, a casa da cidade turística foi reaberta. Ambas as casas sempre trabalharam com sexo ao vivo², shows de *streap-tease* com modelos fotográficos de revistas famosas e acompanhantes. Na ocasião da pesquisa, as casas contavam com aproximadamente 40 trabalhadoras, 20 em cada uma e que nenhuma delas desenvolvia atividades paralelas.

3.4 PARTICIPANTES

O conhecimento científico, dentro da pesquisa qualitativa, não busca legitimidade na quantidade de participantes, mas na qualidade da produção de suas idéias e pensamentos. Rey (1999) acredita que o número de sujeitos a estudar corresponde a um critério qualitativo, definido essencialmente pelas necessidades do processo de conhecimento que aparecem no decorrer da investigação. Portanto, a investigação qualitativa não está presa a uma definição instrumental, e sim a uma definição epistemológica e teórica, apoiada em processos de construção do conhecimento diferenciados daqueles utilizados pela investigação quantitativa tradicional dentro da Psicologia

As participantes foram escolhidas considerando os critérios de inclusão como sendo: sexo feminino, maiores de 18 anos, profissão prostituta e trabalho na casa noturna. Os critérios de exclusão foram: ter menos que 18 anos, sexo masculino e não ser prostituta. Obedecendo aos critérios, foram entrevistadas 15 mulheres, entre 18 e 35 anos, prostitutas, com grau de escolaridade variando entre 1º grau completo e superior incompleto, residentes nas casas pesquisadas.

Vale ressaltar que, quando nas entrevistas as participantes se vestiam com roupas comuns, do dia-a-dia, apesar de que, a regra para o horário de funcionamento é de que todas

² Sexo ao vivo refere-se as apresentações profissionais que simulam ou praticam relações sexuais no palco.

estejam no salão às 20h, devidamente vestidas, com corpos, cabelos, peles e unhas muito bem cuidados, aspectos que são supervisionadas pelas gerentes.

3.5 PROCEDIMENTOS

Após a autorização dos proprietários, foi solicitado às gerentes das boates que informassem às trabalhadoras sobre o motivo da presença da pesquisadora nos locais. Àquelas que voluntariamente se dispuseram a participar do estudo foi apresentado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas individuais, num total de 15 (quinze), foram realizadas na primeira quinzena de dezembro de 2008, com uma duração média de 50 minutos cada. Os encontros para as entrevistas se deram fora do horário de expediente, autorizados e previamente agendados pelas trabalhadoras. O local da realização das entrevistas era geralmente um espaço dentro da casa, ou na área externa, desde que se pudesse gravar as entrevistas sem interrupções e sem chamar atenção dos clientes que porventura estivessem presentes. Em seguida, as entrevistas foram transcritas em sua íntegra e posteriormente analisadas a partir das categorias: a) organização do trabalho; b) condições de trabalho; c) relações de trabalho; d) relações de prazer e sofrimento no trabalho; e e) estratégias de enfrentamento no trabalho.

Para Gaskell (2002), a transcrição é uma parte essencial do processo e por isso é muito difícil analisar entrevistas feitas por outras pessoas. A transcrição das entrevistas, é o primeiro passo da análise. O autor enfatiza que é vital garantir que toda interpretação esteja enraizada nas próprias entrevistas, de tal modo que, quando a análise é feita, o *corpus* possa ser utilizado para justificar as conclusões.

As técnicas de coleta de dados usadas foram a análise documental e entrevistas individuais semi-estruturadas. A pesquisa documental teve por objetivo a obtenção de informações relativas à organização, mas diante da escassês de registros só foi possível acessar as escalas e regiões para panfletagem, *books* fotográficos, cartazes fotográficos, cardápios com os respectivos preços, as normas e regras das casas.

O roteiro da entrevista foi construído com base na teoria psicodinâmica do trabalho, com fundamentação teórica nos estudos de Dejours (1992, 1993, 1994, 1997, 2001, 2004), Pagès (1987), Mendes (1999), Dias (2007), Santos (2008), Assis (2008), Brasileiro (2008) Araújo (2008) e Tomazini (2009), sendo dividido em cinco categorias:

- a) 1ª categoria: quatorze perguntas relativas à organização do trabalho e relações de trabalho;
- b) 2ª categoria - quatorze perguntas referentes a condições de trabalho e descrição de função;
- c) 3ª categoria - doze perguntas relacionadas com prazer e sofrimento no trabalho;
- d) 4ª categoria - três perguntas relativas às estratégias defensivas;
- e) 5ª categoria - três perguntas relacionadas com sentidos do trabalho e identidade profissional e quatro perguntas a respeito das considerações finais das participantes.

O roteiro da entrevista, que encontra-se nos anexos, foi formulado e submetido à testagem piloto. No piloto verificou a utilização de uma linguagem apropriada que facilitasse a compreensão das perguntas e a sequência mais adequada das mesmas.

Bauer e Gaskell (2002, p. 73) assinalam que “toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca”. A entrevista não é apenas um processo de informação de mão única entre o entrevistado e o entrevistador: é uma interação, uma troca de idéias e de significados, onde realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Ainda neste sentido, Bauer e Gaskell (2002) ainda afirmam que entrevistado e entrevistador, de maneiras diferentes, estão envolvidos na produção de conhecimentos.

A entrevista semi-estruturada, para Triviños (1987, p.146), de um modo geral, é “aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”.

A entrevista semi-estruturada, como instrumento de coleta de dados, é amplamente utilizada na investigação social (DEJOURS, 1994; LANCMAN; SZNELWAR, 2004;

MENDES, 2007; DIAS, 2007; ARAÚJO, 2008; ASSIS, 2008; BRASILEIRO, 2008; SANTOS, 2008; TOMAZINI, 2009), possibilitando, mais que nos questionários ou escalas, dados mais profundos (verticalizados) relacionados ao comportamento do entrevistado nos seus mais diversos aspectos, além de alcançar temas mais complexos.

3.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Na utilização da Análise do Discurso (AD) como estratégia de pesquisa no campo social, múltiplas são as abordagens possíveis. As características do material trabalhado e os objetivos pretendidos são os elementos norteadores. Quando se busca construir interpretações, a Análise do Discurso parte da premissa de que “um sentido oculto deve ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível” (MAINGUENEAU, 1989, p.11). Buscar o significado oculto não implica a crença em um único sentido, em uma única verdade. O foco de interesse é a construção de procedimentos capazes de transportar o olhar-leitor à compreensão menos óbvias, mais profundas através da desconstrução do literal, do imediato.

A análise do discurso prioriza a relação estabelecida entre a linguagem e o contexto histórico e social, condição adequada para sua produção. Tal condição inclui tanto quem fala quanto quem ouve, e também todo o contexto histórico-social e ideológico da comunicação. Isto equivale a afirmar que a base da construção do sentido de um texto ou discurso é a cultura na qual ele foi produzido.

Neste estudo, os dados foram obtidos com a aplicação das entrevistas e foram tratados por meio da Análise Gráfica do Discurso, de Sílvia Lane (1985), que visa apreender os aspectos subjetivos do indivíduo. Sua proposta é “[...] procurar graficamente os núcleos de pensamento, através das palavra que se repetem (ou dos sinônimos), mas seguindo a continuidade do discurso, utilizando a sequência dos números para cada ‘unidade de significação’ sujeito ou predicado (LANE, 1985, p. 8).

A análise do discurso pode ser aprofundada ao procurar as relações entre o discurso e as características do sujeito: seu grupo social, suas atividades, sua história pessoal.

Uma análise do discurso é uma leitura cuidadosa, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organizações e funções do discurso. Em uma análise final, a análise do discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado.

Segundo Lane (1985), as verbalizações apresentam-se como representações que o indivíduo constrói para orientar-se em suas ações com seu meio social. O discurso é considerado fato e contém a marca do sujeito e de sua atividade. As representações são os dados empíricos nas quais se baseia para atingir o conhecimento concreto da consciência dos indivíduos.

A Análise Gráfica do Discurso de Lane (1985) apresenta os seguintes pressupostos: a) não-fragmentação do discurso, pois qualquer critério utilizado para tanto já contém uma interpretação externa; b) a visão da linguagem deve ser construtiva (criadora) e construída e, em consequência, as relações entre os significantes devem ser mantidos constantes; c) o discurso, como uma forma de ação, produto da interação entre pensamento e linguagem, processa-se em espiral, havendo, assim, retornos e avanços, semelhanças e diferenciações; d) deve haver uma convicção na organização retórica do discurso, pois esse movimento em espiral caracteriza significações centrais e periféricas.

Na análise gráfica do discurso, mantém-se as setas e os números que indicam a relação e a seqüência do discurso, de modo que se possa ler a entrevista como realizada. Em vez de tratar o discurso como um caminho para outra realidade, os analistas de discurso estão interessados no conteúdo e na organização dos textos.

Para Lane (1985), ao mesmo tempo que os gráficos vão se formando e núcleos se destacando, os núcleos de pensamento são detectados, o que lembra Vigotski em sua análise sobre pensamento e linguagem. Segundo essa abordagem, há interpenetração e mútua dependência entre os dois, porém eles se processam em direções opostas: o pensamento vai do geral ao particular, e a linguagem, do particular ao geral. Assim, a linearidade do discurso constitui-se das particularidades que se processam relativas a um geral pensado e, dessa forma, os núcleos que os gráficos detectam são o pensado em torno do qual o discurso se articula.

A técnica de análise do discurso torna a análise simples, pois, mediante a descrição dos núcleos encontrados e das unidades significativas a eles relacionadas, há a representação que o indivíduo elaborou, com suas contradições, suas rupturas, o que permite detectar elementos ideológicos que permeiam suas representações e, assim, constatar a sua consciência se processando.

Segundo Macêdo (1999), o procedimento para a análise gráfica do discurso obedece à seguinte seqüência: a) transcrição do discurso da forma mais fiel possível; b) análise, identificação e enumeração das unidades de significação; c) ligação por setas, seguindo a direção da seriação das frases nos textos discursivos; e d) busca das palavras-chave ou dos núcleos de pensamento que retornam ao núcleo induzido, que é a pergunta.

A título de ilustração, será apresentado um pequeno fragmento do discurso de entrevistadas e seu respectivo gráfico, com o objetivo de clarificar os passos que foram seguidos na elaboração deste, uma vez que, no capítulo dos resultados, serão apresentados os gráficos finais e não a sua construção. Para isso, apresenta-se trecho da fala referente ao início da profissão como prostituta.

“Foi difícil. [...]fazer o primeiro programa foi difícil[...]”
 “[...]uma amiga da minha irmã que tava vindo para cá, daí ela me chamou pra vir conhecer, prá vir morar, conhecer, aí eu peguei e vim. . [...]”
 “Muito ruim até me acostumar, . [...]”
 “No início, quando tinha 18 anos foi muito difícil, mas agora , já virei puta véia. [...]”
 “Foi ruim né porque não tinha costume . [...],”
 “[...]foi muito difícil, tinha nojo, medo, mas tinha que ganhar dinheiro, aí a gente se sujeita.”
 “[...] Foi difícil, ficar com qualquer um não é fácil. Tem homens de todo tipo. Mas, o dinheiro fala mais alto, a necessidade, faltava emprego ”
 “Eu tinha muita vergonha, ficar com quem a gente não gosta é muito ruim [...], depois fica tudo normal, a gente fica que nem mercadoria.”
 “Uma amiga me chamou.”
 “Eu não sabia o que era a prostituição, foi muito difícil, faltava coragem [...],”
 O início se deu por uma discussão com minha tia, resolvi sair e fui para a boate. Fiquei sem lugar para morar, eu morava com ela.

Observa-se que as palavras que se repetem são sublinhadas, objetivando-se visualizar a identificação dos núcleos de pensamento. Percebe-se que surgem dois núcleos de pensamento: faltava e difícil

Dessa sequência, surgiu o gráfico que se segue (Gráfico 1). Esta ilustração refere-se a um esquema gráfico de parte de um discurso.

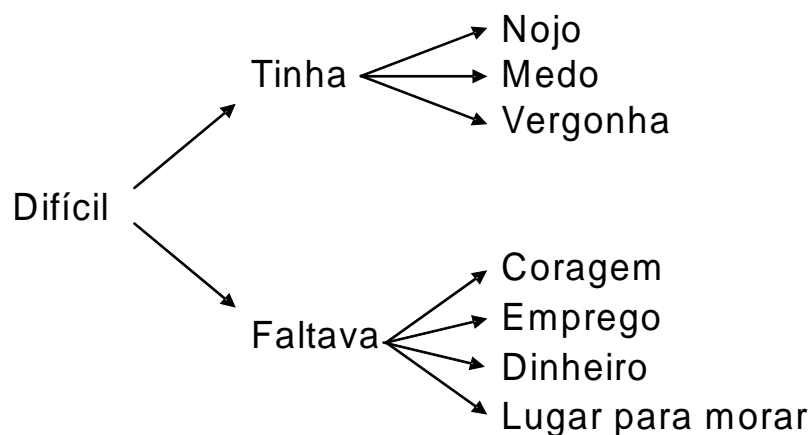


Gráfico 1 - Exemplo de gráfico elaborado a partir dos núcleos de pensamento identificados na transcrição das entrevistas. Acima, o esquema inicial; abaixo, o gráfico final.

A seguir, no capítulo IV, o discurso das prostitutas será apresentado, discutido e analisado considerando-se as seguintes categorias associadas à psicodinâmica do trabalho:

gestão da organização que envolve a organização do trabalho, as relações de trabalho e as condições de trabalho; vivências de prazer e vivências de sofrimento no trabalho e estratégias defensivas. Neste capítulo poderá ser observado que algumas perguntas não foram contempladas com seus respectivos gráficos para análise. Isto ocorreu pelo fato de algumas respostas serem curtas e lacônicas inviabilizando a construção gráfica, uma vez não ser possível detectar o núcleo de pensamento.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo deste capítulo é apresentar a análise e discussão dos resultados. Serão apresentados os gráficos dos discursos das trabalhadoras das casas noturnas pesquisadas e utilizada a abordagem teórica apresentada nos capítulos anteriores para a discussão dos resultados.

No capítulo anterior encontra-se uma descrição dos passos percorridos para a construção dos gráficos apresentados, o que facilita a sua leitura e compreensão. Neste, serão apresentados os gráficos gerados a partir das entrevistas realizadas com as 15 (quinze) trabalhadoras residentes em ambas as casas noturnas da organização.

Adotar-se-á a seguinte legenda para os sujeitos participantes: P – pergunta; S – sujeito. E os gráficos serão apresentados na seqüência das perguntas, que seguiu os critérios das categorias da psicodinâmica, definidas a priori, que são:

- a) 1ª categoria - quatorze perguntas relativas à organização do trabalho e relações de trabalho;
- b) 2ª categoria - quatorze perguntas referentes a condições de trabalho e descrição de função;
- c) 3ª categoria - doze perguntas relacionadas com prazer e sofrimento no trabalho;
- d) 4ª categoria - três perguntas relativas às estratégias defensivas;
- e) 5ª categoria - três perguntas relacionadas com sentidos do trabalho e identidade profissional e quatro perguntas a respeito das considerações finais das participantes.

4.1 DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DA POPULAÇÃO PESQUISADA

Este estudo contou com a participação de quinze trabalhadoras que se apresentaram voluntariamente, utilizando o critério de que todas fossem prostitutas e residissem nas boates pesquisadas. Segue breve descrição das participantes com nomes fictícios, com dados da ocasião da coleta de dados..

- a) Anita, 20 anos, solteira, veio do interior do Estado do Tocantins, há 10 meses na profissão, 2º grau completo, gestante do primeiro filho;
- b) Gabriela, 20 anos, solteira, veio do interior do Estado de Minas Gerais, há seis meses na profissão, não tem filhos. Quando veio para Goiás, trancou a matrícula no curso de Veterinária. Os pais são médicos veterinários e considerados pela entrevistada como sendo de classe média alta;
- c) Amanda, 20 anos, solteira, veio do interior do Estado do Tocantins, há um mês na profissão, 2º grau incompleto, não tem filhos;
- d) Elen, 26 anos, solteira, há oito anos na profissão, 2º grau incompleto, quatro filhos. Apesar de ter vindo do interior do Estado do Tocantins, sua origem é paraibana. Já passou também por outros estados enquanto prostituta;
- e) Valéria, 23 anos, solteira, há três anos na profissão, 2º grau incompleto, não tem filhos. Veio do interior do Estado do Tocantins;
- f) Paula, 21 anos, solteira, há três anos na profissão, 1º grau incompleto, um filho, veio do interior do Estado do Tocantins;
- g) Júlia, 22 anos, solteira, há três anos na profissão, 2º grau incompleto, não tem filhos, do interior do Estado do Tocantins;
- h) Neli, 20 anos, solteira, há um ano na profissão, 2º grau incompleto, não tem filhos, do interior do Estado do Tocantins;
- i) Dora, 19 anos, solteira, há um ano na profissão, 2º grau completo, não tem filhos, do interior do Estado do Tocantins;
- j) Aline, 18 anos, solteira, há oito meses na profissão, 2º grau completo, não tem filhos, do interior do Estado do Tocantins;
- k) Fernanda, 25 anos, solteira, há um ano no cargo de subgerente, 2º grau completo, um filho. Veio do interior do Estado do Tocantins. Antes de ocupar o cargo de subgerente atuava como prostituta em uma das casas;
- l) Sara, 18 anos, solteira, há quatro meses na profissão, 2º grau incompleto, não tem filhos, veio do interior de Goiás;
- m) Flávia, 19 anos, solteira, há cinco meses na profissão, 2º grau incompleto, não tem filhos, veio do interior do Estado do Tocantins;
- n) Fabiana, 35 anos, divorciada, há sete anos no cargo de gerente de uma das casas, 2º grau completo, dois filhos, veio do interior do Estado do Tocantins;

- o) Marina, 22 anos, casada, há um ano na profissão, 2º grau completo, um filho que está sob a guarda do pai no Estado de MG, do interior de Goiás, e é a segunda casa na qual atua como prostituta.

Nesta pesquisa, ficou evidenciado que continuar os estudos seria uma das possibilidades de mudar de atividade e “sair dessa vida”, como se observa nos relatos a seguir:

O ano que vem quero prestar vestibular, sair não dá para sair não, porque a partir do momento que cê entra aqui e começa a ganhar dinheiro fácil, não é fácil sair desta vida, começar num trabalho digno, trabalho honesto e esperar 30 dias para ganhar um salário. É muito difícil, eu pretendo estudar e continuar, não em boate entendeu, mas, mais por telefone, assim. Pretendo o vestibular para enfermagem. Na minha família, a maioria das pessoas formadas, estão na enfermagem. (P47-S1)

Antes do novo curso, quero conhecer outras casas, quero ir pra São Paulo, quero ir pra casa de minha tia, porque faço show, faço *strep*, mexo com show, fiz balé, quero fazer uma aula de polidance, aquela dança, então tipo assim, eu não quero me prostituir, eu quero viver só de show, entendeu. Eu gosto disso, me sinto uma mulher completa quando faço um show, mas não me sinto completa quando faço um programa. Então quero estudar isto, quero conhecer outras casas. Quero ir para São Paulo para me profissionalizar numa academia. Eu quero fazer medicina, meus pais são veterinários, eles sempre quiseram que eu fizesse medicina. Conheci uma garota que faz medicina daí me apaixonei pelo curso, porque tudo que ela vivia ela me contava, daí comecei a me apaixonar por medicina, pelas situações que vivo no dia a dia, comecei a pensar a medicina mais que a veterinária. Quero fazer, mas não agora, é a minha vontade, é o sonho da minha mãe. Acho que ela vai ficar feliz por eu estar com esta vontade agora. (P47-S2)

Quero estudar, terminar o ensino médio, prestar vestibular, sair dessa vida.(P47-S7)

Pretendo juntar dinheiro, estudar, voltar para casa, sair desta vida, é difícil, mas acho que consigo. O problema é o dinheiro, onde ganhar ele como aqui.(P47-S7).

Terminar meus estudo, sair dessa vida, voltar pra casa, ter uma vida normal.(P47-S9)

Continuar os estudos, juntar dinheiro e sair dessa vida. Quero continuar ajudando minha família, mas agora não tem trabalho que me dá o que ganho aqui.(P47-S10)

Vou formar em psicologia, se Deus quiser. Sou apaixonada em psicologia, entender a mente humana... [...] É muito bom, eu acho que seria. Em minha vida passei por uma psicóloga dois anos, a [...], aquela lá de [...].(P47-S12)

Outro aspecto considerável, refere-se à predominância de participantes com faixa etária entre 18 e 35 anos. Portanto, a população pesquisada era formada, sobretudo, por pessoas jovens.

Pode-se verificar que a seleção de pessoal nas boates privilegiava pessoas dessa faixa etária. Antunes (2003) relata que o mundo do trabalho vem sofrendo mutações importantes, onde trabalhadores, mesmo que não o sejam, são considerados *velhos* pelo mercado.

O mercado de trabalho brasileiro confirma essa situação quando favorece o recrutamento de adultos jovens. Especificamente na organização pesquisada, optou-se por mulheres jovens e de boa aparência. A que conta com mais idade, 35 anos, nunca atuou como prostituta, ou seja, desde que saiu de seu Estado de origem, Tocantins, foi para atuar como gerente.

Quanto ao tempo das participantes na organização, observou-se que 66,7% estavam na organização de um mês a um ano, 20% estavam na organização de um ano e um mês a três anos, 13,3% estavam na organização de seis anos e um mês a oito anos. O índice de 66,7% de participantes com menos de um ano de casa indica alta rotatividade.

Seguem-se as categorias empíricas resultantes das análises do discurso das entrevistas individuais. As categorias principais que emergiram do discurso das participantes serão apresentadas considerando:

- a) Categoria 1 – Gestão do trabalho: organização do trabalho, relações de trabalho, condições de trabalho;
- b) Categoria 2 – Mobilização subjetiva do trabalhador: vivências de prazer e sofrimento, estratégias de enfrentamento;
- c) Categoria 3 – Sentidos do trabalho/Identidade profissional.

CATEGORIAS	
Definidas <i>a priori</i>	Definidas <i>a posteriori</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Organização do trabalho • Condições de trabalho • Relações de trabalho • Vivências de prazer-sofrimento • Estratégias defensivas • Sentidos do trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão da organização: <ul style="list-style-type: none"> Organização do trabalho Condições de trabalho Relações de trabalho • Mobilização subjetiva relacionada ao trabalho: <ul style="list-style-type: none"> Vivências de prazer- sofrimento Estratégias de enfrentamento.

Figura 1 – Categorias definidas *a priori* e *a posteriori*

4.2 CATEGORIA 1 - GESTÃO DO TRABALHO: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO, CONDIÇÕES DE TRABALHO, RELAÇÕES DE TRABALHO, DESCRIÇÃO DE FUNÇÃO

4.2.1 Organização do Trabalho / Relações de Trabalho

A organização do trabalho refere-se às prescrições formais e informais que expressam concepções e práticas de gestão de pessoas e do trabalho, produtividade esperada, regras formais e informais, tempo e natureza e conteúdo das tarefas.

Para a P01 – *Qual é sua profissão?*, todas as entrevistadas responderam ser prostituta, puta, garota de programa, exceto duas que ocupam o cargo de gerente e subgerente nas casas. O fato de se autodenominarem prostituta, puta e garota de programa, significa que as trabalhadoras aceitam e incorporam o estigma da profissão. Mesmo entre risos ou envergonhadas ao se denominarem, dizem não ter outros nomes para darem ao que fazem.

Para a P02 – *"Como você optou por essa profissão?"*, todas as participantes relataram que a opção pela profissão se deveu ao aspecto financeiro. Algumas comentaram sobre a dificuldade de conseguir emprego e ainda que ao receber convite de amigas, muitas vieram conhecer, se encantaram com o dinheiro fácil e rápido e ficaram. Houve ainda alusões ao caráter de desafio e aventura com os fatores que pesaram na decisão (Gráfico 2).

Para o núcleo induzido de como foi o início da profissão de prostituta surgem dois núcleos de pensamento, *faltava*: emprego, lugar para morar, amiga convidou, coragem e dinheiro fala mais alto e *difícil*: ruim, tinha nojo, medo e vergonha. Aqui pode se observar que a necessidade da sobrevivência foi preponderante na escolha da profissão, na qual o dinheiro vem mais e mais fácil. Não lhes é fácil contentar com o mínimo que a baixa escolaridade lhes proporciona no mercado de trabalho. Fica o sonho de que “estarão nessa vida” por um tempo, farão a poupança e retornarão à sua terra natal. Outro aspecto é que, mesmo faltando a coragem para iniciar, o “dinheiro fala mais alto” impulsionando-as a desconsiderar o nojo, o medo e a vergonha.

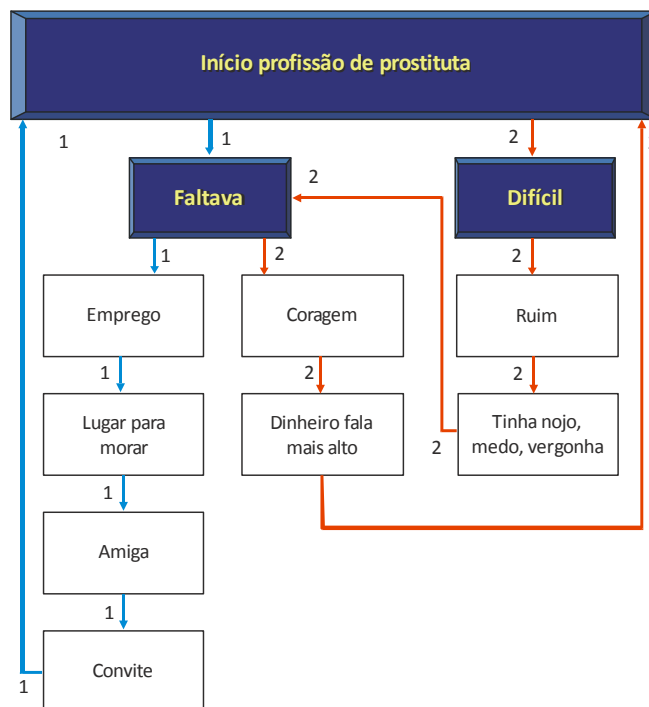


Gráfico 2 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *E como foi o início?* (P03)

Ainda que os dissabores referentes à profissão sejam iminentes, as prostitutas utilizam enquanto estratégias de enfrentamento, a negação, pois o nojo, o medo e a vergonha são inerentes ao exercício do trabalho. Todavia, devido às facilidades de retorno financeiro, elas se submetem. Assim, essa realidade do trabalho proporciona vivências de sofrimento, devido ao fato de trabalharem com os seus corpos, recebendo clientes de vários tipos, o sentimento de nojo é constante. Este sentimento não pode ser externalizado, pois se assim ocorrer pode trazer maiores complicações, impossibilitando o pleno exercício do trabalho.

Isso impede que estas profissionais usufruam de liberdade e autonomia na execução do trabalho, o que segundo Mendes (2007), Santos (2008) e Dejours (2004), ocasiona vivências de sofrimento. A prostituta, que além de utilizar a negação enquanto estratégias de enfrentamento, também racionalizam o sofrimento, prejudicam sua apreensão.

Para a P04 – "*Você começou nesta casa?*", das 15 entrevistadas, 08 relataram que iniciaram a profissão na boate onde estavam trabalhando na época da coleta dos dados.

Ao ser perguntado às participantes “*Por que escolheu trabalhar nessa boate?*” (P5) emergiu o núcleo de pensamento do discurso os motivos para a escolha: *me apaixonei por alguém, gosto, me convidaram, tinha conhecidos, mais seguro*; outras atividades: *propaganda/panfletagem, compras/depósitos e descansam, exclusividade* (Gráfico 3).

A maioria dos relatos se relacionaram à questões externas a elas, não-vinculadas à identidade pessoal, pois, a inserção destas profissionais na boate ocorreu por vários motivos, como amizade, convite de conhecidas que já atuavam na casa, além do fato de boate ser segura, no sentido de ser uma localidade fixa de trabalho.

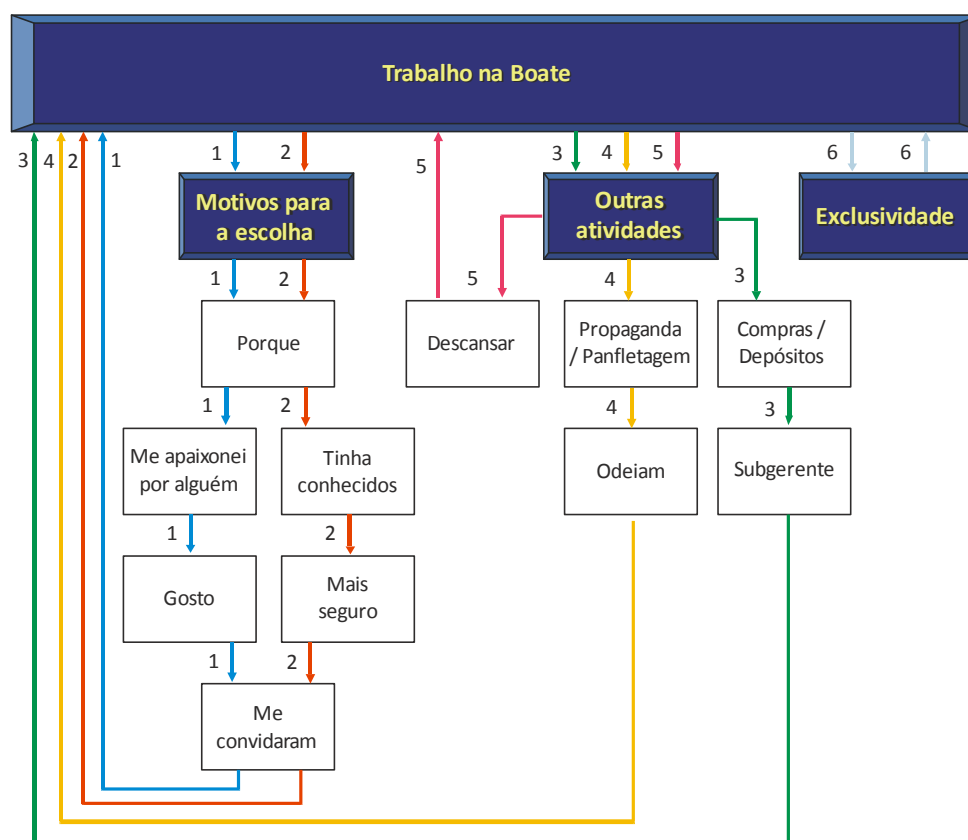


Gráfico 3 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Porque você escolheu trabalhar nesta boate? Além do trabalho aqui, você trabalha em outro local? Qual? O que você faz durante o dia?* (P05)

Estas profissionais relataram que possuem vínculo de exclusividade com a boate, o que impossibilita a execução de outro tipo de trabalho. Segundo Araújo (2008) e Santos (2008), em suas pesquisas sobre trabalhadores do entretenimento e lazer, para esses

profissionais o tempo do não-trabalho está diretamente condicionado ao tempo do trabalho, proporcionando com isso dificuldade de desassociação entre este e aquele. Semelhantemente, o tempo do trabalho e o tempo do não-trabalho para as prostitutas, encontram-se difusos, pois o tempo que elas tem livre, é utilizado para o descanso, a panfletagem e a reposição de energia para o próximo turno de trabalho.

Seguem-se trechos de entrevistas:

Porque até então eu não tinha ido a nenhuma e eu não sabia de nada, não conhecia nada e como aqui tinha pessoas que eu conhecia vim para cá. Aqui eu me sentiria mais segura. [...] (S1)

Passei por vários estados e no TO fiquei sabendo dessa casa, aí eu vim. Não, só trabalho aqui. Ah menina durmo muito, a gente fica estourada, muita cachaça, muito cigarro. (S4)

Escolhi trabalhar aqui porque já me acostumei ficar aqui, a gente já conhece todo mundo, já conhece a dona a [...] Eu sou do [...] Só trabalho aqui. Nossa, eu durmo, só, e faço propaganda também. Ninguém gosta, todo mundo odeia, só faz porque é norma. (S5)

Eu conhecia a dona da casa, a [...], ela me convidou, aí eu vim, precisava de dinheiro, muita pobreza no interior. [...]Aqui, de dia a gente só dorme. A gente vai descansar muito tarde, depois das três e meia da manhã. (S6)

Passava dificuldades na minha cidade, até fome. Aí a [...], a dona daqui, que é de lá, de [...], me chamou para vir para cá. Só trabalho aqui, nem tem como trabalhar em outro lugar. Quando é de dia a gente dorme, pra descansar, porque à noite começa tudo de novo. (S7)

Porque foi pra cá que me chamaram. Eu nem sabia como procurar uma casa, uma boate. Trabalho só aqui. Eu durmo, durmo muito, só não dorme muito porque tem dia que tem propaganda, aí tem de levantar mais cedo. (S8)

Por eu morar em [...] eu não poderia trabalhar lá, pelos amigos que poderiam freqüentar a casa. Não, só trabalho aqui. Durmo, vou para o salão, encontro com uma namorada minha que agora é da cidade, que não é de puteiro. Encontro com ela e volto pra casa. (S12)

Por estar precisando de dinheiro urgente. Só trabalho aqui. Só durmo e faço propaganda. (S13)

A [...] me convidou, eu vim pelo dinheiro. Eu encaro isto aqui hoje pelo dinheiro. Pelo que dou aos meus filhos. [...], onde eu iria conseguir? Tudo é o dinheiro. Quando a pessoa cai nesta vida aqui, eu não culpo a minha irmã, que ela quis me dar o melhor, mas quando se cai no mundo da prostituição é como você virar alcoólatra, é como você virar drogada, porque é muito dinheiro, você não consegue voltar atrás, é um dinheiro rápido. Você não tem ele hoje, mas daqui a três dia você tem, pode marcar o compromisso[...]. (S14)

Os relatos apresentados indicam que as trabalhadoras optam pelo trabalho mais por questões instrumentais que por identificação. Chanlat (1996) nos diz que o mundo é dominado pela racionalidade instrumental e por categorias econômicas estabelecidas, em que as pessoas inseridas nas organizações são consideradas, na maioria das vezes, apenas recursos, cujo rendimento deve ser satisfatório do mesmo modo que as ferramentas, os equipamentos e a matéria prima, pois importa apenas a satisfação de necessidades por meio do trabalho.

Nesse tipo de racionalidade, inerente à lógica do modo de produção vigente, pouco importa a identificação do trabalhador com aquilo que ele produz, pois a relação é de externalidade. Tais relações são desencadeadoras de vivências de sofrimento pois impossibilitam ao trabalhador o reconhecer-se naquilo que produz, mas insere-o nos ditames instrumentalizadores do capitalismo, sufocando a possibilidade de criatividade e espontaneidade, que estão na base da ressignificação do sofrimento, conforme Lancman e Sznelwar (2004) e Dejours (1994).

Para a P06 – "*Como vocês dividem o trabalho na sua área?*", ficou evidenciado que, no caso das profissionais das casas estudadas, não há divisão de tarefas, pois o papel delas é unicamente realizar programas e manter os clientes na casa para que o consumo de bebidas seja cada vez mais crescente, pois este é o único lucro que a casa obtém, haja vista, que todo o valor do programa fica para as prostitutas.

Todavia, aquelas profissionais que realizam a atividade de panfletagem/propaganda da casa nas ruas da cidade, que obedecem um regime de escala, onde quase todas participam, possuem suas tarefas divididas, pois executam os programas e além disso realizam a panfletagem. Essas profissionais relataram que a panfletagem é algo humilhante, pois as expõe a agressões morais, críticas, xingamentos, enfim, consiste numa prática laboral que proporciona sofrimento. Assim, conforme Dejours (1994), quando o tipo de tarefa a ser desenvolvida é dissonante das características de personalidade do trabalhador isso pode desencadear vivências de sofrimento, pois é necessário que o tipo de trabalho desenvolvido pelo trabalhador atenda às necessidades financeiras ou sociais deste, contribuindo para a promoção de saúde.

Um outro aspecto que chama a atenção é a função de estimular a clientela ao consumo de bebida alcoólica visando aumentar a margem de lucro da proprietária.

O horário de trabalho para todas as participantes era o mesmo, ou seja, das 20 horas até às 3h30 da manhã, sendo muito comum o expediente se estender até às 5 ou 6 horas. Enquanto havia cliente na casa nenhuma trabalhadora era liberada para o repouso. As folgas aconteciam a partir das 24 horas do sábado. Como na organização não havia contrato de trabalho formalizado, o horário excedido não era contabilizado como hora extra.

Conforme Santos (2008) e Araújo (2008) os horários de trabalho dos trabalhadores que pesquisaram, sempre foram impostos, fixos, o que impossibilitava a realização de atividades pessoais, como, por exemplo, ir ao banco. Na pesquisa de Santos (2008), Dias (2007) e Assis (2008), os horários que estes profissionais trabalham dificulta o retorno para casa, pois são artistas da noite, trabalham nos finais de semana, o que os priva do convívio familiar. Estas características dos trabalhadores do entretenimento e lazer, diferencia esta modalidade laboral, pois o trabalho é realizado nos períodos em que a maioria dos demais trabalhadores estão em seu dias de descanso.

A prática do horário noturno oferecia a vantagem da trabalhadora poder utilizar seus momentos de descanso para atividades pessoais não relacionadas ao trabalho, ligadas ao comércio de uma forma geral. No entanto, a qualidade de vida dessas trabalhadoras ficou prejudicada, pois dormiam pouco durante o dia, com pouco ou nenhum tempo para o convívio familiar e vida social restrita. Pensando exclusivamente em si, a organização se mostra inflexível, sem dimensionar os impactos dessas normas na vida de suas trabalhadoras (Gráfico 4).

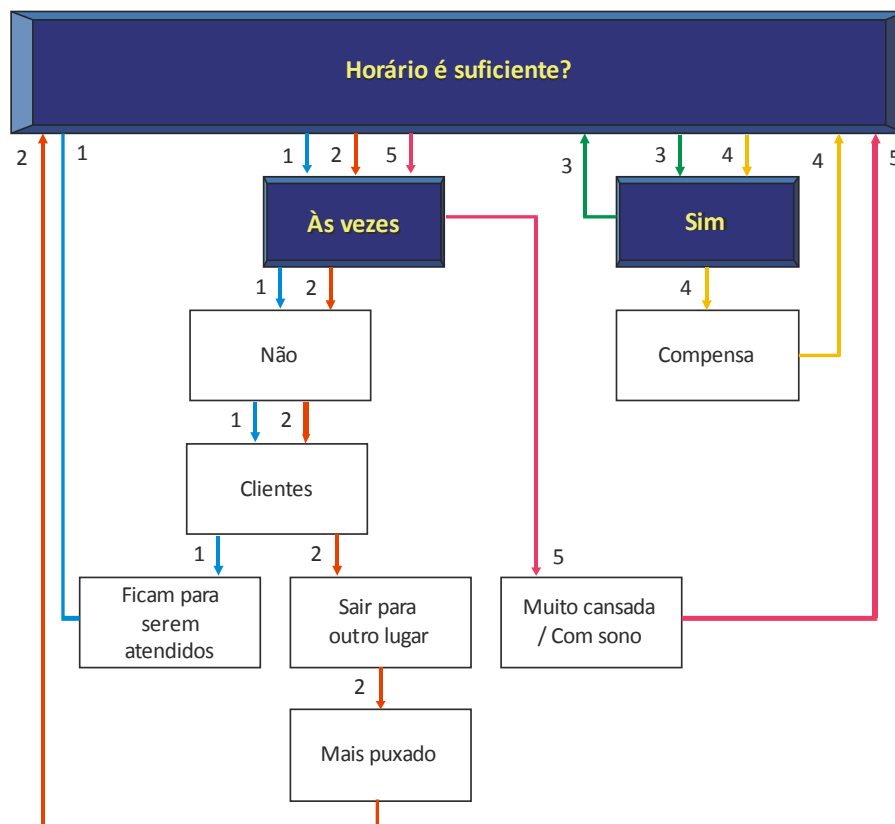


Gráfico 4 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *O seu horário de trabalho é suficiente para terminar suas atividades? Se não, o que você faz para terminá-lo?* (P07)

Ao ser perguntado às participantes “*Você tem pausa no seu trabalho? Há local para descanso em seu trabalho?*” (P8) emergiram os núcleos de pensamentos do discurso *sim* e *não*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação *sim*: *no domingo, movimento fraco, fica conversando, quando sente dor, após o expediente*; e *não*: *pauleira o tempo todo, obrigada a trabalhar, tem horário para cumprir, alojamentos trancados para descanso* (Gráfico 5).

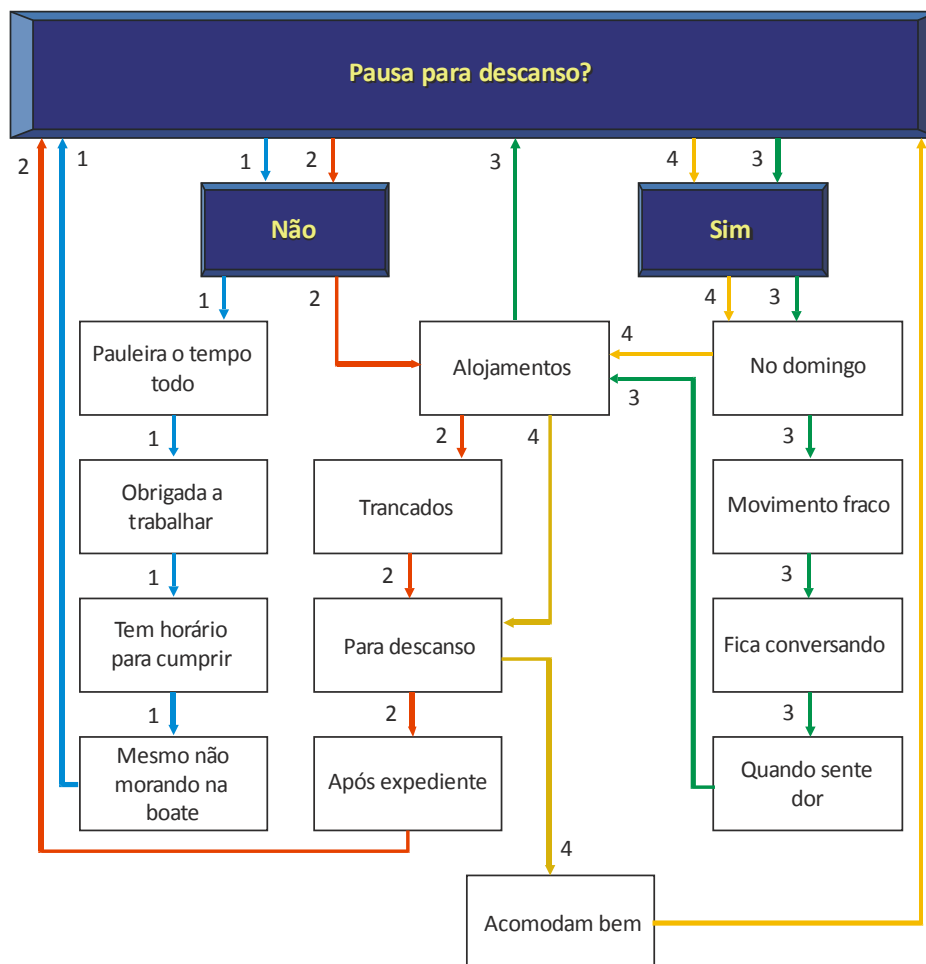


Gráfico 5 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você tem pausa no trabalho? Há local para descanso em seu trabalho?* (P08)

As trabalhadoras que responderam que há intervalos se referiram às folgas de finais de semana. Seguem-se entrevistas que exemplificam a situação:

Não, só no domingo, no sábado até meia noite, só que no sábado começa às 14 horas. Não, aqui quando a gente entra no salão aí ela (a gerente) tranca a república, a gente só pode voltar pra lá às três horas da manhã quando ela abre. (S3)

Ih, nem pensar de pausa, os quartos ficam trancados, só vamos pro repouso quando é permitido. É pauleira o tempo todo. (S4)

Não. Só descansa final de semana. (S5)

Que pausa nada... só depois das três e meia e olha lá, os quartos ficam trancados. Os quartos é para dormir. (S8)

Não, só nos domingos. O repouso é somente nos quartos, após o expediente. (S10)

Os relatos acima indicam a inflexibilidade organizacional, com uma evidência de sobrecarga, uma vez que as trabalhadoras não podem descansar enquanto houver clientes, sendo que os quartos ficam trancados enquanto eles permanecerem no recinto. A sobrecarga no trabalho inferida pela presença dos clientes e a impossibilidade de realizar pausas ao longo do trabalho podem contribuir para as sensações de sobrecarga e de desgaste, gerando sofrimento. Segundo Dejours (1994), quanto mais a organização do trabalho é rígida, mais a divisão do trabalho é acentuada, menor é o conteúdo significativo do trabalho e menores são as possibilidades de mudá-lo, e, conseqüentemente, o sofrimento aumenta, quanto é reduzida a possibilidade de ressignificação do mesmo.

Conforme expõe Santos (2008) e Araújo (2008), a lógica do trabalho é cíclica tornando o tempo do não-trabalho refém do tempo do trabalho. As atividades daquele existem para amparar as necessidades deste. Este movimento demonstra o quanto a prostituta condiciona as outras áreas de sua vida à lógica laboral, pois, somente assim, estará em condições de se manter na profissão, inclusive na concorrência.

Dejours (1992) ainda afirma que, para manter a saúde, é necessário ter não somente prazer naquilo que realiza, mas também momentos de descanso e de relaxamento. Se esse relaxamento não ocorre, o prazer não existe. Os trabalhadores ficam não só insatisfeitos, mas, muitas vezes, em posição delicada em relação à saúde, podendo chegar a estados de fadiga, em que o aparelho mental perde sua versatilidade, provocando doenças, não só físicas, mas também psicológicas. Assim, pode-se representar a categoria de organização do trabalho assinalando seus principais componentes, conforme a Figura 2.



Figura 2 – Principais componentes da Organização do Trabalho das prostitutas

Ao ser perguntado às participantes “*Como você se relaciona com seus colegas de trabalho? Com seu chefe? E com os clientes?*” (P9) emergiram os núcleos de pensamentos do discurso: *bem e problema*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação relativas a colegas: *intimidade, tranqüilo, ótimas, algumas difíceis, antigas mais grossas, complicando*; ao dono: *gente boa, convive bem, normal*; à gerente: *nervosa, insuportável, com gênio forte, não é bom*; a clientes: *bem, depende, gosta deles, satisfação, às vezes desentende, abusados, não querem pagar* (Gráfico 6).

Seguem-se alguns trechos de entrevistas:

Não, aqui é turma, às vezes tem alguma que é mais íntima, a gente conversa mais. É como eu disse, cada um por si. Ninguém, sabe....Com o chefe (o proprietário), às vezes assim, a gente discute com , mas é gente boa . A briga aqui é mais por causa da propaganda, . [...] Me relaciono bem, depende do cliente também né tem homem que quer abusar aí a gente não é obrigada a ficar com eles, só fica se quiser e também assim, se você não tiver se relacionando bem com ele, cê se retira da mesa e pronto. (S1)

É bom, é ótimo, às vezes assim, não tem muitas brigas. Por eu gostar de mulher talvez comigo teria este conflito sim, por eu gostar de mulher, mas em outro aspecto não. Todo mundo sabe que tenho um relacionamento externo, mas já fiquei com todas as meninas daqui, menos esse casal. Por isso me influencio muito. Sempre faço programas com homens, casais, só com mulher se chegar e pedir. Chegam muitas mulheres aqui à procura de uma garota, sozinhas né, o mesmo tanto de mulheres chegam casais. Adoro eles, não tenho nada a falar mal deles não. Tipo, esta casa será a primeira e será a última, se eu sair daqui será para voltar para casa.

Me dou bem, que , tipo, não sou obrigada a ficar com nenhum cliente forçada né. Tenho esta liberdade, eu trato bem a quem me trata bem. (S12)

Bem, tenho boa convivência com todas, não vou falar que é um conflito, só acho que poderia ser diferente com a gerente da casa. Ela tem o gênio um pouco forte, ela não sabe falar com as pessoas, uma palavra mal dita, acho que, sabe, tem outras formas de se expressar, chegar com delicadeza pedir por favor e não simplesmente dar uma ordem com grosseria. Eu evito falar para não bater de frente, ela vai pensar que é crítica. Eu acho melhor deixar acontecer. Com os donos e clientes me relaciono bem. (S15)

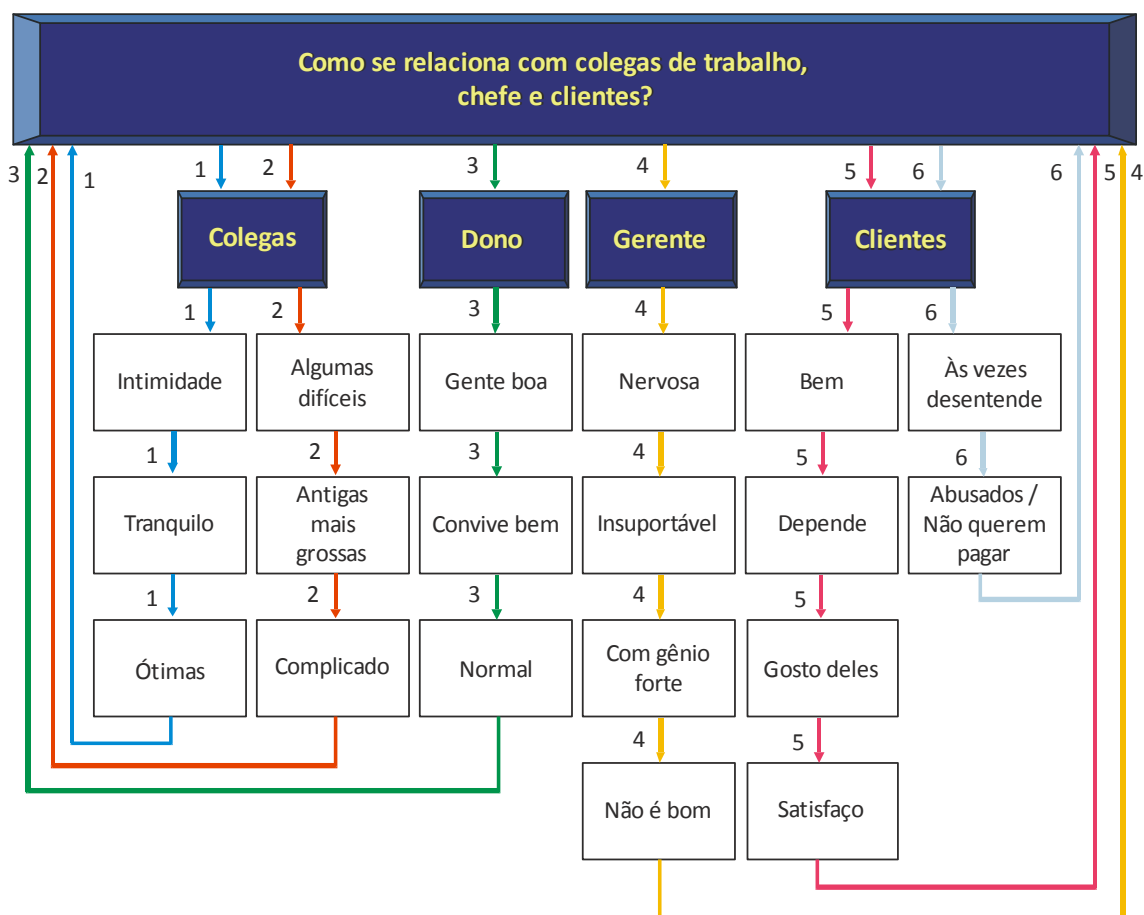


Gráfico 6 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Como você se relaciona com seus colegas de trabalho? Com seu chefe? E com os clientes?* (P09)

Como nos trabalhos de Dejours (1994), observa-se neste estudo que as trabalhadoras são vistas como pessoas que estão constantemente em relação com outras, sendo assim, seres sociais e de relações com os pares; em relação com a hierarquia, com os subordinados, etc. As Relações de Trabalho são importantes na concepção de Dejours (1994) pois são responsáveis pelos vínculos humanos, mecanismo que minimiza as atrocidades do ambiente de trabalho e

possibilita a prática das estratégias defensivas coletivas, conforme Mendes (2007). Isso demonstra que o engajamento do trabalhador na cooperação no trabalho, também proporciona a possibilidade de ressignificação do sofrimento. (LANCMAM e SZNELWAR , 2004)

Na abordagem Psicodinâmica do Trabalho, as vivências são sempre mediadas pelas relações entre as pessoas. Essas relações podem ser hierárquicas, de solidariedade, de subordinação, de reconhecimento, de lutas e de conflitos. Por isso, são chamadas de relações intersubjetivas e fazem parte das relações sociais de trabalho.

Nota-se também que o outro é um apoio, um auxiliar, fonte de conforto. Conforme Freud (1996) o grupo é um mecanismo que limita o narcisismo e a conseqüente hostilidade com os outros por meio do desenvolvimento da libido objetal e também dos mecanismos de identificação.

Para Chanlat (1996), o trabalhador mantém relações com o outro por meio de identificações, pelo seu desejo e sua existência, reconhecidos ou não. A realidade social é o suporte da realidade psíquica, por isso, as relações interpessoais no interior das organizações devem ser cultivadas de forma favorável e satisfatória. Portanto, as relações sociais podem ser consideradas fundamentais para a preservação da saúde do trabalhador e, conseqüentemente, das vivências de prazer no local de trabalho. (LANCMAM; SZNELWAR , 2004)

Quando se aborda o relacionamento interpessoal, as trabalhadoras trazem uma nítida divisão de análise dos relacionamentos no contexto da organização, entre as companheiras, clientes e chefes. No relacionamento com as colegas prostitutas, o sentimento é de família, pelo fato de passarem tanto tempo juntas, inclusive dividindo o mesmo quarto, tendo mais liberdade umas com as outras e sendo mais abertas e confidentes, o que, segundo Mendes (2007), consiste na cooperação entre os iguais, pois entre as prostitutas o sentimento é de amistosidade.

No trato com a gerente, os problemas de hierarquia retornaram ao discurso sendo que esta trata as trabalhadoras sempre com mal humor, depreciando-as, mais preocupada com os lucros que com o lado humano das funcionárias. Conforme Dejours (1993), quanto mais distante está o convívio entre comandante e comandado, menores são as possibilidades de

subjetivação por parte do trabalhador, que se encontra impossibilitado de demonstrar suas insatisfações no contexto do trabalho.

Com os clientes, às vezes há alguns desentendimentos, especialmente com os abusados e com os que não querem pagar conforme o contrato. Com a maioria da clientela o relacionamento é bom, principalmente nos momentos que antecedem ao programa, ou seja, enquanto conversam e bebem.

O convívio das prostitutas com os clientes é meramente comercial, destituído de investimento de afeto, caracterizando-se como uma relação capitalista, onde há troca, pois o cliente compra o direito de usufruir do corpo da trabalhadora pelo período que perdurar um programa (ÂNGELO, 1986; LAGENEST, 1973).

Assim, foi notório que a postura das prostitutas em relação aos parceiros é permeada por sentimentos de hostilidade, pois o ato sexual com o cliente é mecânico, sem amor (LAGENEST, 1973). Todavia, é inerente o sentimento de nojo, e até mesmo de difícil execução, conforme relato de algumas que para a realização do trabalho, necessitam se entorpecer com drogas: "sinto, às vezes. Não reajo, tem de fazer. Acho que a maioria reage usando droga para suportar" (S8).

Os principais aspectos das relações de trabalho são expostos no diagrama da Figura 3.

Ao ser perguntado às participantes "*Quais as vantagens e desvantagens de trabalhar como prostituta nesta boate? Por quê?*" (P10) emergiram do discurso os núcleos de pensamentos vantagens: *pode recusar e escolher clientes, dinheiro rápido, evitar levantar cedo para a faculdade, evitar cobrança dos pais, gente conhecida, comprar o que quer, tempo livre*; e desvantagens: *indisposição para homem estar alisando, escutar chacotas/piadinhas, desconfianças, distância da família, cansaço, perder noites de sono, a sociedade não engole a gente, exposição, acaba com a saúde, medo do futuro, não ter amigos fora, obrigada a beber* (Gráfico 7). Observa-se nos núcleos de pensamentos as posições divergentes do discurso sobre as vantagens e desvantagens de trabalhar na organização.

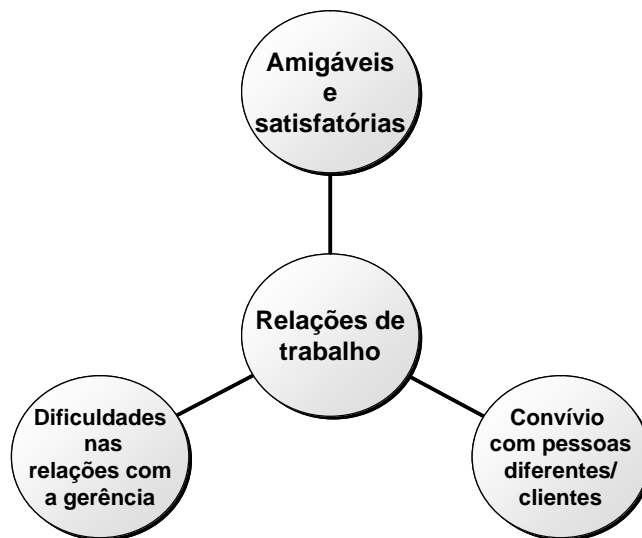


Figura 3 – Principais componentes das Relações de Trabalho das prostitutas

Seguem-se trechos de entrevistas:

Assim, como todo trabalho né, tem suas vantagens e desvantagens. O ruim é , porque às vezes assim, que a gente não é obrigada a ficar com quem não quer. Não é nem porque não quer, as vezes cê tá precisando de dinheiro, ficar com a pessoa assim, só porque está precisando de dinheiro é ruim. Só que aqui, a gente vive momentos felizes mesmo porque sabe que não vai viver em nenhum lugar sabe? Inclusive, eu mais as meninas às vezes senta ali na salinha assim para conversar, quando a gente conhece pessoas assim, sabe, que se tornam importantes na vida da gente. Aí as desvantagens não é todo dia que cê tá disposta para homem tá te alisando né, então às vezes é ruim isto, porque às vezes tá estressada e tem que trabalhar entendeu, porque todas nós moramos aqui e então tem que trabalhar. (S1)

Vantagens, você come bem, você bebe bem, você tem dinheiro. Desvantagem , você não tem amigos fora. Seus amigos, vamos falar o português correto, puta, sapatão, viado. Porque a sociedade não aceita tem a discriminação. Mesmo eu que não sou garota de programa, se eu estudasse teria outro mundo, meu mundo é fechado, meu mundo é aqui, então a amizade que tenho é aqui. Não tenho amizade com famílias. Sempre fui uma pessoa muito trancada, aqui tem um quarto de descanso estou sempre dentro dele, e meu filho está ficando como eu, não sei se estou agindo certo, ele está se trancando. Nós dois ficamos trancados o dia inteiro, enquanto estou lá o portão é trancado o dia inteiro, se você for lá agora o portão está trancado e ele está no computador. Tenho tudo em minha casa. Aprendi ser uma pessoa trancada. Tem muito preconceito pelo fato de eu estar na casa. Tenho cliente que é amigo e na rua nem posso cumprimentá-lo. (S14)

Dinheiro, dinheiro mais rápido. Tem dia que não dá nada, quando não tô a fim aí não entra dindim. [...]. Desvantagem é o cansaço, o tempo vai passando, to com 26 anos, não dá para competir com as menina de 18 e 20.(S4)

As vantagens...o que eu vou falar...é bom porque a gente ganha muito dinheiro, tal né. A desvantagem é porque a gente perde muita noite de sono, cê perde muita coisa. . [...]. Tenho 04 filhos, [...]. uma mora com a dona da boate, [...] Ela não gosta que fala que é minha filha nem. [...] (S5)

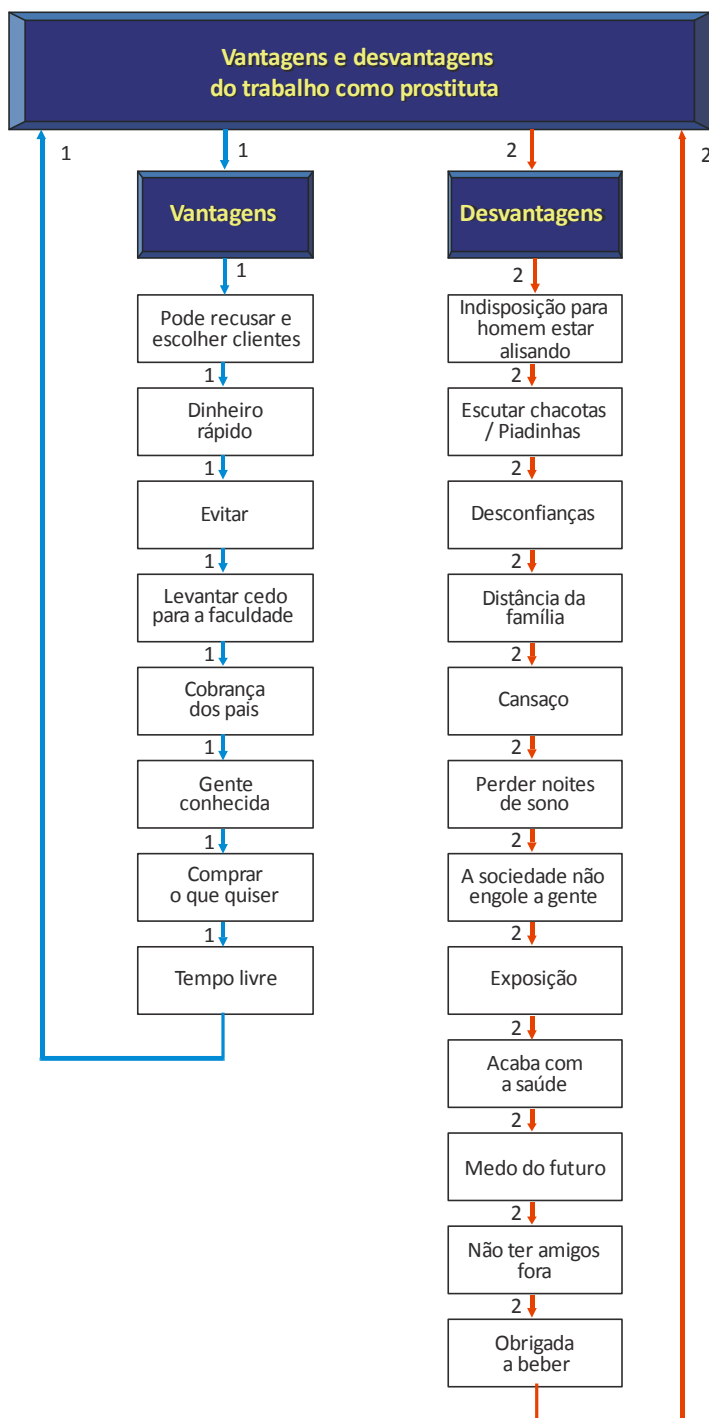


Gráfico 7 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Quais as vantagens e desvantagens de trabalhar como prostituta nesta boate? Por quê?* (P10)

A única vantagem é o dinheiro. A gente, com a escola que tem, não vai ganhar o que ganha aqui. E a desvantagem é a saudade de casa, ficar longe da família. Mas, é assim que dá pra ajudar quem ficou lá. (S7)

Sabe, tem o dinheiro, mas tem as menina também, tem umas boa. Aqui é bom. Tem alguma chateação mas passa. Desvantagem...sabe...é saudade, saudade de casa, a saúde que vai embora, noites sem dormir e de dia não é igual. (S8)

Vantagem é que a gente ganha muito bem, a . [...] trata a gente muito bem, na hora que a gente precisa dela quando ela pode ela atende. A desvantagem é que a sociedade não engole a gente, não é um mar de rosas. (S9)

A vantagem é ter uma boa renda mensal. A desvantagem é o cansaço, a vida pessoal comprometida, a gente fica muito exposta. (S10)

As trabalhadoras pesquisadas conseguiram perceber vantagens advindas da profissão de prostituta que não superam o grande número de desvantagens mencionadas. As vantagens físicas se compram com o “dinheiro rápido” e nenhum benefício subjetivo ficou evidente no discurso para ser aqui ressaltado. No entanto, as trabalhadoras consideram que o trabalho por elas exercido lhes traz desconforto quando o homem fica “alisando”, escuta piadinhas, desconfianças, cansaço, perdas de noites de sono, exposição social, perda da saúde, medo do futuro, não ter amigos fora, serem obrigadas a beber..

Percebe-se que, fisicamente, as desvantagens de trabalhar como prostituta não compensam as vantagens. Por serem em proporções bem desiguais, os prejuízos físicos e emocionais são relevantes. As desvantagens estão relacionadas ao horário de trabalho, cansaço, desgaste físico, e conseqüentemente ao sofrimento.

Para Mendes e Morrone (2002), o sofrimento em si não é patológico e funciona como um alerta que evita o adoecimento, quando as estratégias estão desgastadas. E mesmo não exercendo atividades paralelas, as participantes se sentem fisicamente cansadas.

Para Dejours (1992), é importante que o trabalhador consiga conciliar as demandas do trabalho com as necessidades pessoais, o que pode ser alcançado por meio de uma adequação desse trabalhador a um horário que melhor o atenda. Para as trabalhadoras dessas boates, elas estão impossibilitadas de fazer essa adequação, o que provoca assim vivências de sofrimento. A realidade social, econômica, cultural e física das participantes deve ser considerada para essa adequação.

Para a P11- *Você conhece as normas da boate? O que você acha? As normas mudam com frequência?* Foi constatado que todas as trabalhadoras conhecem as normas e regras das casas.

Observou-se que, quanto mais rigorosa for a normatização estabelecida, mais dificuldades psicológicas o trabalhador enfrenta na execução do trabalho e, defensivamente encobre os ajustamentos, que são formas de tornar a norma aplicável. Segundo Dejours (1994), quanto mais rígida for a Organização do Trabalho, menor é a possibilidade do trabalhador vivenciar prazer na execução do mesmo. Abaixo os relatos que confirmam as observações descritas:

Um pouco, um pouco, quase tudo que preciso saber pra trabalhar aqui eu sei. Acho normal. Não, não mudam. (S3)

Conheço, nem sempre cumpro todas. É um saco normas. Não gosto de normas. Às vezes mudam, quando tem muita reclamação. (S4)

Conheço, acho que conheço todas, um tanto que dá pra trabalhar como eles querem. Acho normal, é, mudam, às vezes. (S6)

Conheço. Só a norma da propaganda é que não dá, é muito ruim fazer propaganda. O resto é de boa. Às vezes mudam, só quando tem reclamações. (S7)

É, conheço, acho que conheço, pelo menos até agora...São mais ou menos, norma é norma, nem sempre é bom ter normas. Os donos mudam elas, de vez em quando. (S8)

Conheço. Não mudam. Acho boas, mas tem aquelas que são mais rigorosas. As daqui eu acho tranquilas. (S9)

Conheço. Acho elas normais, como em qualquer outro local. Não, não mudam. (S10)

Conheço bem. A casa abre às duas da tarde até às três da manhã. Não é obrigatório tá às duas da tarde, mas a garota que tipo tiver precisando muito de dinheiro, lógico que acaba ficando né, chega cliente aqui à tarde. Agora é obrigatório estar às 08 no salão. É, não pode beber cerveja, até então eu não gosto de cerveja, nem refrigerante nem água, mas água a gente bebe a toda hora que a gente quiser longe do cliente, refrigerante eu não bebo. Então para mim não é ruim esta meta, esta lei da casa, só. (S12)

Sim,conheço todas. A única coisa que tenho problemas é com a bebida. [...] Com a bebida a gente vai passar mal, fica de ressaca e a saúde vai embora. [...] (S13)

Segundo Pagès *et al* (1987), há nas organizações a gestão da contradição autonomia/controle, na qual o controle quase sempre está implícito em discursos de

flexibilidade e autonomia, mas que, na prática, revelam verdadeiras formas de controle sobre o trabalhador.

Esse tipo de gestão também é caracterizado pelo discurso ideológico de que há necessidade de rigidez, conforme os trechos de entrevistas destacados, demonstrando que algumas trabalhadoras pensam “que é normal, como em qualquer outro local”, “acho boas, mas tem aquelas que são mais rigorosas, as daqui acho tranquilas”, “então para mim não é ruim esta meta, é a lei da casa”.

As organizações controlam os trabalhadores com suas normas e regras. E isso se torna mais fácil quando se trabalha com pessoas de pouco conhecimento ou baixa escolaridade, como é o caso da maioria das entrevistadas.

Conforme Heloani (1996, p. 98), “a forma de identificação com os valores da organização cumpre papel importante para reafirmar as instâncias de poder. Essa forma transfere o processo de identificação entre as pessoas para a identificação com a organização”.

Ao ser perguntado às prostitutas “*Você considera que aqui na boate existe algum tipo de preconceito ou discriminação? Qual e por quê?*” (P12) emergiram do discurso os núcleos de pensamentos não: *entre nós: tem gente que acha que é melhor: usar ou não usar droga, pressão para integrar; todas são garotas, todo mundo é puta; e sim: clientes: mulheres; homens: menores, documentos; somos mal vistas: sociedade, rua* (Gráfico 7).

A maioria das prostitutas revelou que sofre preconceito, devido ao fato da profissão ser estigmatizada, pois são consideradas subversivas aos valores morais da sociedade (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005). Esta estigmatização das prostitutas é percebida na utilização de roupas e adereços característicos, que expõem o “produto” que estas profissionais comercializam. Segundo Goffman (1982), o estigma é utilizado para evidenciar algo de pejorativo nos aspectos morais de quem apresenta tais sinais.

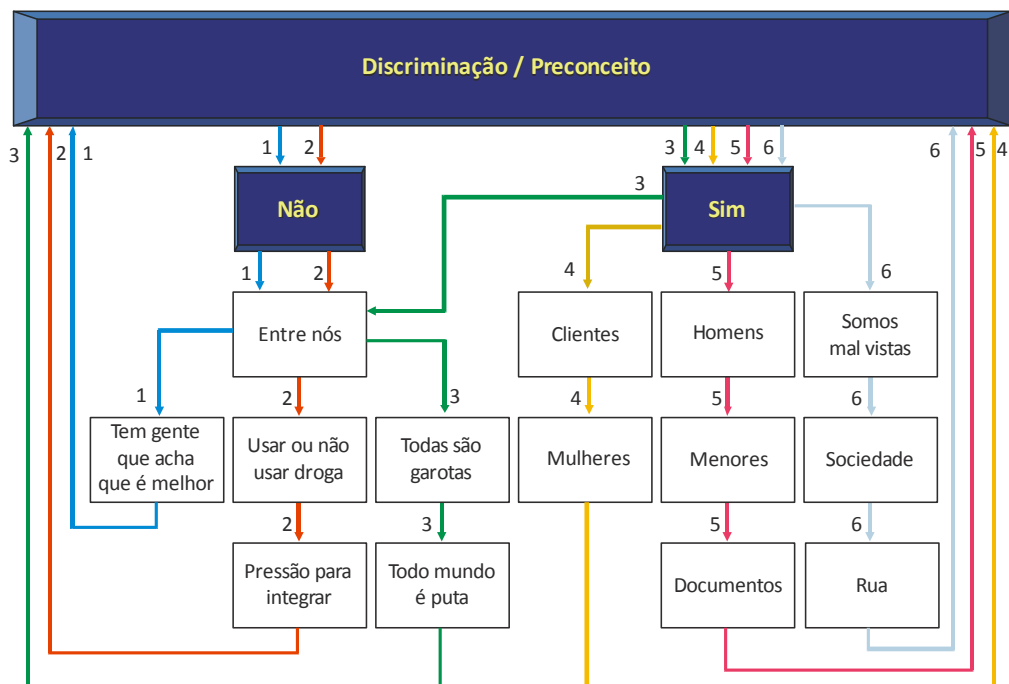


Gráfico 8 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você considera que aqui na boate existe algum tipo de preconceito ou discriminação? Qual e por quê?* (P12)

Moraes (1995) salienta que tais sinais, peculiares daqueles que são estigmatizados, neste caso as prostitutas, podem ser invisibilizados a partir da postura da profissional, pois os trejeitos e adereços que demonstram as características daquelas que possuem esta profissão podem ser manipulados, já que elas podem ou não utilizar tais adereços que fomentam o estereótipo.

Para a P13 – "*O seu trabalho é supervisionado?*", as 15 participantes relataram que o é apenas enquanto estão no salão nas atividades sociais, caracterizando uma vez mais uma gestão rígida e controladora. Esse tipo de procedimento por parte da gerência leva a crer que as trabalhadoras não possuem a autonomia no trabalho, autonomia esta que está relacionada ao sentimento de ter a liberdade para expressar a sua individualidade, como indicador de vivência de prazer, como menciona Mendes (1999).

Para a P14 – "*Qual a imagem que a boate tem no mercado?*", a maioria das trabalhadoras relatou que a boate é considerada uma das melhores da cidade. Isso se deve a alguns fatores, tais como trabalhar com profissionais jovens e bonitas para a clientela, atender

diariamente grande número de clientes; realizar eventos, tais como festas, desfiles e shows com modelos famosas.

Para as trabalhadoras, esta organização tem uma imagem conceituada e consolidada, apesar da concorrência existente. Trabalhar numa organização reconhecida pela sociedade traz *status*, e o *status* de trabalhar numa organização socialmente reconhecida, leva o trabalhador a uma sujeição. Portanto, os fatores citados por elas como sendo característicos de uma boa imagem externa, parecem ter mais a conotação de desvantagem, uma vez que as trabalhadoras e as “modelos famosas” ficam em exposição/disposição para a clientela.

Esta característica da organização que expõe as trabalhadoras como objetos a serem escolhidos e comercializados, demonstra a coisificação das prostitutas no contexto do trabalho, denotando, em sua prática, que estas profissionais não possuem liberdade e autonomia para sua execução, mas respondem às demandas de outrem. Segundo Dejours (2001), esta desumanização do trabalhador no modo de produção capitalista, proporciona alienação e sofrimento.

4.2.2 Condições de Trabalho / Descrição de Função

O que constitui as Condições de Trabalho são os elementos estruturais que expressam objetividade no trabalho, tais como ambiente físico, instrumentos, equipamentos, matéria-prima, suporte organizacional e política de pessoal.

Ao ser perguntado às participantes “*O que você acha do local de trabalho em relação a: iluminação; ruídos; temperatura e ventilação e ; higiene?*” (P15) as mesmas fizeram descrições consideradas **agradáveis** para a moradia: *chuveiro quente, não tem despesas, geladeira farta, boa higiene na cozinha e desagradáveis: dormitórios quentes e abafados, sem permissão para ar condicionado e muito barulho na rodovia impedindo um sono tranqüilo durante o dia* (Gráfico 9).

Quanto ao local de trabalho, **agradáveis** estão somente *a aparência dos salões e o fato de serem arejados*. Os aspectos **desagradáveis** foram relacionados: *iluminação escura, própria de casa noturna/boate, som (música) ensurdecador, causando dor de ouvido, perda de audição e voz por ter de falar cada vez mais alto com o cliente, quando a casa enche o*

ambiente é poluído pela fumaça de cigarro, paredes sujas, suítes com insetos e funcionários mal orientados

O sofrimento para Dejours (1992), pode ser proveniente da inexistência ou do pouco conteúdo significativo do trabalho, e de outro componente de insatisfação que resulta da inadequação da relação trabalhador-conteúdo ergonômico e que é fundamental na problemática da relação saúde-trabalho. O conteúdo ergonômico do trabalho se refere às exigências físicas, químicas, biológicas, às condições de trabalho e às tarefas a que são submetidos os trabalhadores.

As condições físicas da organização foram consideradas, por suas trabalhadoras, como insalubres, uma vez que somente os salões possuem boa aparência e são arejados. Essa inadequação se deve à iluminação escura, som alto causando problemas auditivos, fumaça de cigarro, suítes com insetos e a própria insegurança do local. Enfim, a organização não possui uma estrutura física planejada para evitar os riscos ergonômicos de suas trabalhadoras, além de dificultar a execução do trabalho, pois não atende à demanda das prostitutas.

Resultados semelhantes podem ser observados nas pesquisas de Dias (2007), Santos (2008) e Assis (2008), nas quais ficam evidentes as reações do corpo ao sofrimento instalado. E também para Heloani e Capitão (2003) e Dejours (1992, 1994), onde as más condições de trabalho acentuam o sofrimento dos trabalhadores, inviabilizando o pleno executar do mesmo.

A inadequação ergonômica, ou seja, poucas folgas, sem intervalo para descanso, ambientes abafados, fumaça de cigarro, pouca iluminação e som ensurdecedor, mostra evidência de sofrimento que se manifesta através das doenças psicossomáticas. As trabalhadoras não conseguem minimizar o sofrimento por meio das estratégias de defesa, expressando-o de uma forma mais direta.

As condições de trabalho, conforme a psicodinâmica do trabalho, podem ser esquematizadas conforme diagrama da Figura 3.



Figura 4 – Principais componentes das Condições de Trabalho das prostitutas

Como já dito anteriormente na P06 havia também a propaganda que era feita nas segundas, quartas e sextas feiras, em dois horários, às 13 e 17 horas, dividida por escala e região. Os pontos selecionados para a panfletagem eram os locais mais freqüentados e cruzamentos com sinaleiros e grande movimento automobilístico, além de cidades vizinhas. Quando se promovia festas com desfiles de modelos famosas, a propaganda era realizada durante toda a semana.

Pelos relatos observa-se que a propaganda, além de ocupar parte do período de descanso, era uma atividade que só era cumprida por ser norma na organização:

Porque até então eu não tinha ido a nenhuma e eu não sabia de nada, não conhecia nada e como aqui tinha pessoas que eu conhecia vim para cá. Aqui eu me sentiria mais segura. Cê fala em boate assim? Trabalho só aqui. Como a gente vai dormir tarde, 3 ou 4 horas da manhã, cê acorda tarde, acorda meio dia, a gente almoça, fica ali assistindo televisão, quando tem propaganda a gente faz propaganda, às vezes vai para a internet, vai para a rua se entreter. (P5 – S1)

Não, eu fiquei aqui foi porque me apaixonei, mas depois me desapixonei e fui embora, mas aí eu voltei, para rever, mas agora eu revi, mas agora não tem nada a ver mais. Agora to aqui porque eu gosto, gosto de ta aqui. Só trabalho aqui. Aqui tem propaganda, a gente faz propaganda, mas durante o dia a gente dorme, porque na maioria das vezes, todos os dias a gente entra oito horas e o horário de liberar são três e meia, mas na maioria das vezes a gente fica até cinco, cinco e meia, sete horas, ou dorme fora, então cê não dorme, aí cê dorme de dia. Mas, aí você levanta, almoça e vai pra propaganda que é panfletagem. Aí depois cê vem e descansa. (P5 – S2)

Pelo convite da amiga. Pelo fato da dona ser de [...], quase todas as meninas são de [...], quase todo mundo se conhece aqui. Só trabalho aqui. Durmo muito, a gente dorme muito o dia que não tem propaganda. No dia que tem propaganda a gente tem que estar despertando, tem propaganda a 1 hora e tem de 5 horas também.(P5 – S3)

Escolhi trabalhar aqui porque já me acostumei ficar aqui, a gente já conhece todo mundo, já conhece a dona a [...]. Eu sou do [...]. Só trabalho aqui. Nossa, eu durmo, só, e faço propaganda também. Ninguém gosta, todo mundo odeia, só faz porque é norma.(P5 – S5)

Porque foi pra cá que me chamaram. Eu nem sabia como procurar uma casa, uma boate. Trabalho só aqui. Eu durmo, durmo muito, só não dorme muito porque tem dia que tem propaganda, aí tem de levantar mais cedo.

Por estar precisando de dinheiro urgente. Só trabalho aqui. Só durmo e faço propaganda.(P5 – S13)

A gente só divide a propaganda, que ninguém gosta, é escala. (P6 – S4)

A gente faz o programa para nós, não divide isto. Só a escala para propaganda é que é dividida, mas ninguém gosta de fazer.(P6 – S8)

Aqui é uma casa muito boa, não tem discussão entre meninas, o que a gente discute mais é o caso da propaganda, não reclamo em propaganda, mas se as outras meninas também fossem seria bom né? (P6 – S12)

Divide a propaganda, mas este é um problema que a gente tem, pois tem menina que não pode fazer propaganda, tem menina que não quer, bate o pé e diz que não vai fazer, faz mas impõe que vai tal dia e tal dia. Eu não acho certo, se a gente ta fazendo propaganda pra todo mundo, ultimamente tá indo só eu e mais duas colegas minhas, eu não acho certo isto. Tá todo mundo trabalhando aqui, todo mundo tem que fazer propaganda, sem exceção de ninguém entendeu. Vai ser bom para todas. Porque que nem, é de cotidiano, se você faz alguma coisa, nada é de graça, você vai querer receber. Principalmente a gente neste ramo aqui, nada é de graça. Tipo assim, se você empresta alguma coisa e a pessoa vai embora, você vai ter que receber, você não pode confiar tanto nas pessoas. Acho que aqui não é dividido nada, tem que ter o bom senso dos patrões, todo mundo tem de fazer. (P6 – S13)

As trabalhadoras foram unânimes ao sugerirem a extinção da propaganda/panfletagem, pois é uma atividade na qual se sentem muito expostas e só a realizam por ser regra. Apesar de considerarem a organização como um bom local de trabalho, em função de possuir chuveiro quente, comida gratuita e farta, dentre outros, elas sugeriram melhorias nas condições de trabalho no que se refere às suítes onde os programas são realizados, ampliação do espaço físico, mais ventilação, higiene segurança e conforto nos dormitórios/repúblicas. Nas relações com os proprietários sugeriram mais conversação e negociação e com a gerente que não haja discussões e se houver que sejam sem estresse. Com a clientela, almejam que sejam mais respeitosos, que não ameacem e nem reclamem e nem usem drogas (Gráfico 9).

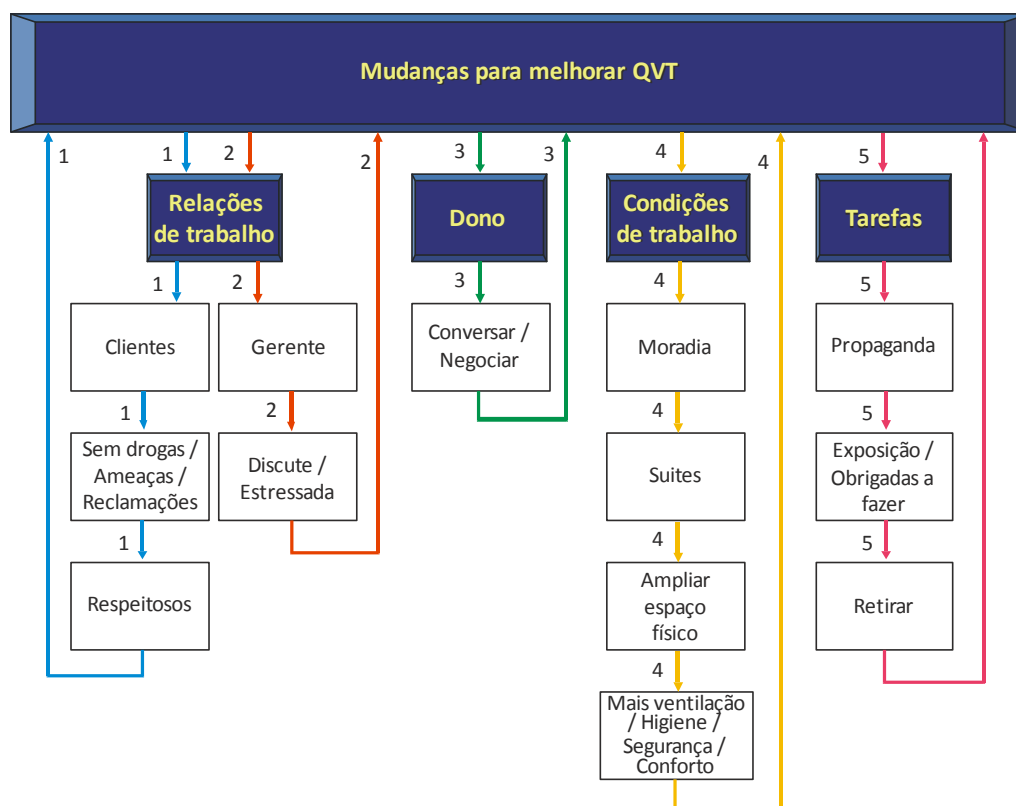


Gráfico 9 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Há em sua opinião, algum aspecto do ambiente de trabalho que deva sofrer mudanças de forma a melhorar sua qualidade de vida? Em caso positivo, qual seria?* (P16)

São reivindicações que, caso a organização implantasse na parte estrutural e de relacionamento, conseguiria demonstrar o que, segundo Morrone (2001), Mendes (1999), Dejourns (1993), Dias (2007), Santos (2008), Assis (2008), Brasileiro (2008), Araújo (2008) e Tomazini (2009) concluíram em suas pesquisas. O trabalho pode também ser fonte de prazer e levar qualidade de vida aos trabalhadores. As vivências de prazer não são a ausência de sofrimento, mas a oportunidade de ressignificá-lo.

Ao ser perguntado às participantes “*Você acha que seu trabalho inclui riscos? De que tipo?*” (P17) surgiram do discurso os núcleos de pensamento **relações de trabalho**: *clientes bêbados, drogados, traficantes, agressivos, violentos, vinganças de esposas, perder: vida, saúde, moral, ocorrência policial, contrair: doenças, DST, ter: sigilo, segurança ao sair de*

casa, cuidado com quem sai, cuidado com a concorrência, confiança na subgerência e donos (Gráfico 10).

Seguem trechos de entrevistas:

Muitos, muitos riscos, muito mesmo. Doenças, caras violentos que você não conhece, você não sabe como é que é o cara, você não sabe como pode tratar o cara, é muito risco, muito mesmo. Eu quase não saio para fazer programa, eu perco muito programa por não sair. A gente tem de desconfiar de tudo. (S3)

Inclui. É questão do cliente, tem cliente que quer bater, maltratar. Fazer programa fora é mais perigoso. Eu não saio com mais de um homem, agora tem garota que sai com quatro homens, mas o programa é mais caro quando é assim. (S9)

Com certeza, em qualquer boate há riscos. Há risco de violências, de briga com bêbados, doenças, drogas e até morte. A gente fica com medo de sair da casa para fazer programa fora. (S10)

Muitos. Você sai com pessoas drogadas, você não sabe o que ela vai fazer com você, cê sai com um cliente que cê não sabe se ele vai te deixar, ele pode te levar pode te maltratar entendeu. A maioria parte dos cliente e meninas que chegam na casa, meninas que podem vir de qualquer lugar, podem ter feito qualquer coisa e vir aqui, implicar com você por nada e pode fazer o que quer com você. Então são estas duas partes. Os meus patrões e a subgerente eu confio, mas a gerente não. (S13)

Observa-se, mais uma vez, que as vivências de sofrimento das participantes são também provocadas pelos sentimentos de risco no exercício da profissão e o medo que isto gera em cada uma delas. Nota-se no discurso das participantes todo o risco existente na profissão de prostituta. Há manifestação de desprazer ao dizerem que cumprem determinação da organização ao sair com um cliente bêbado, drogado, ou até mesmo por já ter extrapolado o horário habitual ou já terem feito outros programas e se sentirem cansadas. E ao saírem da casa, não há mais a presença dos seguranças, o que pode aumentar a violência por parte do cliente

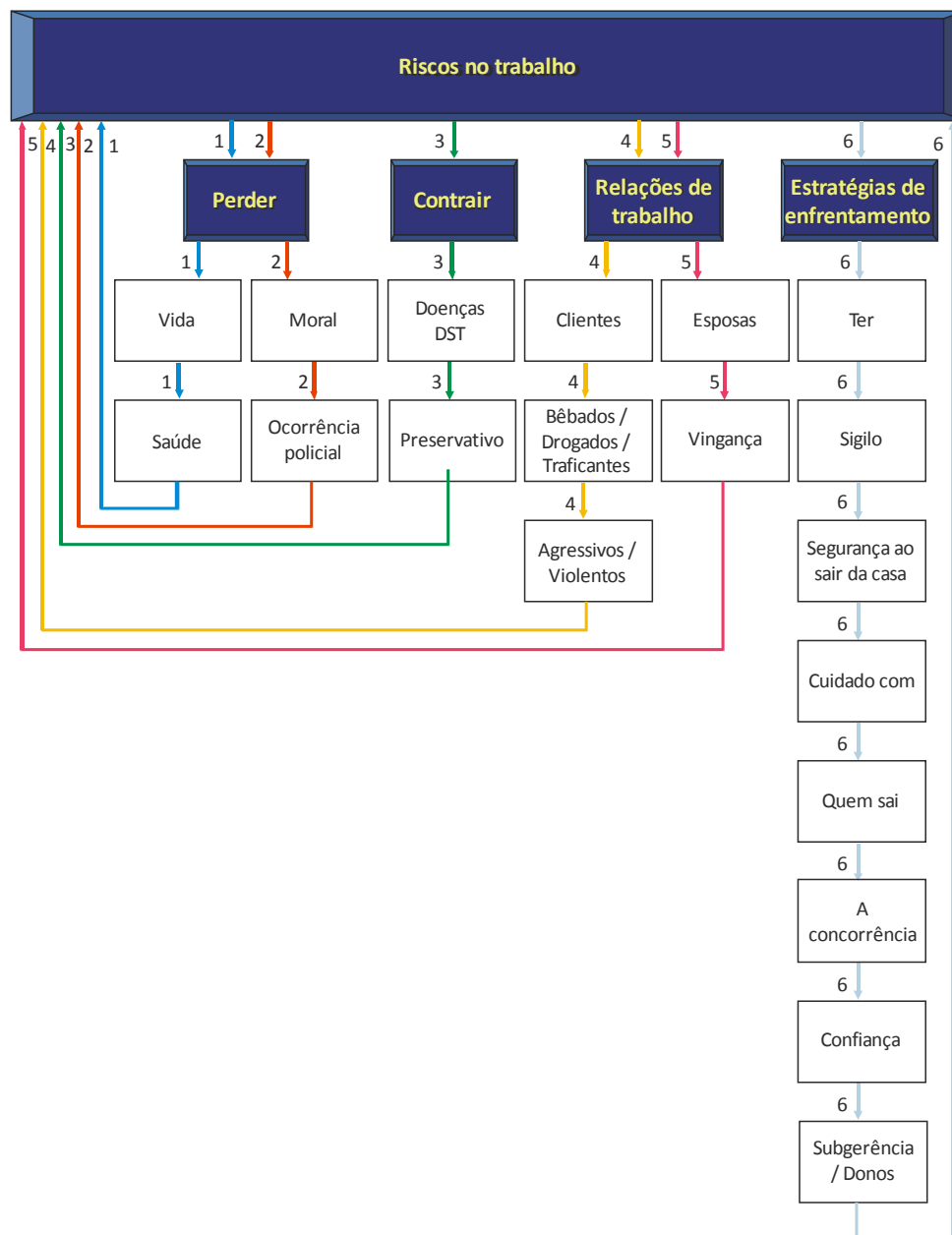


Gráfico 10 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você acha que seu trabalho inclui riscos? De que tipo?* (P17)

Mesmo se sujeitando a tantos riscos descritos, em função do “dinheiro fácil e rápido” as trabalhadoras permanecem na profissão, algumas alegando que já se acostumaram, o que caracteriza uma alienação do trabalho.

As estratégias individuais de defesa têm importante papel na adaptação ao sofrimento, oriundo do conflito entre trabalhador e organização do trabalho. Dejours (1994) assinala que os mecanismos de defesa representam a tentativa de alcançar o prazer no trabalho, uma

dinâmica que as pessoas constroem para preservar o equilíbrio de seu funcionamento psíquico.

Correr o risco em detrimento do “dinheiro fácil” é rotina das trabalhadoras. Isso demonstra a utilização de estratégias defensivas, o que, para Dejours (1994), são elaborações que proporcionam aos trabalhadores um suporte frente ao sofrimento para evitar que adoçam. Para Dejours (1994) e Mendes (2007), estas estratégias podem se apresentar das mais variadas formas, dentre elas, a racionalização e controle da situação, sendo estes mecanismos de defesa primordialmente utilizados pelas prostitutas para externar de forma velada o sofrimento proporcionado pelo trabalho.

Não só a agressão física é entendida como forma de violência, mas também a discriminação e a imposição de um padrão de beleza também são percebidas como manifestações de violência pelas mulheres prostitutas. Para elas, o abuso de drogas também potencializa a vivência de situações de risco e violência, como a diminuição da atenção frente ao uso do preservativo e o desenvolvimento de atitudes agressivas por parte do cliente, durante o programa.

O Gráfico 11 demonstra o processo de trabalho e suas respectivas atribuições, ou seja, o que cada profissional deve fazer em cada etapa, como deve proceder no processo de preparar/atrair, negociar contrato, executar e receber. Quando foi perguntado: “*Qual o preço do programa?*”, todas relataram que o programa para ser realizado na boate tem o valor mínimo de R\$ 100,00 e, dependendo do que vai se fazer no programa, do tempo gasto, do uso ou não do preservativo, o valor varia de R\$ 150,00 a R\$ 2.000,00.

A respeito da percentagem do preço do programa, todas as participantes relataram que 100% do que é negociado e pago pelo programa é delas. A casa só tem o lucro sobre o consumo de bebidas e aluguel das suítes quando o programa é realizado no local.

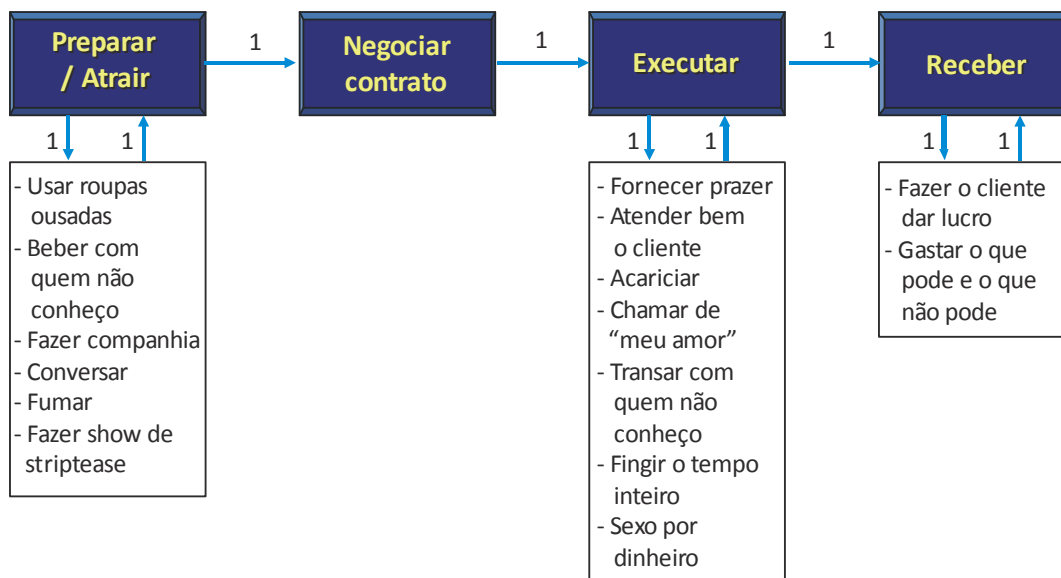


Gráfico 11 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Descreva suas atividades/funções em sua profissão.* (P18)

No discurso das entrevistadas, ao responderem às perguntas 18, 19 e 20, fica claro que todas cumprem com as regras estabelecidas pela organização quando esta estabelece o valor mínimo relativo ao programa realizado na casa e metas de bebidas a serem consumidas. Evidencia-se também a liberdade que cada trabalhadora tem de negociação quanto ao programa que a mesma realizará, propiciando-lhe assim estabelecer sua renda mensal.

Os aspectos financeiros da profissão configuram um fator de importância singular nas considerações do trabalho para a prostituta, pois como qualquer outro trabalhador, o salário da prostituta também depende de seu trabalho. Se ela não trabalha não tem salário, e, logicamente, comprometerá sua sobrevivência e o cumprimento de seus compromissos (BEM, 2005; OPPERMANN, 1999; CORIOLANO, 2001).

Esta lógica instrumental do capitalismo, onde recebe salário aquele que vender sua mão de obra, no caso da prostituta, seu corpo, dificulta a percepção do sofrimento e até mesmo sua ressignificação, pois a remuneração é condição *sine qua nom* do trabalho, condição esta que naturaliza o sofrimento considerando-o inerente ao trabalho, o que demonstra ainda os mecanismos de racionalização que são utilizados pelas trabalhadoras para ainda que, superficialmente, possibilitar a prática do trabalho.

O dinheiro, com sua peculiar importância, é o mediador das relações de prostituição e torna-se medida de valor e preço. Através do dinheiro, o trabalho da prostituta é valorado. Ser prostituta, de forma ampla, significa trocar o corpo por dinheiro. As prostitutas têm seu corpo e utilizam-no como objeto de barganha. Trocam o prazer que ele pode proporcionar ao outro por uma quantia em dinheiro, capaz de garantir uma certa tranquilidade no que concerne à manutenção das necessidades do dia a dia. O corpo aparece como um veículo que lhes pode possibilitar a sobrevivência, mesmo que para utilizá-lo haja também um preço a pagar que, em geral, não é expresso em dinheiro, mas em sofrimento.

Esse sofrimento está diretamente ligado a sujeição do corpo por parte destas trabalhadoras, pois seus instrumentos de trabalho são coisificados, alheios a sentimentos e desejos próprios, executam o trabalho proporcionando prazer àqueles que podem comprá-lo (SANTOS, 2008; ARAÚJO, 2008).

Ao ser perguntado às participantes “*Você permite em seu contrato a penetração anal? Relação com mulheres? Swing?*” (P21), emergiram os núcleos de pensamentos do discurso: *gosto, não, sexo anal, com e sem camisinha*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação *gosto*: homens; *não gosto* de homens, prefiro lésbicas, menos desgastantes; *sexo anal*: raro, preço sobe; *sem camisinha, com beijo, preço sobe*; *com camisinha*: oral (Gráfico 12).

Elas relatam que têm dificuldades em negociar favoravelmente o programa, tanto em termos de práticas mais seguras quanto em termos de preço, as trabalhadoras, para garantir a sobrevivência mínima. Talvez seja em decorrência do fato de que a maioria delas são oriundas de famílias pobres, vivendo infâncias e adolescências privadas de muitos recursos, condição que as motivou a refugiarem na prostituição, pois nesta profissão o retorno é rápido.

Essas trabalhadoras muitas vezes são levadas a flexibilizar a negociação do programa, e o fazem justamente abrindo mão da segurança em relação à própria saúde, não utilizando o preservativo. Isto pode ser observado no discurso onde fica claro que “com beijo e sem camisinha o preço sobe”.

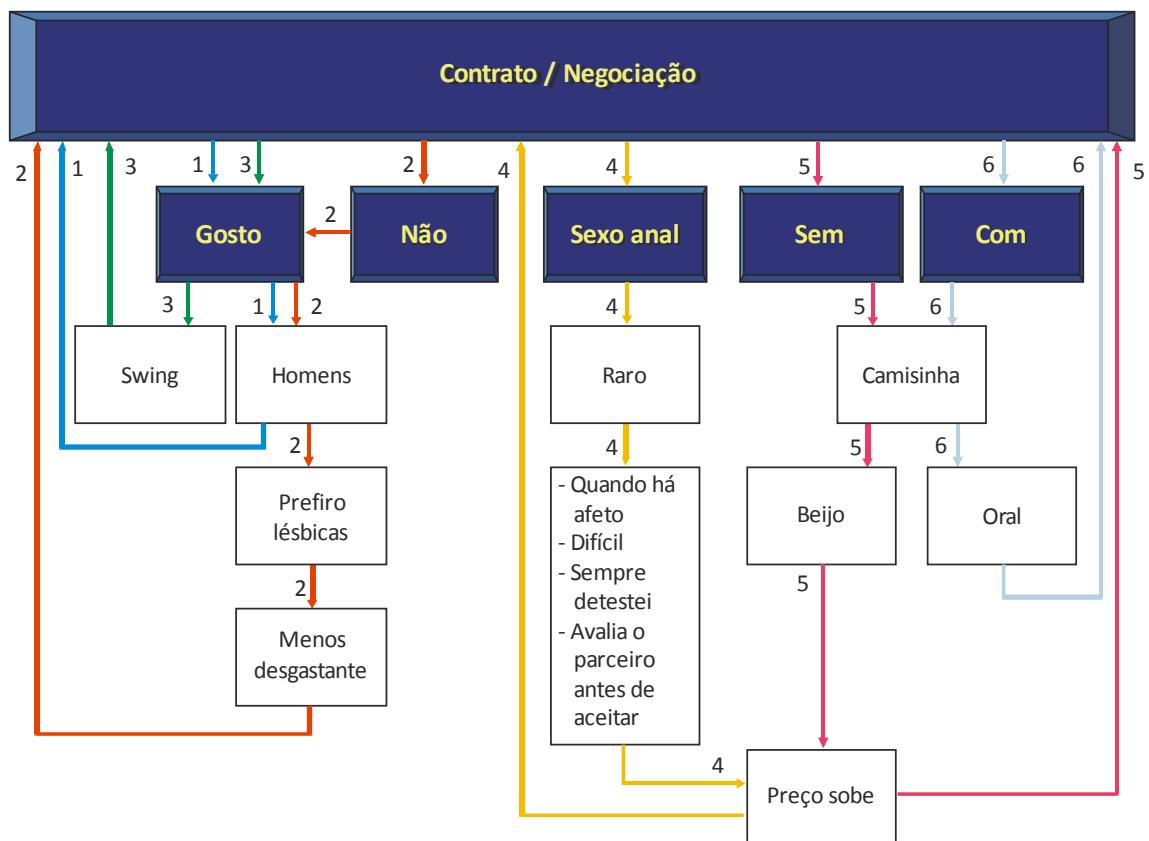


Gráfico 12 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você permite em seu contrato a penetração anal? Relação com mulheres? Swing?* (P21)

Para a P22 – "*O seu horário é previsível?*", todas as participantes responderam que o é somente o horário de estar no salão, que se dá às 20h. O horário de término do expediente depende da clientela, ou seja, enquanto tiver cliente na casa, todas deverão permanecer no salão. Enquanto isto, os quartos de repouso continuam fechados.

Na P23 – "*Na boate existe algum rodízio ou escala em relação ao horário de trabalho?*", todas as participantes relataram não haver rodízio ou escala em relação ao horário de trabalho, todas cumprem de forma igual. Há escala somente para a panfletagem.

A organização neste caso, também se mostra inflexível. Ela exige que todas as trabalhadoras estejam a postos no salão no horário estabelecido, sem rodízio e sem escala. E nenhuma deve se ausentar enquanto houver clientes no local. As escalas para a propaganda e panfletagem são fixas em relação aos dias da semana, porém variam por regiões e pontos.

Segundo Dejours (1994) a rigidez da organização do trabalho fomenta o sofrimento, diminui a possibilidade de o trabalhador elaborá-lo. As prostitutas não conseguem apreender o sofrimento causado pela rigidez nas imposições da organização, pois, conforme relataram, as obrigações impostas não são discutidas, cabendo a elas acatar sem questionamentos, o que demonstra uma submissão acrítica à organização do trabalho e um distanciamento da possibilidade de ressignificar o sofrimento, demonstrando que o trabalho para elas é um trabalho alienante.

Ao ser perguntado às trabalhadoras: “*Você está trabalhando neste horário por opção ou não?*” (P24), foi relatado que o horário é estabelecido pela boate, portanto as trabalhadoras não têm outra opção a não se cumprir o horário e muitas vezes extrapolar a carga horária mesmo cansadas da jornada.

O modo como o tempo é organizado, em períodos de trabalho e de não-trabalho, que adéquem-se às necessidades psicossomáticas, protege o corpo de uma sobrecarga comportamental que poderia prejudicá-lo, e proporciona ao sujeito meios de canalizar suas pulsões durante a execução do trabalho.

A organização temporal do trabalho, o instrumental empregado e a escolha das técnicas operacionais, permitem ao trabalhador, dentro de limitações, adaptar o trabalho às suas aspirações e às suas competências. Acerca da economia psíquica, Dejours (1992) assimila que essa adaptação espontânea do trabalho ao homem corresponde à procura, à descoberta, ao emprego e à experimentação de um compromisso entre suas demandas inconscientes e a realidade

Atribuir o horário à determinação da empresa e algumas alegarem que “já se adaptaram”, “que gosta da farra”, representa alienação do próprio trabalho. As estratégias individuais de defesa têm importante papel na adaptação ao sofrimento, advindo do conflito entre trabalhador e organização do trabalho.

Segundo Dejours (1994), os mecanismos de defesa representam a tentativa de alcançar o prazer no trabalho, uma dinâmica que as pessoas constroem para preservar o equilíbrio de seu funcionamento psíquico.

Ao ser perguntado às trabalhadoras “*Há viagens?*” (P25) emergiram os núcleos de pensamentos do discurso *a trabalho e por interesse pessoal*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação *propaganda na região*, *acompanhar clientes*: opcional, ganha mais, conhecer outras boates, não gosta, é inseguro e *família*: lazer (Gráfico 13).

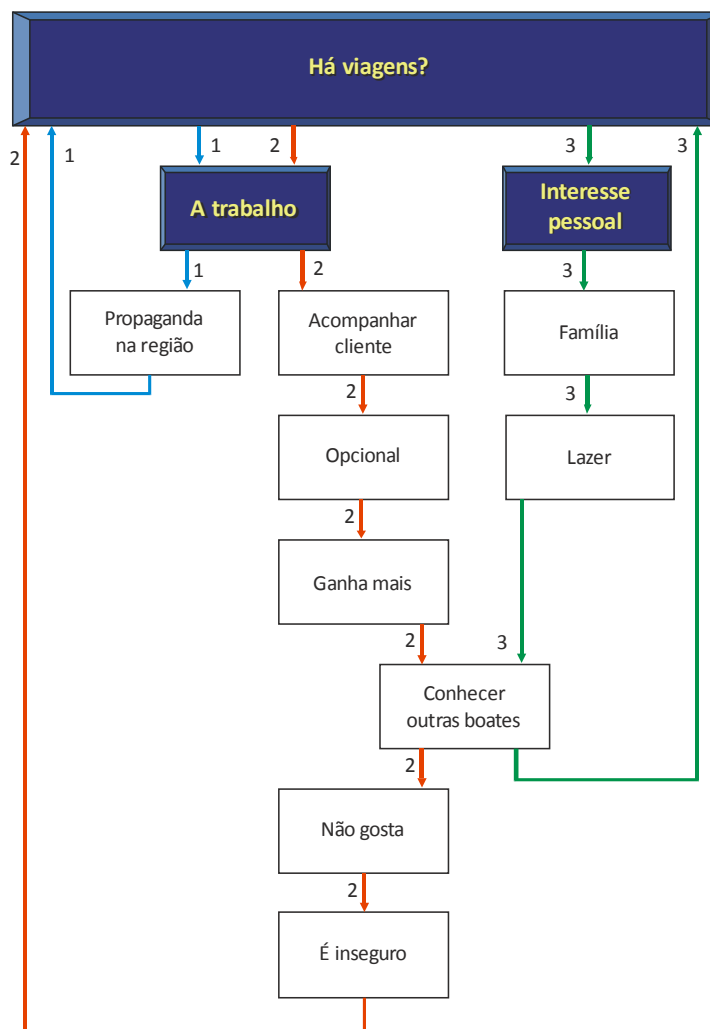


Gráfico 13 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Há viagens?* (P25)

A seguir, algumas respostas a essa pergunta:

Só se a gente quiser. Tem cara que vem buscar a gente para ficar fora com ele, mas a gente só vai se quiser. É raro. (S4)

É... eu viajo, mas só quando eu quero, a casa não obriga, de vez em quando. Quando quero ganhar mais. (S6)

Eu não viajo, eu não gosto, só fico aqui. Até saio da casa, mas pra ficar na cidade. (S7)

A gente só viaja se quiser. Às vezes a gente viaja para conhecer outras casas, outras boates, mas a trabalho não, só se quiser mesmo, para ganhar mais. (S10)

Cê fala com cliente? Viajo, ele vem aqui pega a gente. Não tem muita frequência porque são poucos. (S13)

As viagens consistem em uma opção para as prostitutas, que podem negociar livremente, cabendo a elas decidirem se viajarão ou não. Assim, segundo Fonseca (1996), as viagens podem ser vistas como oportunidades econômicas, pois a possibilidade de ganho é maior do que o habitual.

Essa possibilidade de optar se viajará ou não com o cliente, confere à prostituta certa autonomia (DEJOURS, 1994), pois os donos das casas não as obrigam. Todavia, conforme o relato da maioria delas, as viagens são evitadas, pois não se sentem seguras para realizá-las. Assim, ainda que gozem da possibilidade de optar por essa modalidade de trabalho, não seria possível afirmar que diante disso as prostitutas vivenciam prazer, pois se optarem em permanecer na casa e não viajar, não ganham o montante que ganhariam se viajasse, todavia, se viajam experimentam o medo de estar na companhia de um desconhecido fora das casas.

Pelo Gráfico 14, pode-se observar que parte das trabalhadoras está satisfeita com o salário, pois atende suas necessidades. Estas dizem ganhar muito, principalmente quando da alta temporada e dizem ainda que “lá fora não ganhariam o que ganham aqui”. No entanto, outra parte diz não ser compatível, uma vez que o trabalho é exaustivo, depende de trabalhar muito e as despesas com os filhos é alta. Dizem ainda que, para aumentar o salário teriam de aumentar o consumo de dose de bebidas, o que acarretaria prejuízos à saúde ou “virar patroa”.

Eu acho que seja sim, porque eu não ganho pouco, eu ganho muito, às vezes eu fico a semana inteira sem ganhar dinheiro, mas eu bebo a semana inteira, aí quando é no final de semana tem um cliente que me dá 1.0000,00 reais, entendeu, aí já compensou aquela semana inteira. Então eu acho que qualquer emprego, se a pessoa tá nele mesmo por necessidade, ela considera bom para ela, senão ela não ficaria entendeu, mesmo por necessidade. S2

Não, tinha que ser muito mais, bem mais. As meninas falam que é dinheiro fácil, eu não acho que é dinheiro fácil não. O dinheiro é rápido, mas fácil não. S3

Não, deveria ser mais, porque o que a gente faz não é fácil, tem riscos e agüentar uns cara chato.... S6

Às vezes, porque nem todo mês cê ganha legal, tem mês que não rende, aí cê tem que fazer show para melhorar ou bater a meta das doses. S7

Não, não é compatível, essa vida é muito difícil, a gente deveria ganhar muito mais, não é fácil fazer programa, deitar com quem você não conhece, às vezes até com três caras na noite. Tem cliente que até paga mais, mas na maioria não. S10

Considero, é um preço até bom, por isso estou aqui, considero que por agora, por agora, não me acharia capaz de arranjar um emprego entendeu. Sabendo quanto que ganho aqui, lá fora, por ex. ganharia tipo 300 reais por mês, um salário no máximo, o que eu ganho aqui numa semana. Trezentos reais eu ganho em dois dias. Por enquanto trabalho não. É uma forma rápida de ganhar dinheiro. S12

Não, acho que eu deveria ganhar mais, mas depende de mim, de trabalhar mais. S13

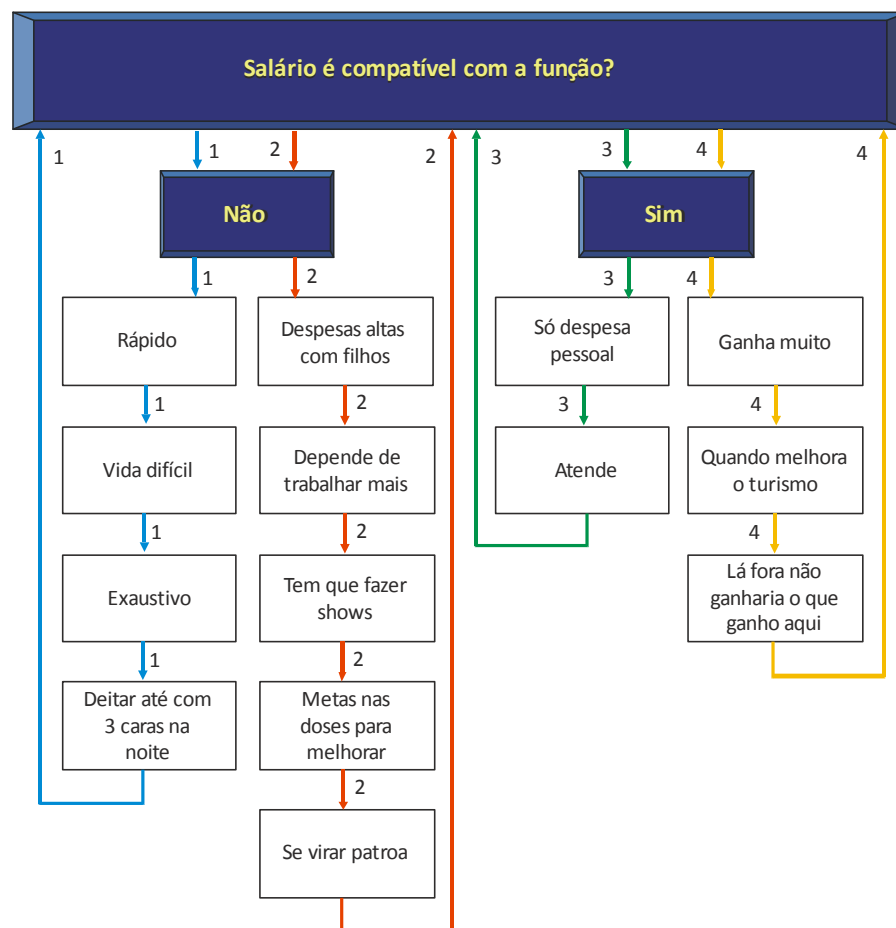


Gráfico 14 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você considera que o salário que você recebe é compatível com o que você faz?* (P26)

O dinheiro é o reconhecimento oficial do trabalho realizado, consiste na principal motivação do trabalhador no modo de produção capitalista. Sendo assim, para muitos trabalhadores justifica a sujeição acrítica ao trabalho por vezes penoso, sob a alegação de que precisam para sobreviverem.

Conforme relato de várias prostitutas o dinheiro é a motivação principal de seu trabalho. Todavia para conseguir manter a média salarial, elas algumas vezes precisam desempenhar funções como realizar show de *strep-tease* ou consumir uma quantidade maior de doses de bebidas, para atingirem as metas impostas, possibilitando o aumento do ordenado e, conseqüentemente, o cumprimento dos compromissos e o suprimento de suas necessidades.

Essas atividades que as prostitutas realizam além de suas funções costumeiras, demonstram que é preciso um desdobrar constante, provocando maior desgaste físico e mental, comprometendo sua saúde, haja vista que a cada dose que consomem elas lucram R\$ 1,00. Assim quando não conseguem ganhar o necessário para liquidar os compromissos financeiros, elas recorrem às alternativas de cumprimento de metas de consumo de bebidas cada vez mais crescente, pois assim podem ganhar aquilo que necessitam, para saldar suas dívidas.

Elas se sujeitam a vários programas em uma única noite, se prostituindo com vários parceiros, de várias maneiras, com um único objetivo: ganhar dinheiro para honrar com os compromissos. Segundo Dejours (2001), o trabalho está além de meramente ser fornecedor de subsídios, mas caracteriza-se enquanto uma possibilidade de trocas, sejam estas de conhecimento e de opiniões, bem como um lugar onde os vínculos afetivos se estabelecem. Portanto, o trabalho é de fundamental importância na vida das pessoas, pois proporciona processos de subjetivação constantes. Assim, não é possível que haja organizações de trabalho perfeitas, todavia, é necessário que haja a possibilidade de ressignificação do sofrimento que permeia a prática laboral.

Conforme Mendes (2007) e Dejours (1992, 1993, 1994, 2001), o trabalho não é e nem precisa estar isento de sofrimento, porém é preciso que ao trabalhador seja conferida a possibilidade de autonomia e liberdade na execução de suas tarefas. Assim ocorrendo, o trabalho contribui significativamente para a realização do trabalhador enquanto ser humano detentor de habilidades, desejos e sentimentos.

Para a P27 – "*Existe diferença de salário para funcionárias que executam a mesma função?*", todas as participantes declararam que existe diferença salarial em função de que cada trabalhadora estabelece valores diferentes nos contratos dos programas.

Cada trabalhadora tem a liberdade de estabelecer o preço de seu programa, exceto para os que são realizados no local, que têm o valor tabelado em R\$ 100,00. Mas, os programas, dependendo da forma que são contratados, variam de R\$ 100,00 a R\$ 2.000,00, sendo este último valor com penetração sem preservativo e beijo.

Um diferencial na prática laboral das prostitutas, é quando o cliente compra o programa que contempla o beijo, pois o ato de beijar caracteriza-se como uma troca de afeto entre elas e os clientes. Este ato é primeiramente evitado, todavia, se o cliente está disposto a contratar e pagam mais por isso, elas o fazem.

Este ato de esquiva por parte das prostitutas demonstra o que, segundo Dejours (1994) e Mendes (2007), são as estratégias de enfrentamento, pois se caracterizam como mecanismos de defesa que amenizam o sofrimento no contexto do trabalho. Ao se distanciarem da troca de afeto, abolindo do trabalho o ato de beijar, elas estabelecem, ainda que frágil, um limite entre suas atividades de trabalho consideradas mecânicas e seus anseios pessoais.

Há uma infinidade de sensações e emoções que compõem a sexualidade humana. Pensar a prostituição apenas como uma troca monetária e as relações afetivo-sexuais como estando sempre permeadas por sentimentos positivos é negar a contradição e a diversidade das relações que o ser humano é capaz de construir. Por outro lado, também não é possível negar que, na prostituição, à medida que se organiza como uma relação mercantil, predomina a dimensão monetária em detrimento da afetiva.

A prostituição pode ser pensada, conforme Bernstein (2001), como uma relação transparente, inserida em um contexto onde não há mentiras. O cliente deseja sexo e prazer, o que está claro quando ele procura uma prostituta. Ela, por sua vez deseja o dinheiro e as possibilidades que ele pode lhe oferecer, o que também está evidente. De forma geral, nenhum homem ao procurar uma prostituta pensa em encontrar amor, assim como ela também não espera isso dele.

Diante do quadro descrito, é possível perceber que o conjunto de estereótipos parece fortemente enraizado no imaginário da sociedade, contribuindo ainda mais para a existência de posições discriminatórias e preconceituosas com relação à prostituta, mas não se sustenta

diante de uma análise mais profunda. Em pesquisas científicas é preciso romper com o estereótipo e ver as pessoas de carne e osso, pessoas que, nas relações umas com as outras, como pensa Simmel (1990), constroem a sociedade ao formar uma rede de sociação.

Há também a arrecadação dos shows de *strep tease* que fica toda para a profissional que o realizou. Em cada saída, para qualquer tipo de programa, o que pode acontecer de três a quatro vezes por noite, a trabalhadora faz seu contrato sem intermediação de ninguém. E, por último, há os casos dos programas gratuitos, que as entrevistadas chamam “0800” para os amigos, porém não é do conhecimento da organização.

Ao ser perguntado às participantes sobre "*os motivos mais comuns para deixarem a boate*" (P28), surgiram os núcleos de pensamento *vão embora*: trecheiras (são da estrada), paixão, homem, propaganda, conhecer outras boates, casamento, sair do país, maiores oportunidades, estresse, mais ganhos, ter juntado dinheiro, drogas (necessárias para trabalhar), perturbação, brigas com dono/gerente, discriminação das colegas e *ficam*: vão e voltam, muito cliente de fora, a casa é boa, para quem gosta de (beber, transar, coisas loucas), não é fácil sair (Gráfico 15).

Pode-se observar que há mais motivos para deixar a boate que para ficar, no entanto, todas disseram que “a casa é boa”. A maioria se desliga por vontade própria, alegando ir em busca de melhores oportunidades de trabalho. Outras deixam devido ao estresse e perturbações, um dos indicadores de sofrimento no trabalho, segundo Mendes (1999). Os relacionamentos interpessoais são fundamentais para o convívio saudável no trabalho. Quando esse está comprometido, devido a desavenças no contexto do trabalho, o sofrimento se instala e concomitantemente o estresse (DEJOURS, 1994).

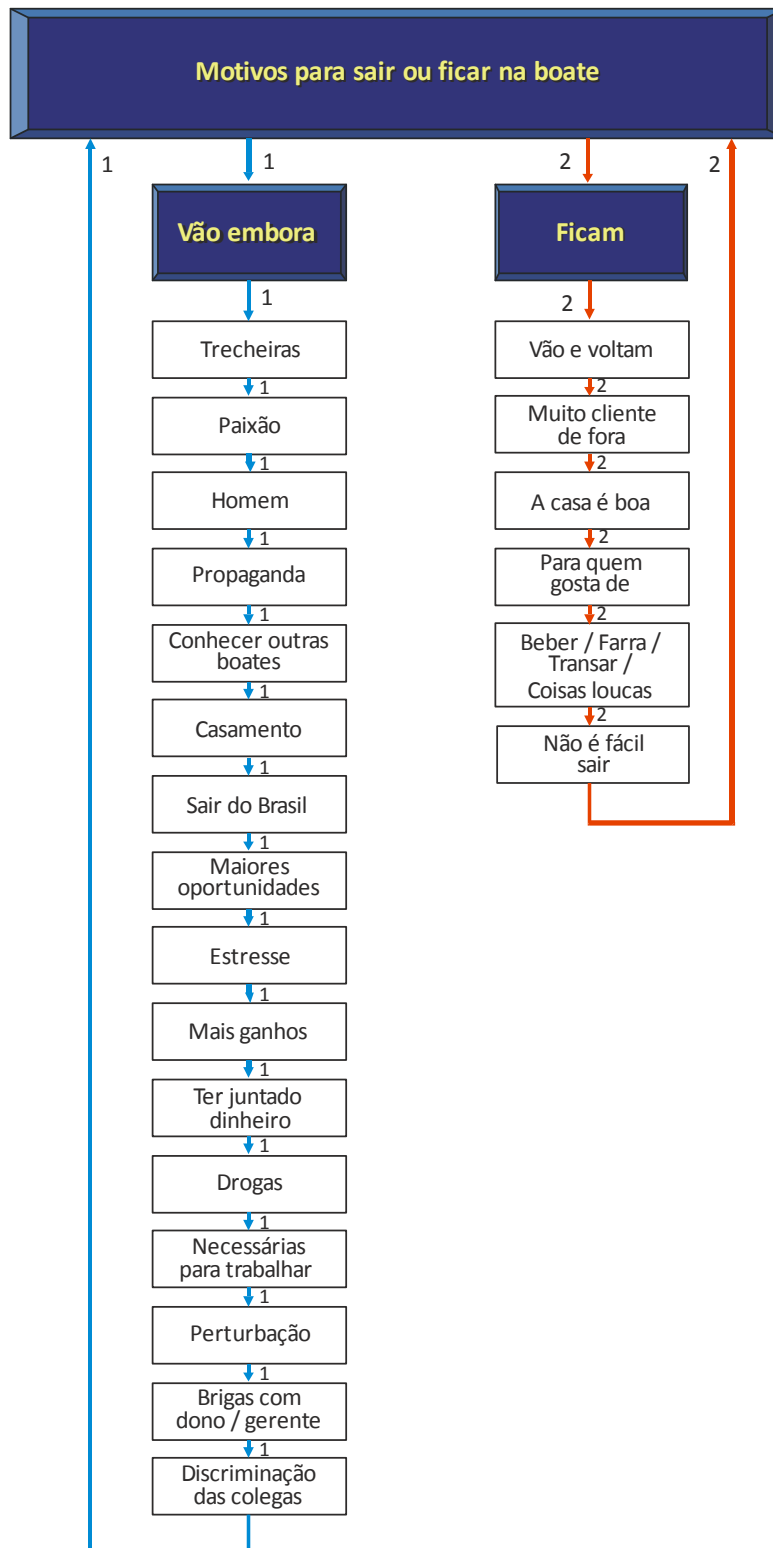


Gráfico 15 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: Quais são os motivos mais comuns para as pessoas saírem da boate? Você conhece alguém que já saiu? (P28)

4.3 CATEGORIA 2 - MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA DO TRABALHADOR: VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO, ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO.

4.3.1 Vivências de Prazer no Trabalho

Mendes (1999), refere-se às vivências de prazer como sendo as experiências de gratificação do trabalhador pela satisfação do seu desejo e/ou necessidade oportunizada pelo contexto de produção de bens e serviços. São expressas por meio da gratificação, realização, reconhecimento, liberdade, valorização e satisfação no trabalho, vivenciadas de forma direta por meio de processos sublimatórios e indiretamente pela dinâmica do reconhecimento que possibilitam a ressignificação do sofrimento, ou pela transformação, por meio da mobilização coletiva, das situações de trabalho.

Ao ser perguntado às participantes “*O que você mais gosta no seu trabalho?*” (P29), emergiram do discurso os núcleos de pensamento **relações interpessoais com as colegas**: *amizade, dormir no mesmo quarto, proximidade, confidentes, lembra família, atenção/carinho*; **com os clientes**: *gosta, da tarefa/função, sentar, beber, conversar, fazer sexo, atenção, carinho, streap tease, cortesia, dinheiro*; **ambiente**: *movimento, zoeira, barulho, música, alegria*; **dormir** (Gráfico 16).

Seguem alguns trechos de entrevistas:

A hora de dormir, a hora do descanso. (S3)

Eu gosto do movimento da casa, da noite, da zoeira. Mas, acho bom também quando vou descansar. (S4)

De fazer show eu gosto, streap. Sou boa dançarina, [...] Quando bebo sou outra pessoa, acho que todo mundo é assim, perde um pouco da vergonha. Quando preciso muito de dinheiro, quando quero dinheiro, não faço programa aí faço show. No show ganha 30 reais, mas o que você vai arrecadando nas mesas ganha até mais. (S5)

Eu até gosto da movimentação da casa. Sempre é bom estar com muita gente, dançar, beber, mas é bom mesmo quando a gente vai para cama dormir ou então para fazer sexo. (S7)

De dormir, a gente fica muito cansada, pena que dormir de dia não é igual à noite. Ainda não consegui acostumar com o ritmo (S8)

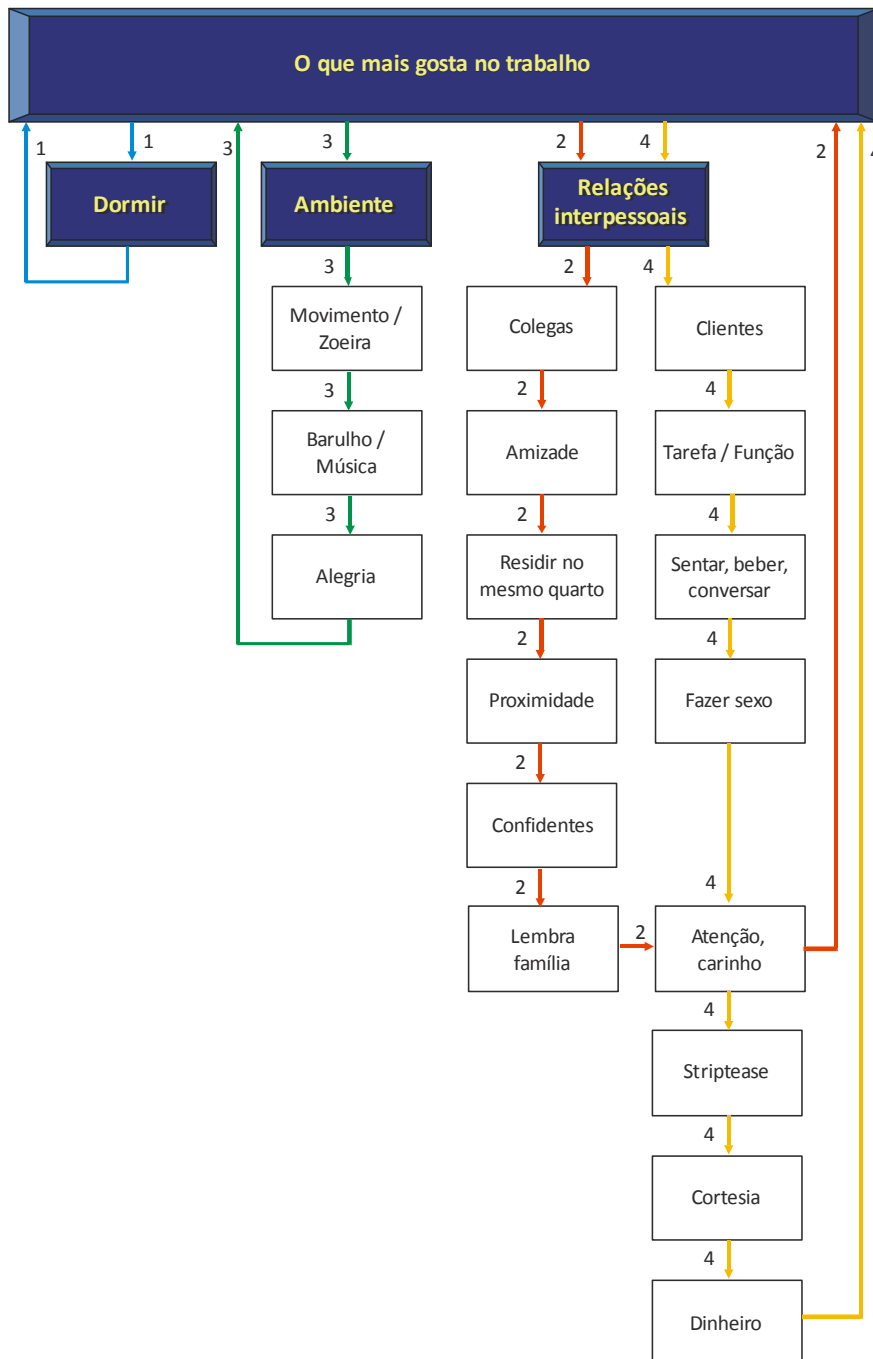


Gráfico 16 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *O que você mais gosta no seu trabalho?* (P29)

Pelos relatos percebe-se que nas tarefas há pouca monotonia e flexibilidade. A flexibilização está diretamente relacionada à liberdade concedida ao trabalhador dele

rearranjar seu modo operatório. No estudo em questão pode-se observar que a liberdade concedida às trabalhadoras está sempre sob supervisão, portanto cerceadas em suas decisões.

O discurso das entrevistadas de que apreciam o relacionamento com as companheiras e clientes e que também gostam do ambiente movimentado e barulhento do salão, condizem com a própria identificação. O gostar de dormir implica em não querer trabalhar, ou seja, não ter o contato com o que não lhes dá prazer.

Diante do contexto de trabalho das prostitutas, o anseio por sono pode ser analisado enquanto um mecanismo inconsciente de fuga da realidade, pois se assim o fazem estão se distanciando daquilo que lhes afeta psiquicamente, o que, segundo Mendes (2007) e Dejours (1993, 1994), consiste em estratégias defensivas de enfrentamento do sofrimento, com o objetivo de possibilitar a prática do trabalho sem maiores dissabores.

A prática do trabalho da prostituta, em sua maioria, ocorre com homens, todavia, este cliente, o homem, não lhes dá prazer, apesar de ser a fonte de renda, e “o homem alisando” muitas vezes causa-lhes repulsa. Era um resultado esperado, visto que, a maioria afirma ser homossexual e ter suas parceiras na própria organização, o que, inclusive gera desconforto quando vão realizar os programas.

Dejours (1994) diz que, a busca pela melhor forma de execução do trabalho leva o trabalhador a um estado de prazer no que faz, ou seja, o sujeito, ao se perceber como sujeito da organização do trabalho, sofre uma expansão ou uma diminuição da carga psíquica gerada pelo contexto de trabalho.

Ao ser perguntado às participantes “*Você acha que seu trabalho é importante? Por quê?*” (P30), emergiram do discurso os núcleos de pensamentos *sim.e não* Ligadas a esse núcleo está a unidade de significação **sim: para clientes**, *necessário, deprimido, brigou com a esposa, resolver problema, quer companhia, descartáveis*; **para si mesma**, *ganha dinheiro rápido, gosta, ajuda*. Ligadas ao núcleo está a unidade de significação **não: é profissão**, *valorizado, somos gente*, **para si mesma**, *sem-vergonha*, **para a sociedade**, *discrimina/preconceito, chacotas* (Gráfico 17).

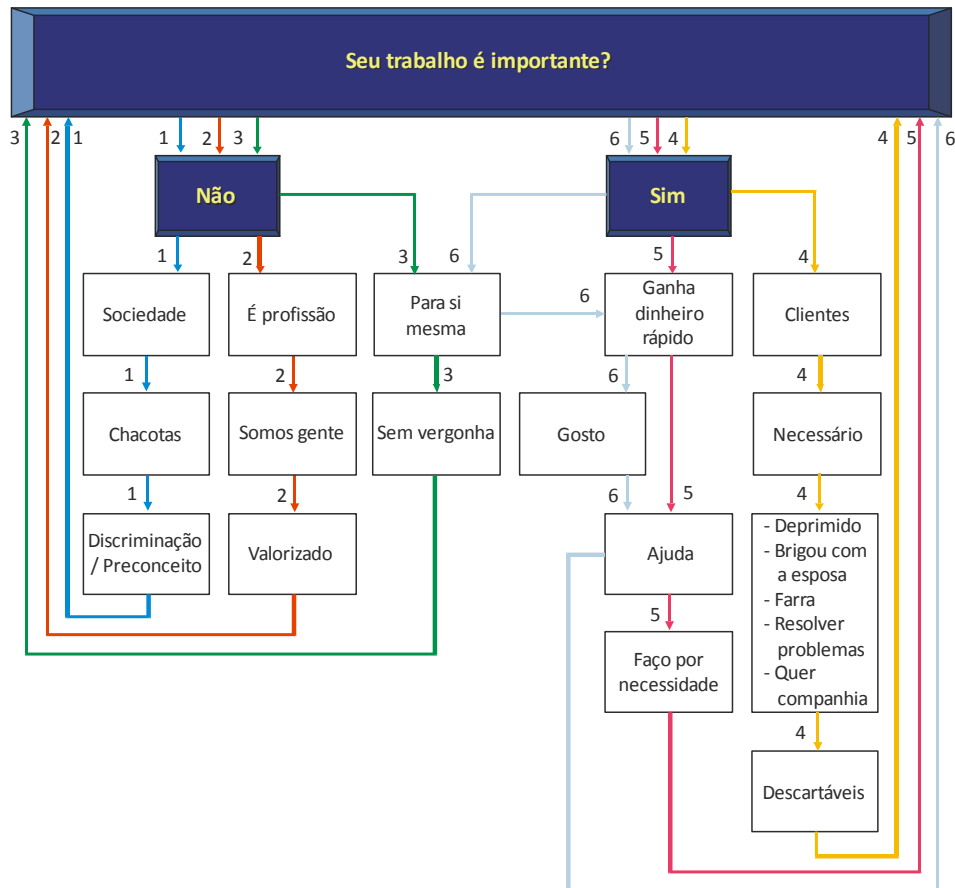


Gráfico 17 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: Você acha que seu trabalho é importante? Por quê? (P30)

Embora as relações no trabalho sejam de dominação, de sujeição, em um espaço específico de trabalho, o caráter de subversão em relação ao prescrito, adquire por meio do reconhecimento pelo outro, um caráter de subversão a essa dominação. Assim, o trabalho para Dejours (1994), apresenta uma característica importante como fator de identidade dos sujeitos, e a articulação deles com o coletivo, inscreve-se na possibilidade de transformação social.

Seguem-se trechos de entrevistas:

Assim, apesar do preconceito acho que sim. Porque, às vezes, acontece da pessoa não achar trabalho entendeu, aí vindo para cá acha um jeito melhor de ganhar um dinheiro melhor entendeu, porque por mais que seja errado, entendeu, ajuda bastante, como qualquer outro emprego (S1)

Não, porque não tem valor pra ninguém. Nem pra quem vem aqui, nem pra nós mesmo. (S10)

Não. Porque eu vejo assim, o pessoal aqui eles só estão aqui quando tá deprimido, quando brigou com a mulher, quando quer fazer farra, não precisa da gente pra nada entendeu. Sobe pra lá, meia hora duas horas, acabou, pronto, foi embora . Não acho que é importante. (S13)

Se o meu trabalho é importante? Sim. Porque de certa forma tem muitas pessoas que vêm aqui, com problemas, que chegam aqui mal, quer dizer, de certa forma igual o pessoal fala, garota de programa está sempre bem, mas não é bem assim. Tem pessoa que está pra baixo mesmo e ela só quer companhia, daí você faz aquela pessoa sentir bem. Eu acho isto legal, importante. (S15)

Observa-se nos relatos das entrevistas que, apesar da sociedade excluir a prostituta e discriminar o seu trabalho, é importante satisfazer às necessidades dos clientes, pois é o instrumental que possuem para alcançarem a condição econômica que lhes permita viver dignamente. Não importa a profissão, o que importa é o dinheiro advindo dela, que lhes possibilitará acesso a um padrão de vida melhor, com a qual sonham e, dessa forma serem aceitas pela sociedade.

Apesar das grandes transformações sociais que fizeram com que as mulheres conquistassem direitos civis e sexuais equivalentes aos homens, essa representação da prostituição se mantém curiosamente vigente. Tanto simbolicamente quanto no imaginário social, a prostituta desempenha papéis que seriam inconcebíveis para a “mulher de família”, podendo ser sexualmente livre, despudorada, sem dono, sedutora e ativa na arte da conquista, além de “boa de cama” , devido à experiência que a profissão provê. Essas características atizam o desejo masculino e causam temor nas esposas.

Ainda que a idéia acerca do comércio do sexo, da imagem de mulheres que vendem seus corpos em troca de dinheiro, seja recorrente na sociedade, há de fato a negociação e a comercialização de fantasias sob medida para os mais diversos desejos. Corpos femininos usurpados pelo desejo incontido dos homens constituem a imagem ideal que serve para esvaziar qualquer possibilidade de surgimento da prostituta como sujeito social, detentora de direitos e deveres, enfim, cidadã plena.

É revelador o uso da expressão “mundo da prostituição” para se referir à prostituta e ao meio em que exerce sua profissão. Formula-se e implementa-se uma estratégia coletiva e legitimadora que gera uma cisão sócio-moral entre o que se considera normal e o que se

considera desviante. Tem-se assim, dois mundos que, aparentemente, não se dizem respeito mutuamente: de um lado o normal que supostamente comportaria o maior número de pessoas, e, de outro, o desviante, que transgride os códigos consagrados da normalidade.

Ao se confundir maioria com normalidade, cria-se a ilusória legitimidade que permite analisar, avaliar e julgar o outro, a minoria. Não é sem razão que se pode arvorar e propor teorias diversas sobre marginalidade e exclusão social, já que quem o faz se posiciona em outro espaço, distante e alienado, que não contempla o diferente como elemento constituinte do ser humano. Essa simbólica divisão entre imaginados universos provoca uma distorção da realidade que impede uma interpretação mais realística da prostituição.

Ao ser perguntado às participantes “*Você se sente valorizada como profissional?*” (P31), emergiram do discurso os núcleos de pensamentos *sim* e *não*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação **sim**: por clientes, dá dinheiro, agrada, elogios, físico; pelas companheiras; valorizam e **não**: pela gerente, não escuta e pela sociedade, desconsidera como profissão, safada, sem-vergonha, crítica, gracinhas na rua (Gráfico 18).

Os relatos abaixo contêm indícios de reconhecimento e sentimentos que acompanham sofrimento. Para Dejours (2001), o processo de reconhecimento dá-se pelo olhar do outro que aprecia condutas e tem efeitos benéficos na construção da identidade. O que as entrevistadas trazem como significado de valorização por parte dos clientes quando esses lhes presenteiam com dinheiro e outros agrados ou tecem-lhes elogios em relação à aparência física, não condiz com o processo de reconhecimento que Dejours (2001) aborda. Tal procedimento parece ter mais o sentido de compra de favores, pois os elogios são destituídos de sinceridade.

Outras correntes, como a de Siegrist (2001) e Sainsaulieu (1996), também centralizam no “não reconhecimento” o sofrimento, ou seja, o adoecimento vinculado ao trabalho. Assim, trabalhadores que operam nos esgotos, bueiros e ambientes infectados de forma geral tendem a identificar-se com os objetos que manipulam, o que acarreta uma questão identitária complexa. Nossa identidade depende do outro que nos dá noção do que somos, e as pessoas, devido ao preconceito tendem a identificar o sujeito com sua atividade. Assim, a existência do reconhecimento ou de sua negação é um fator primordial para a saúde do trabalhador.

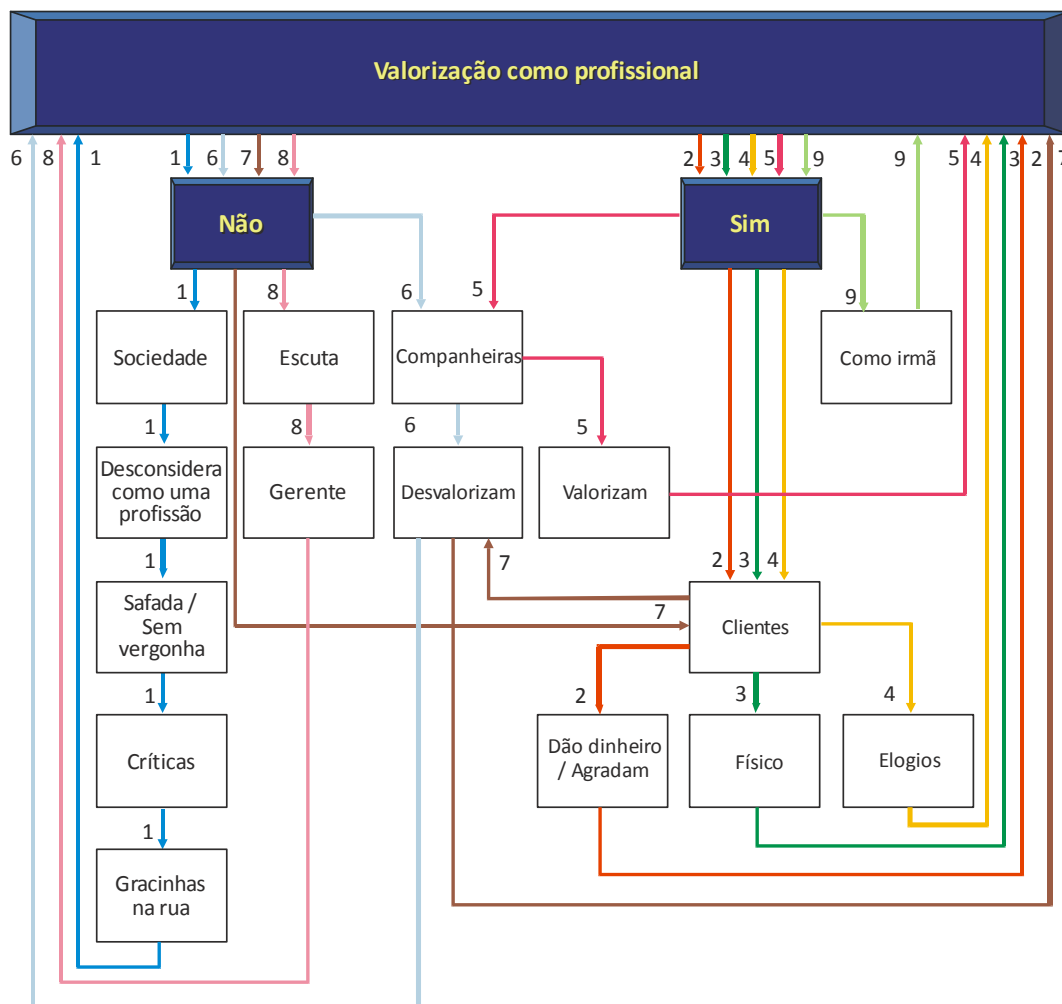


Gráfico 18 - Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você se sente valorizada como profissional?* (P31)

Seguem trechos de entrevistas:

Prostituta nunca é valorizada, só a gente se valoriza entre nós mesmas. Mas, as pessoas de fora, a sociedade....(S4)

Nem sempre, alguns cliente valorizam a gente, algumas colegas também, mas lá fora ninguém valoriza a profissão. (S6)

Não, não sinto, penso que as pessoas nem vê nosso trabalho como profissão (S7)

Ah não sei, ser prostituta, garota de programa, para muitos nem é profissão. Na rua chamam a gente de puta, putinha, de forma bem pejorativa. Isto machuca a gente. Como é que a gente pode sentir valorizada? (S8)

Não, ninguém valoriza puta, ninguém vê a gente como profissional, vê como safada, sem vergonha e mais um monte de coisas.. (S10)

Nem sempre, às vezes pela forma de você ser tratada, até mesmo pela casa, tipo ser deixada pra segundo plano, você tem uma reclamação pra fazer e a pessoa nem te ouve. Acho que poderiam nos valorizar mais, porque a gente ta aqui, pode ter a certeza de que quem paga a luz que a gente usa é a gente mesma, é o nosso trabalho, por isso acho que deveriam valorizar a gente um pouco mais. (S15)

Observa-se alguns relatos contraditórios nas entrevistas. Ao mesmo tempo que dizem ter uma boa relação interpessoal, nem todas valorizam as companheiras enquanto profissionais. Pelo relato S4, nota-se a racionalização como estratégia de defesa individual.

Dejours (1999) discorre sobre três racionalidades do trabalho: a racionalidade em relação à produção e que tem como critério a eficácia; a racionalidade em relação ao mundo social, as normas e valores de convivência no trabalho e a racionalidade em relação à saúde mental e física, ao mundo subjetivo de cada um.

Quanto à racionalidade da produção, a organização possui uma exigência sobre às trabalhadoras quando cobra-lhes a *performance* no trabalho, na aparência e no cumprimento das metas no consumo das bebidas. Na racionalidade em relação ao mundo social, as normas e valores de convivência no trabalho ficam claras nas regras estabelecidas nas repúblicas (quartos de dormir), uma vez que são compartilhadas e no uso proibitivo de drogas.

Segundo a maioria das prostitutas, elas vivenciam o preconceito da profissão diariamente, por onde quer que vão, pois a sociedade não as reconhece como profissionais, e sim como mulheres destituídas de valores morais. Isso compromete a identidade destas mulheres conforme afirma Goffman (1982), pois são estigmatizadas pela sociedade. Essa estigmatização sofrida pela prostituta, transforma-se num sentimento experienciado por elas, onde internalizam os valores sociais contrários à sua prática e com isso sentem-se envergonhadas e dignas de permanecerem à margem da sociedade, tendo que lidar com questões de auto-aceitação.

Segundo Russo (2006), o estigma forma a imagem da pessoa que se observa, a partir do momento que se descobre que esta pessoa atua como profissional do sexo. Essa descoberta proporciona a imagem de que esta pessoa é detentora de valores depreciados pela sociedade, como imoralidade, desonestidade, ausência de caráter, dentre outros, desconsiderando tanto o passado da pessoa, quanto a possibilidade de uma vida “normal” em sociedade.

Ocorre uma degradação que tem como base a vivência de uma determinada prática sexual. Julga-se o outro, a partir dos próprios valores, como não poderia deixar de ser, mas muitas vezes, os valores culturais ou normas estão tão arraigados e incorporados que não se percebe ou aceita a possibilidade da existência de outras crenças ou valores, que também poderiam ser tomados como fonte de referência para conhecer ou aprender sobre algo ou alguém.

Ao ser perguntado às participantes “*O seu trabalho permite que você decida sobre como fazer o serviço?*” (P32), todas declararam possuírem autonomia na execução do trabalho.

O poder, para Pagès *et al* (1987), é aquele que cria a regra do jogo, que propõe o conjunto de condições às quais são sujeitos os participantes, assim como suas relações mútuas. No estudo em questão, é importante observar que é permitido liberdade de ação à todas trabalhadoras no que se refere ao desempenho da função

Mendes (1999) considera a liberdade como sendo indicador de vivências de prazer no trabalho. Quanto mais livre o trabalhador se sentir para utilizar suas potencialidades, para atuar na organização, para expressar suas idéias, mais sentirá prazer naquilo que executa. Quando, porém, esse trabalhador é tolhido de sua liberdade, se sente mais aprisionado, vivenciando sofrimento.

As vivências de prazer no trabalho são expostas no diagrama da Figura 4.

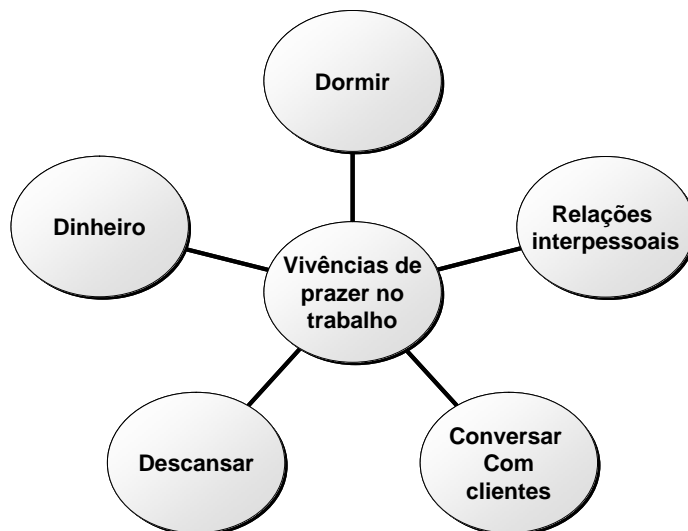


Figura 5 – Principais componentes das Vivências de Prazer no Trabalho das prostitutas

4.3.2 Vivências de Sofrimento no Trabalho e Estratégias de Enfrentamento

O sofrimento, para Mendes (1999), refere-se a vivência de experiências dolorosas como angústia, medo e insegurança, originadas do conflito entre a busca de gratificação dos desejos e/ou necessidades do trabalhador e a restrição em satisfazê-las, encontradas no contexto de produção. Representa indicação de que algo não vai bem, manifestando-se por meio de sintomas como ansiedade, insatisfação, indignidade, inutilidade, desvalorização e desgaste no trabalho.

Dependendo do espaço que o trabalhador detém para negociação com seu contexto de produção e as vivências de sofrimento, poderá utilizar-se da mobilização coletiva ou empregar estratégias de defesas. A primeira leva à saúde e o fracasso das defesas ao adoecimento.

As estratégias de mobilização coletiva referem-se ao agir coletivo dos trabalhadores baseadas no espaço público de discussão, endossadas pela cooperação e confiança entre os sujeitos e visam a transformação do contexto de produção por meio da eliminação e ou minimização do custo humano negativo no trabalho, ressignificando o sofrimento e mudando a situação de trabalho para fonte de prazer.. Espaço público de discussão, representa o espaço

da fala e expressão coletiva do sofrimento e é construído pelos próprios trabalhadores o que pressupõe inteligibilidade, autenticidade e respeito às diversidades entre os interlocutores.

As estratégias defensivas (individuais e grupais) são mecanismos de defesa que permitem evitar o sofrimento e a loucura. São comportamentos e reações agressivas para lidar com o sofrimento e a pressão no trabalho. Se expressam pela negação e/ou racionalização em relação ao contexto de produção de bens e serviços. Negação diz respeito ao não-reconhecimento do sofrimento alheio ou próprio, caracteriza-se por comportamento de isolamento, desconfiança, individualismo que desarticula o coletivo e interpreta as situações de trabalho de forma singular, em detrimento da história que as produziu. As estratégias defensivas mantêm o sujeito, ao mesmo tempo, adaptado ao contexto de produção de bens e serviços e alienado. Seu uso intensivo pode torná-las ineficazes. O sofrimento fracassadamente enfrentado abre espaço ao adoecimento.

Racionalização refere-se à eufemização dos sentimentos de ansiedade, medo e insegurança por meio de atitudes de desprezo, ignorância ou inconsciência em relação aos riscos e imposições do trabalho. Caracteriza-se por prática discursiva pautada exclusivamente em resultados positivos, delegando os fracassos no trabalho à incapacidade ou incompetência humana.

Para Dejours (1994, 2001), a mobilização subjetiva é caracterizada como um processo de utilização de recursos psicológicos por parte do trabalhador nas discussões sobre o trabalho. É vivenciada por cada trabalhador, diminuindo a utilização de estratégias defensivas e fomentando a transformação do sofrimento com o resgate do sentido do trabalho.

A mobilização subjetiva se configura no coletivo, sendo inerente ao coletivo do trabalho, que é baseado em regras que organizam as relações entre as pessoas, possuem componentes de ética, de valores e de justiça. Além desses aspectos, a mobilização subjetiva possui outros elementos, que são: cooperação, inteligência astuciosa, ambas auxiliam o trabalhador a resistir a rigidez do que é imposto, e a desenvolver habilidades particulares para a execução das tarefas (DIAS, 2007).

Ao ser perguntado às participantes “*Para desenvolver seu trabalho você precisa aprender alguma coisa específica?*”(P33), emergiram do discurso os núcleos de pensamentos

*sim e não. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação **sim**: aprender com as mais antigas, agradar, acariciar, elogiar, técnicas sexuais, posições, lidar com homens, dançar, transar bem, fingir que bebe; e **não**: depende de cada uma, é natural, melhora com a experiência, tenho que aprender a falar mais. (Gráfico 19)*

Seguem-se trechos de entrevistas:

[...] os responsáveis pela casa falam, é bom que você faça isto ou aquilo, é assim, eles não obrigam cê fazer isso, só que cada uma tem sua maneira de trabalhar. Eles pedem que cê agrade o cliente, elogie, faça carícias nele, até porque ele vai voltar na casa e pode tornar seu cliente sempre. (S1)

Como lidar com o cliente, como fazer, a gente aprende com as meninas que estão há mais tempo. (S3)

[...] sexo vai aprendendo no dia a dia. (S5)

Só aprender a fazer sexo, isto é fácil, faz parte. (S6)

[...] Só fazer sexo não precisa aprender, parece até que já nasce sabendo. (S7).

[...] Quando a gente quer saber alguma coisa de diferente, a gente pergunta às menina que tem mais tempo de casa. (S8)

[...] naturalmente vai adaptando. (S9)

Só atender bem o cliente. (S10)

[...] acho que quando você vai para um lugar desses você aprende até a transar melhor sabe, eu achava que sabia transar bem demais, e lá conversando, muitas das vezes quando você vê outra pessoa transando, com outras técnicas, é ... e muita coisa, você aprende com a pessoa fazendo *strep*, não que eu queira fazer lá no palco pra todo mundo ver, mas pra pessoa que você que esteja com você, muita coisa né? (S11)

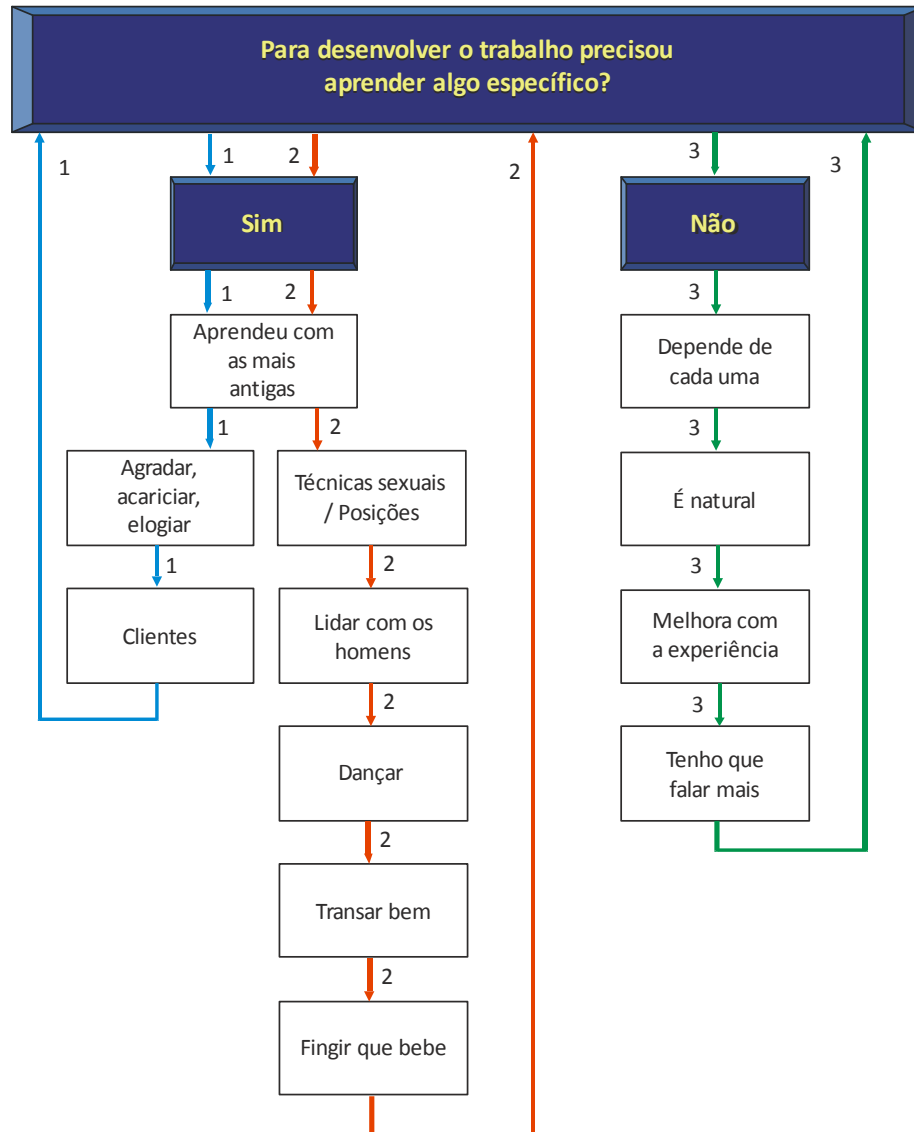


Gráfico 19 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: "Para desenvolver o seu trabalho você precisa aprender alguma coisa específica?" (P33)

Muitas coisas eu aprendi aqui, que eu não sabia antes. Por ex. posições, eu não sabia lidar com o homem. Eu quase não ficava com homem, [...] as meninas foram me ensinando, elas são muito legais daí ensinam. Dançar eu não sabia, eu fiquei uns três dias treinando e elas me ensinando. Envolve aulas de dança, academia, há garotas que dançam e que fazem aulas. Aperfeiçoam o corpo, os caras ficam mais....(S12)

Tem que aprender a transar bem, mas isto é fácil de aprender. (S13)

Eu só observei ela [...] . Eu observa o jeito dela, tudo que ela fazia eu tava de olho, eu ia atrás né. [...] (S14)

[...] Talvez eu ache que eu precise ser mais extrovertida, eu sou meio embutida, muito fechada, acho que tenho que falar mais. (S15)

Observa-se, pelos relatos que, nessa organização, as trabalhadoras mais novas foram adquirindo conhecimento e prática no cotidiano, com as mais antigas. Outras, tiveram seus conhecimentos adquiridos na própria experiência.

É notório, na atualidade, as organizações enfrentarem a concorrência preparando seus funcionários, instrumentalizando-os nas competências necessárias para o desempenho de suas funções. Para isso são instituídos, conforme Enriquez (1997), ritos de iniciação, de passagem e de execução, que têm por função sedimentar a ação dos membros da organização, para lhes servir do sistema de legitimação e dar assim uma significação preestabelecida às suas práticas e à sua vida.

Isso não se aplica à organização pesquisada, uma vez que ela não promove nenhuma qualificação de suas trabalhadoras, deixando a cargo de cada uma o aprendizado. A preocupação que se apresenta é utilizar-se do critério de ter sempre mulheres jovens e bonitas nas casas para atrair maior clientela superando a concorrência. Isso também se caracteriza como uma forma de sofrimento, uma vez que as prostitutas de mais idade vão perdendo espaço para as mais jovens na predileção da clientela.

Observa-se no discurso de algumas entrevistadas, por exemplo “ter que aprender a transar bem”, que as tarefas passam a ser executadas de forma mecânica, sem encontrar qualquer prazer no que faz. Embora executando “normalmente” a função, a prostituta age mecanicamente, aparentando uma fria insensibilidade em relação a si mesma e a tudo que a cerca. Segundo Marty (1976), esse comportamento representa a quebra de um funcionamento frágil e regressivo da pessoa em seu todo psíquico e orgânico. Na depressão essencial (MARTY, 1968), o operacional solapa o mundo afetivo, e o viver cotidiano (vida operativa) passa a se reduzir à racionalizações e a ações desvinculadas de emoções.

Para Karasek e Theorel (1990), a insensibilização do afetivo, usualmente mais observada por familiares e amigos do trabalhador que por ele mesmo, é o distanciamento do sujeito em relação a seus próprios sentimentos. Pressionadas a agirem rápido e sempre sob tensão, as prostitutas não entram em contato com seus sentimentos e fantasias, fazendo com que essa área de esfera subjetiva fique isolada, cindida em relação à consciência das percepções e ações de cada uma delas.

Ao ser perguntado às participantes “*Quais as dificuldades que você enfrenta no trabalho?*” (P34), emergiram do discurso os núcleos de pensamentos *clientes, riscos, família gerência, tudo é difícil, concorrência, horário imprevisível, deitar com quem não conhece, homens não dão prazer, falta de tempo* (Gráfico 20).

O sofrimento, para Mendes (1999), é uma vivência freqüente e permanente, muitas vezes inconsciente, de experiências dolorosas como angústia, medo e insegurança, provenientes do conflito entre as necessidades de gratificação do binômio corpo-mente e a restrição de satisfazê-las pelas restrições impostas nas situações de trabalho. Na sinalização de situações adversas ao trabalhador, o sofrimento tem um papel muito importante.

Seguem-se trechos de entrevistas:

Se sujeitar às coisas que cê não quer, determinados tipos de clientes, alguns riscos. (S1)

[...] tá longe da minha família, tá mentindo para meus pais, [...] às vezes sê entra em depressão, [...] (S2)

Cara bêbado, querendo abraçar, passar a mão na gente, ficar alisando, nem, essa é a parte pior[...]. (S3)

Não gosto de cara ficar me alisando, principalmente quando está bêbado, fica chato, enjoado, nojento. (S6)

Os cara não respeitar a gente. Acham que por ser garota de programa não merece respeito. Acham que porque estão pagando a gente tem de fazer tudo que eles querem. (S8)

Deitar com quem não conheço, não gosto. Mas, aqui só vem desconhecido. (S10)

Homens que não me dão o mínimo de prazer, por eu gostar de mulher, [...] tem cliente que pode me pagar mil reais que eu não fico com ele, não fico. (S12)

[...] A dificuldade maior é minha gerente, ela é pior que meus clientes (S13)

A carga psíquica advém da relação do homem com a organização do trabalho, que torna-se fonte de sofrimento quando há ausência de comunicação e de condições de desenvolvimento do próprio sujeito. Advém, também, das condições desfavoráveis impedindo os trabalhadores de gerirem seu sofrimento e descobrir formas criativas de livrarem-se da energia pulsional acumulada no aparelho psíquico.

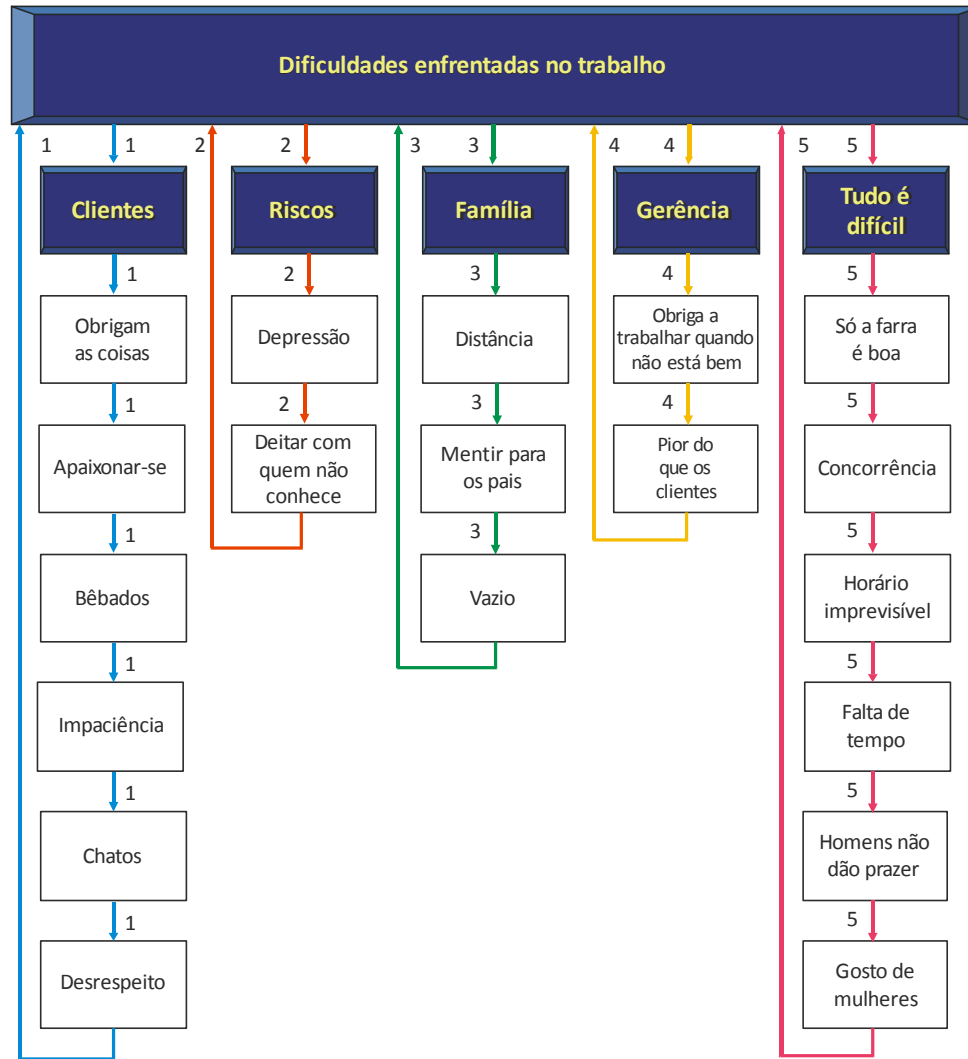


Gráfico 20 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Quais as dificuldades que você enfrenta no trabalho?* (P34)

Para Chanlat (1996), quaisquer que sejam as razões profissionais que no ambiente de trabalho levam as pessoas a se comunicarem, é importante ressaltar que o fracasso nesse domínio é doloroso para as pessoas envolvidas e, também onerosa para a organização como um todo.

Para as entrevistadas, as dificuldades se relacionam com as categorias da psicodinâmica do trabalho. Conforme observou Assis (2008), em sua pesquisa com participantes de uma banda de *blues*, o desgaste físico e o cansaço afetam o rendimento e a produtividade no trabalho. Naqueles participantes, por trabalharem em uma dupla jornada de

trabalho, o cansaço torna-se inevitável, e a fadiga, conseqüentemente, afeta sua saúde psíquica e física. Seus relatos é de que sentem fadiga e percebem o cansaço, a falta de rendimento, o desgaste físico. O sofrimento deles por causa da dupla jornada de trabalho indica que dispõem de poucos momentos de descanso e lazer.

O observado por Assis (2008) também se dá com as funcionárias que ocupam os cargos de gerente e subgerente, as quais conciliam a dupla jornada de mães e donas-de-casa, papéis que, segundo elas, não cumprem como desejariam devido à falta de tempo e ao horário noturno de trabalho. A dupla jornada de trabalho que enfrentam e a falta de tempo para descansar e se relacionarem com os familiares prejudicam a qualidade das relações. Isso significa que o adoecimento será inevitável, caso permaneçam nesse ritmo.

Conforme relatos das prostitutas pesquisadas, a prostituição é uma prática perigosa. Não há segurança. Na casa, na pista, no motel, ou em qualquer outro espaço, sempre se está vulnerável e sujeito a inúmeros perigos, alguns ligados a própria existência e outros ao estilo de vida da prostituição. De forma geral, as mulheres consideram difícil fazer sexo com desconhecidos ou, ainda, o discurso da facilidade está ligado não apenas à função em si, mas à forma como ela é exercida. Se a negociação e os limites fixados são respeitados, a experiência torna-se mecânica e por isso mesmo mais fácil de ser vivenciada. No momento em que as práticas como o beijo e as carícias entram em cena, há uma quebra daquilo que foi acordado e, conseqüentemente, torna-se difícil manter a relação no nível requerido.

Diante do núcleo induzido “*O que do seu trabalho lhe traz de sofrimento?*” (P35), emergiram do discurso das participantes cinco núcleos de pensamento. Esses núcleos de pensamento estão todos relacionados às *dificuldades* vividas pelas participantes com referência a: *saudade, propaganda, adoecimento, dinheiro e homens* (Gráfico 21).

As participantes mencionaram o sofrimento físico e psíquico, pois se sentem sobrecarregadas na realização das tarefas. Percebe-se que o sofrimento psíquico decorre da falta de não se sentirem reconhecidas como deveriam e de serem bastante discriminadas. Novamente a propaganda demonstra ser um indicador de sofrimento relevante, bem como a saudade da família e filhos.

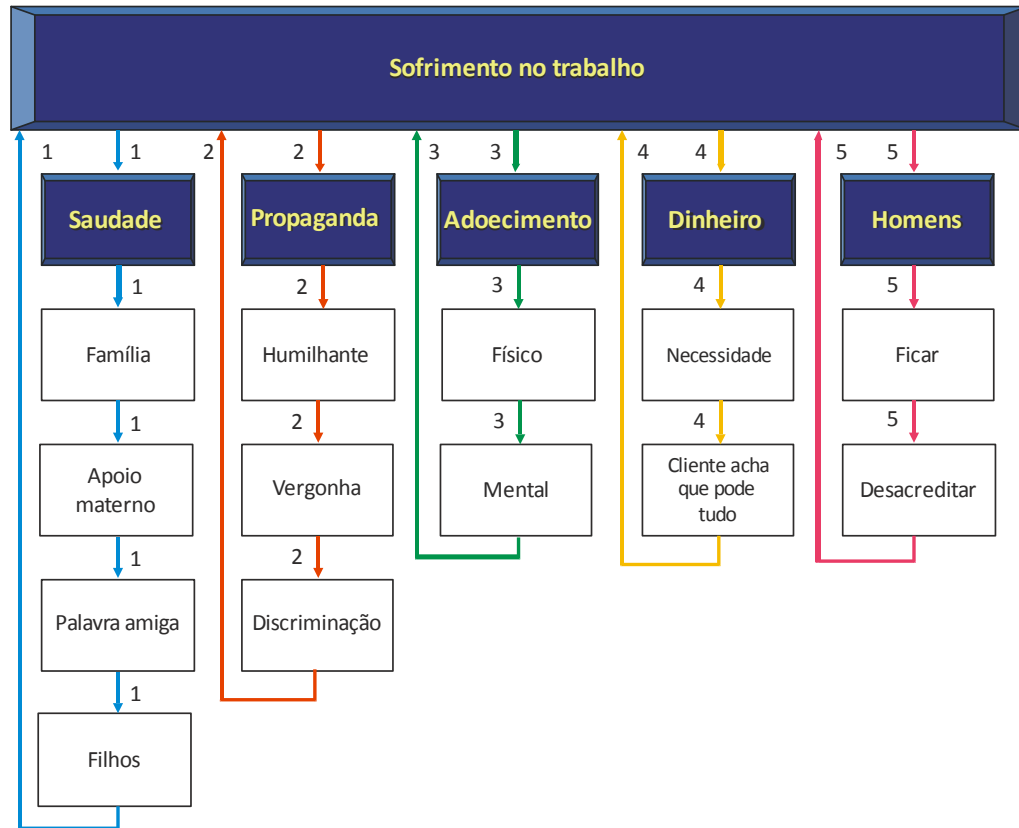


Gráfico 21 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *O que do seu trabalho lhe traz de sofrimento?* (P35)

Para Dejours (1992), o sofrimento pode ser proveniente de pouca ou inexistência do conteúdo significativo do trabalho, mas também de outro componente de insatisfação, que resulta da inadequação da relação trabalhador-conteúdo ergonômico e que é fundamental na problemática relação saúde-trabalho.

Ao ser perguntado às participantes “*Você se sente pressionada ou sobrecarregada na realização das tarefas? Se sim, o que você reage diante desta situação?*” (P36), emergiram do discurso os núcleos de pensamentos *sim* e *não*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação **sim**: *mudando o cabelo, bebendo, drogando, enraivecendo, saindo com quem não quer, fugindo para casa, dormindo, é obrigada a fazer* e **não**: *gerente observando, não incomoda, faz programa se quiser, patrões deixam livre, gosto do que faço* (Gráfico 22).

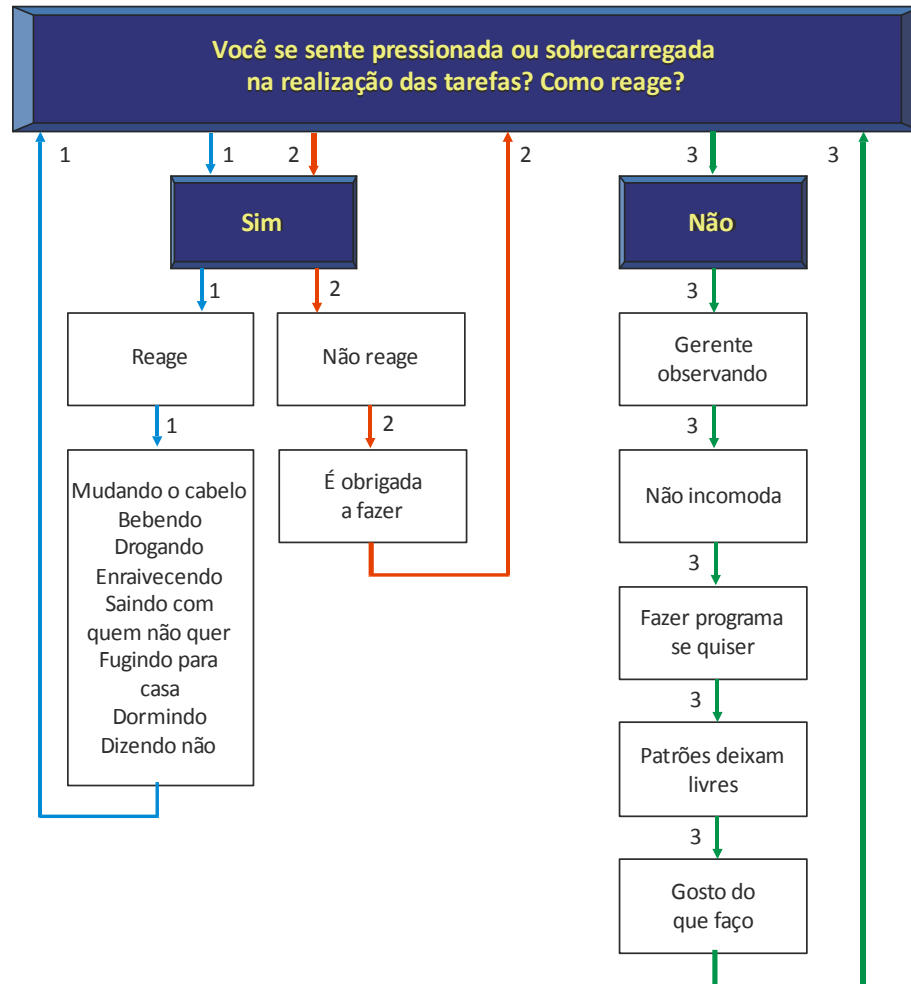


Gráfico 22 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você se sente pressionada ou sobrecarregada na realização das tarefas? Se sim, como você reage diante dessa situação?* (P36)

Seguem-se trechos de entrevistas:

Sim, [...]ontem, estava com febre, gripada, mesmo assim tive de vir para cá, fiquei até mais tarde mas tive que vir. Istoé ruim, se você não estiver no hospital você tem de estar aqui . Mesmo que você more em sua casa, você deve vir. (S3)

Às vezes sim, o dia que a gente não tá a fim, aí tem de ficar com os cliente. Ah, eu fico com raiva, mas fazer o quê. E trancam os quarto, só abrem depois das 03 da manhã. (S6)

Sinto, às vezes. Não reajo, tem de fazer. Acho que a maioria reage usando droga para suportar.(S8)

Pressionada sim, sobrecarregada não. Tipo a nossa gerente, às vezes eu não quero fazer uma saída porque está tarde, eu já fiz um programa na casa não quero sair para fazer outro. Tipo ela pressiona, diz que a casa tá perdendo se eu não fizer a saída, te pressiona e você tem que fazer e pronto. Isto é errado. Eu não vou, e eu não fico bem, porque na hora que eu falo que eu não vou eu tenho, eu tenho....ela vai pagar sermão pra mim porque sempre eu digo que não quero.... (S15)

Percebe-se desgaste e sobrecarga nos relatos das entrevistadas. As defesas contra o sofrimento consistem em desvencilhar-se das responsabilidades, como por exemplo, drogar-se, beber, ir para a casa familiar e dormir. O desvencilhamento das responsabilidades, para Dejours (1994), refere-se a uma espécie de greve do zelo, a não mais tomar iniciativas, a sistematicamente se cercar de proteção em caso de dificuldades, a remeter sempre para os superiores as decisões e a se ater estritamente às consígneas de execução.

Pelo discurso das participantes, nota-se que há pressão para realização das tarefas. Há relatos de reações de enfrentamento explosivas, tais como: beber, se drogar, enraivecer, o que podem agravar a saúde das trabalhadoras. Ao sentirem-se pressionadas ou sobrecarregadas na realização das tarefas, as trabalhadoras manifestam reações agressivas para lidar com o sofrimento e a pressão no trabalho. Outra estratégia de defesa utilizada por elas é a racionalização, observada quando tentam justificar suas ações por meio de discursos racionalizados.

Em seu estudo com a banda de *blues*, Assis (2008) constatou que o excesso de trabalho e a pressão por produção ocorre em todos os níveis da hierarquia e os participantes vivem tais situações reagindo da mesma forma explosiva e agressiva que as prostitutas ora pesquisadas.

Embora a função desempenhada pelas prostitutas seja motivo de sofrimento, Dejours (1994) afirma que o sofrimento só é considerado patológico quando impossibilita a livre negociação entre o sujeito e a organização do trabalho. Nos aspectos da prática da prostituição enquanto profissão, as prostitutas dentro das normas estabelecidas, conseguem contrabalançar a perversidade inerente ao modo de produção com a prática de algo que lhes é percebido como relativamente fácil. Fácil se comparada com outros trabalhos em nossa sociedade, pois é um estilo de vida que as retira da condição de pobreza e permite a sobrevivência pessoal e familiar e condições de trabalho que, comparadas a determinadas atividades, podem ser consideradas menos severas, tendo em vista trazerem maiores compensações e darem-lhes uma certa autonomia com relação aos horários e ganhos obtidos.

Ao ser perguntado às participantes “*Você já teve algum problema de saúde relacionado com as suas atividades na boate?*” (P37), emergiram do discurso os núcleos de pensamentos **doenças ocupacionais** relativas: à **função**, às **condições de trabalho** e ao **trabalho noturno**. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação **função**: *candidíase, lesão uterina*; **condições de trabalho**: *tabagismo, alcoolismo, problema hepático, cordas vocais, estresse, dor de cabeça*, **trabalho noturno**: *sinusite, gripe, ritmo biológico, taquicardia* (Gráfico 23).

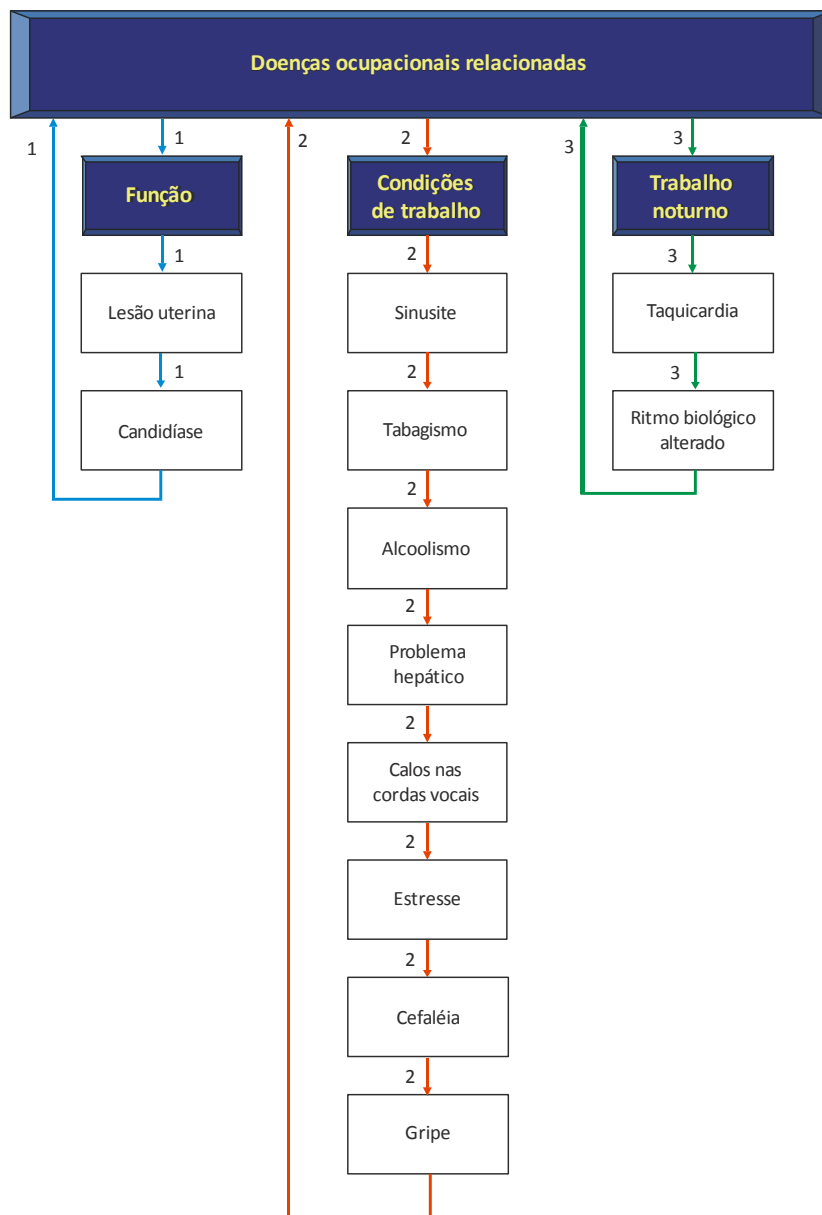


Gráfico 23 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você já teve algum problema de saúde relacionado com suas atividades na boate?* (P37)

Os estudos de Dejours (1986) possibilitaram mostrar que as pressões do trabalho, que põem particularmente em causa o equilíbrio psíquico e a saúde mental, provêm da organização do trabalho, em contraposição aos constrangimentos perigosos para a saúde somática, que se apresenta nas condições de trabalho, mais precisamente, nas condições físicas (barulho, temperatura, vibrações, etc.), químicas (poeira, vapores, gases, etc.) e biológicas (vírus, bactérias, fungos) cujo alvo principal é o corpo.

Algumas participantes relataram já terem adoecido por causa do seu trabalho, e outras, como a que ocupa o cargo de gerente, encontra-se com calos nas cordas vocais e tende a piorar com o tempo. O problema vem se agravando devido ao som alto, o que a leva a forçar a voz. Há fatores de sofrimento predominantes, como doença e, ainda, falha nas estratégias defensivas. Dentre as doenças encontradas nos discursos, estão presentes a taquicardia, ritmo biológico alterado, sinusite, tabagismo, alcoolismo, problema hepático, estresse, cefaléia, gripe, lesão uterina e candidíase. Para essas trabalhadoras, submetidas a condições precárias de trabalho, o adoecimento é percebido como algo inerente à profissão. A única proteção utilizada por elas, quando acertado em contrato, é o preservativo.

No discurso das participantes, surgem indicadores de vivências de sofrimento no trabalho ao manifestarem os males que o trabalho causa no corpo em decorrência da organização e de condições do trabalho. Seguem-se trechos de entrevistas:

[...] Uma vez o cara machucou meu útero, [...] aí eu tive de passar pelo ginecologista, fiquei o maior tempo em casa, com dor, sentia muita cólica. E da sinusite, por ser um lugar muito abafado, muito cigarro, [...] E também cê trabalha na friagem o tempo inteiro, [...]você troca a noite pelo dia, a gente começa a viver de noite. Pra você ver, de dia eu já não me sinto ninguém, quando eu saio de dia, [...] não consigo enxergar o mundo como enxergava antes, é diferente agora na noite. Não consigo dormir cedo mais, mudou completamente o ritmo de vida. (S2)

[...] tive um ex-namorado que era muito rueiro e me passou problemas, tipo um inchaço, aí a gerente de lá me levou ao hospital, me passou uns remédios e tomei esses remédio e sarei [...] (S9)

De beber demais, o fígado, de beber muito energético dá muita tremedeira, bateadeira porque energético causa isto, [...] noite a farra começa a ficar boa e você acaba bebendo de novo. Então eu sei que por dentro de mim não tá assim muito bom não por causa da bebida. Eu fumo muito, eu comecei a fumar dentro da boate e fumo demais. Trabalhar a noite toda, o horário que mais fumo é durante à noite e bebendo. Então a pessoa fuma mais ainda. (S11)

[...] posso falar? Eu não sei se foi o fato da camisinha, eu não fico com o cliente sem camisinha, eu fiquei com cheirinho assim estranho. Daí eu liguei pra o farmacêutico e contei que eu tava com um cheirinho estranho e que coçava. Eu fiquei com muita

vergonha, eu tenho vergonha de tudo, só quando bebo é que fico sem-vergonha. [...]
(S13)

Engel (2004) observa que o saber médico na passagem para o século XXI, associou as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), permeadas por estigmas, à prostituição. Também Chacon (1992) relata que alguns médicos incluíram a prostituição como grupo de risco para a transmissão da AIDS.

No conceito de “grupo de risco”, os homossexuais e indivíduos com múltiplos parceiros sexuais foram os principais atingidos. Mas, com o tempo, o aumento do número de pessoas infectadas pelo vírus e o controle social exercido pela sociedade civil, passou-se a conviver com o conceito de “comportamento de risco”. Trata-se não mais de um vírus que ataca profissionais do sexo ou homossexuais, mas de uma noção mais ampla, centrada no comportamento sexual das pessoas, ou seja, transfere-se o foco do indivíduo para o contexto sócio-cultural.

Com base nessas afirmações, foi possível identificar nas falas das prostitutas alguns fatores que, constantemente, são apontados pelas mulheres ao se debater os riscos presentes no trabalho sexual. Nas intervenções que, direta ou indiretamente abordaram esse assunto, percebe-se a preocupação das mulheres com a possibilidade de contrair Aids e outras infecções sexualmente transmissíveis.

Essa preocupação se dá pois, segundo seus relatos, alguns clientes são resistentes quanto ao uso do preservativo. Há clientes que aceitam o uso do preservativo, mas depois tentam retirá-lo. Afirmaram, por isso, sobre a necessidade de ficarem atentas, durante a realização do programa, pois alguns clientes tiram o preservativo e depois alegam que escapou

Para a P38 – *"Você tem alguma colega que já se afastou por problema de saúde relacionado com suas atividades na boate?"* e P39 – *"Qual o acompanhamento e tratamento que a boate dispensou a essa pessoa? Tem algum convênio ou médico, departamento específico?"*, todas as participantes relataram desconhecer colegas que se afastaram por motivos de doença. Disseram, também, que não possuem convênios nem planos de saúde e

que os proprietários não dão muita atenção nestas questões. “É cada uma por si”, “mulher de casa noturna se cuida mais que as outras”.

A organização não oferece como benefício às trabalhadoras nenhum plano de saúde e nenhum serviço médico local. Todas as entrevistadas, quando adoecem, disseram recorrer a médicos particulares ou do Sistema único de Saúde (SUS). Porém, disseram que pouco adoecem, pois se cuidam mais que as outras que não são de casas noturnas.

Para as participantes, o desgaste físico e o cansaço afetam a produtividade no trabalho e a saúde. Por trabalharem em horário noturno, onde o limite muitas vezes não é respeitado, o cansaço torna-se inevitável, e a fadiga, conseqüentemente, afeta a saúde psíquica e física delas. Todas relataram que sentem fadiga e percebem o desgaste físico. A fala “sente dor, o cliente machuca” é indicador de sobrecarga e sofrimento. O sofrimento delas devido ao horário de trabalho noturno, indica que dispõe de poucos momentos de descanso e lazer, pois, durante o dia normalmente cuidam dos assuntos pessoais (Gráfico 24).

Segundo Dejours (1992), para manter a saúde, é necessário ter não somente prazer naquilo que realiza, mas também momentos de descanso e de relaxamento. Se esse relaxamento não ocorre, o prazer não existe. Os trabalhadores ficam não só insatisfeitos, mas, muitas vezes, em posição delicada em relação à saúde, podendo chegar a estados de fadiga, em que o aparelho mental perde sua versatilidade, provocando doenças, não só físicas, mas também psicológicas.

Ao estudar os trabalhadores de academia de ginástica, Araújo (2008) concluiu que o nível de alienação de seus sujeitos era de uma proporção demonstrada na submissão do corpo e do psiquismo, o que os impossibilitou de perceberem que vivenciavam uma relação de exploração. O mesmo pode ser observado no presente estudo, quando as prostitutas também se submetem à exploração, ao permitirem, ou por imposição da organização ou pela necessidade monetária, a mais programas além do que a condição física o permita ou ao consumo de doses de bebidas.

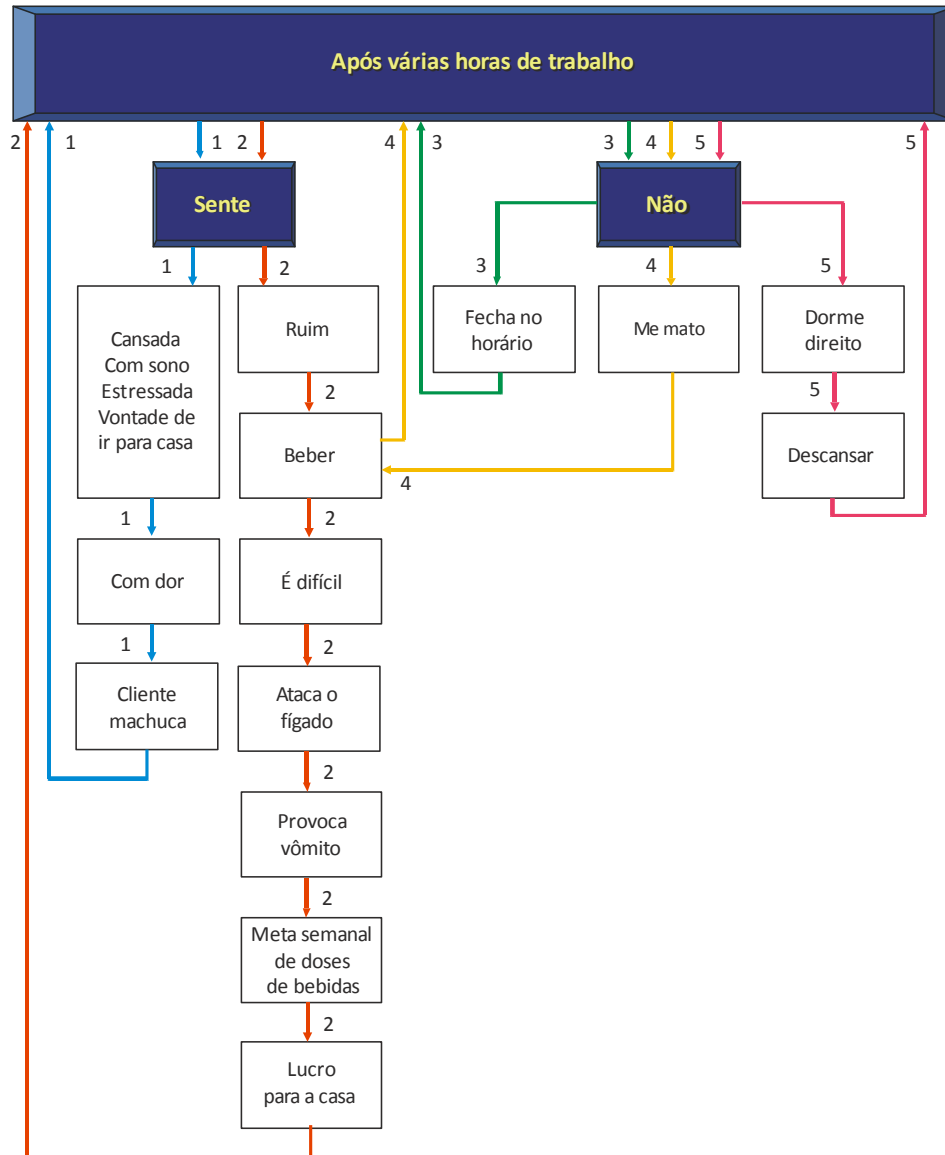


Gráfico 24 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Como você se sente após várias horas de trabalho?* (P40)

Entretanto, Dias (2005) aborda que, quando o trabalhador consegue transformar o sofrimento do trabalho ou até mesmo minimizar este, ele tem a oportunidade de experienciar maior prazer. Conforme Dejours (1994), o trabalho é fonte tanto de prazer quanto de sofrimento, pois a relação do homem com o trabalho é dialética. Assim, a saúde do trabalhador consiste na capacidade que o mesmo possui de suscitar estratégias defensivas ocasionadas pelo sofrimento e que proporcionarão sua resignificação.

Ao ser perguntado às participantes “*Qual o tempo que você dispõe para a família e lazer? E isto é suficiente para vocês?*” (P41), emergiram do seu discurso os núcleos de pensamentos *família e lazer*. Ligadas a esses núcleos está a unidade de significação **insuficiente**: *para descansar, dormir, ficar com os filhos, lazer, cuidar das coisas pessoais, desestressar* (Gráfico 25).

Os núcleos de pensamento, assim, expressam o pouco tempo de que as participantes dispõem para a sua família e lazer e, em contrapartida, as longas horas de trabalho vividas por elas. Seguem trechos das entrevistas:

Eu venho, arrumo um dinheiro bom, daí eu volto para casa fico uns quinze a vinte dias, aí eu volto fico mais dois ou três meses [...] (S1)

Pro lazer só no final de semana, no sábado após a meia noite e domingo o dia todo. Às vezes nem é para o lazer porque você só quer descansar, no sábado começa às duas horas, tem a ressaca da semana inteira. Pra família mesmo só quando vai em casa, eu demoro ir em casa, fico uns dois ou três meses longe de casa, depois eu volto. O tempo não é suficiente [...] (S2)

Só final de semana. Da meia noite do sábado até segunda de manhã. Durante o dia também. A gente pode sair, a gente sai tranqüila se não tiver propaganda [...] (S3)

Eu vou em casa de três em três meses. [...] Para meu lazer só tenho domingo, aí quero dormir. (S4)

Para meu filho que mora aqui, tenho os finais de semana. Meu lazer é com ele [...] (S5)

Pouco tempo para a família e para o lazer.[...] . E nos finais de semana a gente quer descansar. (S6)

Para o lazer só nas folgas, final de semana ou á tarde quando não estou na escala de propaganda. (S7)

Nem falo em lazer, quando tenho folga só quero dormir. Saio, saio de vez em quando, mas dormir é melhor. (S8)

Vou em casa de dois em dois meses. Tenho tempo para família só quando tô lá em casa. [...]. Só a folga do domingo é pouco para o lazer. (S9)

Meu tempo de folga eu acho pouco para descanso e lazer. Na minha casa vou de tempos em tempos, dois meses, talvez mais. Nem tem lazer, porque quando tem folga só quero dormir. (S10)

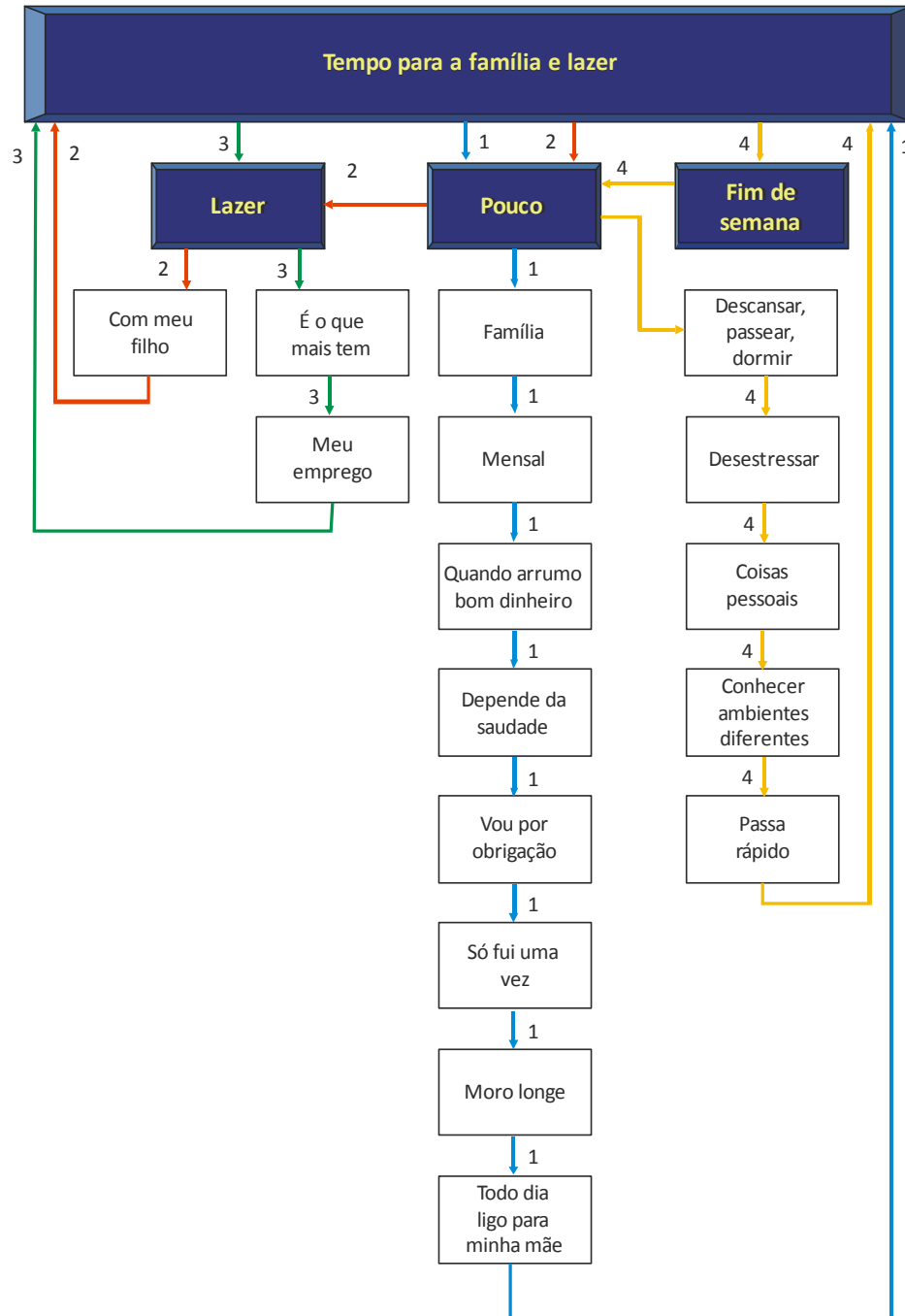


Gráfico 25 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: Qual o tempo de que você dispõe para a família e lazer? Ele é suficiente para vocês? (P41)

Muito pouco, pouquíssimo. [...] quando chega no sábado você fica doida para dar meia noite pra você sair, ir para um ambiente diferente, conhecer pessoas, então muitas das vezes você quer sair mas você tá tão cansada e no domingo, parece que o domingo passa muito rápido, então é pouquíssimo tempo. [...] . Para o lazer então é pouquíssimo também. (S11)

[...] só vou por obrigação de ver a família. (S12)

[...] depois que estou aqui, há cinco meses, só fui lá uma vez. (S13)

[...] pra minha família, que pra o único filho que eu tenho aqui, quase nada, ele fica muito só. [...] . Vejo minha família de seis em seis meses, aí fico 10 dias (S14)

Pra minha família tenho muito pouco tempo, pouco tempo mesmo. Pro lazer menos ainda [...]. Só o domingo não é suficiente, [...] (S15)

Percebe-se, pelos relatos, que as trabalhadoras experienciam um desequilíbrio entre o tempo no trabalho e o tempo fora dele, o que, provavelmente, proporciona uma vivência de sofrimento no trabalho.

Essa questão é analisada por Muller (2003), quando afirma que está ocorrendo uma situação algo desconfortável: conciliar os períodos de tempo livre com a impossibilidade/carência de condições de desfrutar desse tempo como lazer, pois a diminuição do trabalho não significa liberação do homem, mas sua exclusão. Para as entrevistadas, o trabalho não promove equilíbrio de vida, uma vez que lhes rouba o tempo fora do trabalho.

Walton (1973) também analisou, na categoria denominada *trabalho e espaço total de vida*, o papel balanceado do trabalho na vida das pessoas. Percebe-se que, para as participantes da entrevista, o trabalho não promove equilíbrio de vida, uma vez que lhes rouba o tempo fora do trabalho, como demonstram os relatos. A mesma conclusão pode ser observada por Dias (2007) ao pesquisar sobre trabalhadores em casas de entretenimento.

Pela análise obtida no Gráfico 21, no qual o discurso do sofrimento advém da saudade familiar e do apoio materno, pode-se deduzir que, mesmo não tendo o devido tempo para a família, esta é tida como o porto seguro, a parte sadia e esperançosa, a possibilidade de inclusão social e saúde para cada uma das trabalhadoras.

Ao ser perguntado às participantes “*Você se sente insegura ou com medo de fracassar na realização das tarefas? Por quê?*” (P42), emergiram do discurso os núcleos de pensamento *sim* e *não*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação para o **sim**: *dúvida se vai agradar, pensa que está com problemas, acontece várias vezes, medo de ficar pobre; cliente é quem escolhe, tímidos querem ser procurados, senão ficam revoltados*. Para o **não**: *só fico*

por dinheiro, se sentir assim nem vou, já estou acostumada com o trabalho, sem problemas, dou prazer porque quero, se conversarem tento melhorar, de alguns caras, mesmo que sejam diferentes (Gráfico 26).

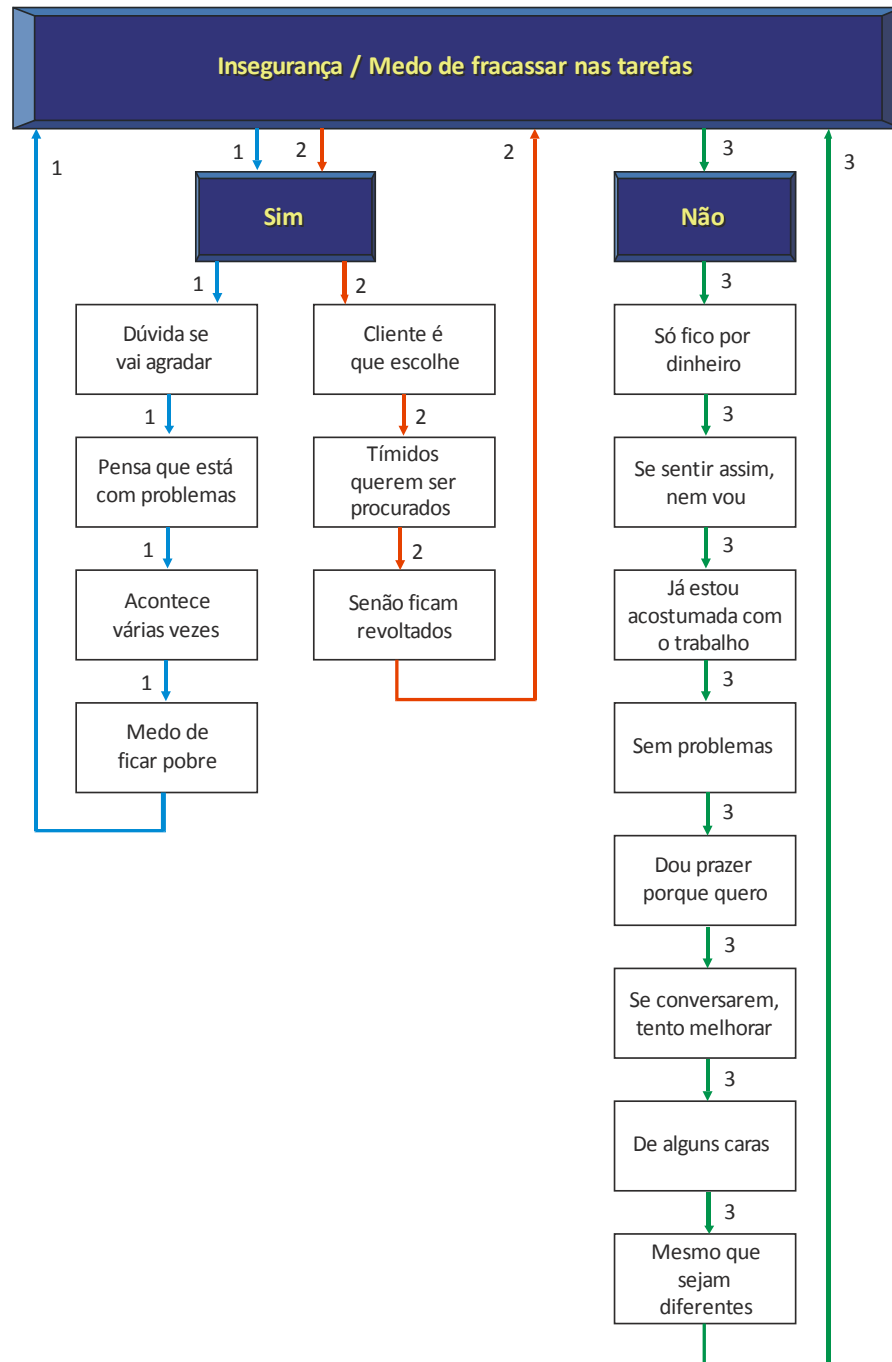


Gráfico 26 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você se sente insegura ou com medo de fracassar na realização das tarefas? Por quê? (P42)*

As participantes afirmaram que sentem insegurança sobretudo quando pensam que estão com problemas de saúde ou se surge a dúvida se vão agradar. Provavelmente a falta de auto-estima adequada faz que o temor e a insegurança se tornem inevitáveis. O sentimento de insegurança também se refere ao temor de não conseguir satisfazer as imposições do cliente, pois muitas vezes é este quem escolhe, o que faz com que as prostitutas utilizem mecanismos de defesa, tais como a racionalização e o deslocamento. Mesmo levando em conta as considerações feitas, é importante resgatar a situação da insegurança advinda do “medo de ficar pobre”. O medo que atemoriza as pessoas causa também muito sofrimento. Para Statt (1994), ignorar o sofrimento no trabalho acaba sendo a saída utilizada para manter o equilíbrio e para evitar a possibilidade da falta do trabalho e conseqüentemente ficar sem dinheiro e pobre.

Conforme Mendes (2007), o sofrimento é uma vivência constante, muitas vezes inconsciente, de experiências dolorosas como medo e insegurança, provenientes do embate entre as necessidades de gratificação e as restrições de satisfação impostas pelas situações de trabalho. Assim, afirmar que não há sentimento de insegurança e medo de fracassar no trabalho, para as prostitutas, em meio a um contexto competitivo que é o da prostituição, consiste em alienação do trabalho.

Conforme apresentado no diagrama da Figura 6, observa-se o prazer-sofrimento como sendo um construto único que emerge da relação do trabalhador com a organização do trabalho.

Nos estudos realizados por Araújo (2008), Assis (2008), Brasileiro (2008) e Dias (2007), observa-se também esta alienação frente ao trabalho. No Brasil, a realidade do trabalho é precária, refletindo-se, inclusive, na área de entretenimento e lazer, considerada privilegiada, uma vez que os trabalhadores que nela atuam são produtores de arte, são populares e usufruem do status da profissão, ilusão que os inserem numa lógica ainda mais perversa de submissão destituída de crítica

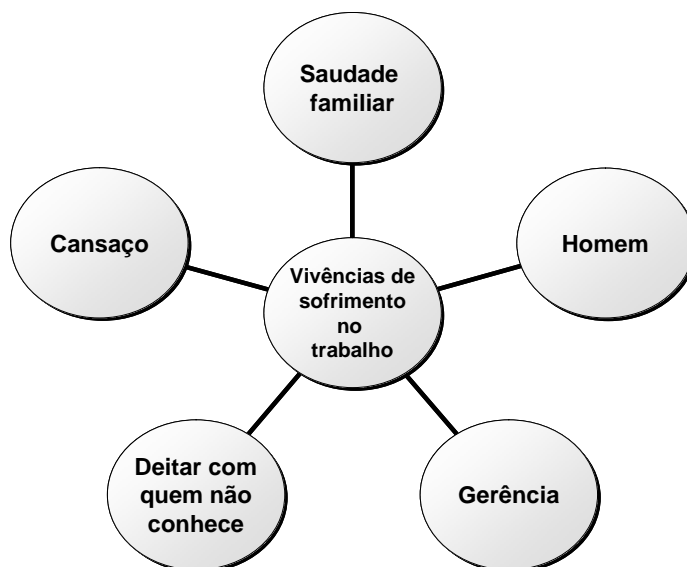


Figura 6 – Principais componentes das Vivências de Sofrimento no Trabalho das prostitutas

Ao ser perguntado às participantes “*Você se sente segura (com estabilidade) nesta boate?*” (P43), emergiram do discurso os núcleos de pensamentos *sim* e *não*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação **sim**: *gosto, já me acostumei, é muito bom, já tenho muito tempo, o pessoal é tranqüilo, se depender de mim, seria difícil adaptar em outro lugar, só saio se quiser, faço tudo para dar certo, a casa dá estabilidade;* e **não**: *tudo pode acontecer a qualquer instante, sou instável, enjoô do lugar, pedir para sair, acabo ficando e tornando dependente disso* (Gráfico 27).

Conforme as participantes, há aquelas que sentem segurança pelo tempo que estão na casa e que a estabilidade depende exclusivamente delas; outras apresentam insegurança pelo receio de serem demitidas/expulsas de forma arbitrária e em qualquer situação. Seguem-se as entrevistas:

Eu não sei é porque é a primeira que eu venho, eu não tenho vontade de sair. Uma vez fui a Mineiros conhecer uma outra boate , mas não gostei não. Já acostumei aqui, eu gosto daqui, acho que para me adaptar em outro local seria difícil. Gosto daqui, acho aqui muito bom. (S1)

Não, tudo pode acontecer a qualquer instante, mas, eu sou instável, tirano a minha vontade de ir para outro lugar, porque você acaba enjoando do lugar entendeu, essa é a diferença do emprego. Pode ser até psicologicamente, porque quando você trabalha, você enjoa do seu serviço você não pode sair porque você precisa do emprego a não ser que você tenha outro, aqui é a mesma coisa, se eu enjoiei eu posso sair a hora que eu quiser, mas no momento eu to vivendo isso só psicologicamente

entendeu, aí eu falo vou sair a hora que eu quiser, mas acabo não saindo e me tornando dependente disso daqui. É, mais ou menos isso..(S2)

Não, não muito.(S3)

Sinto. Só vou sair se quiser, eu faço tudo para dar certo com todo mundo. (S4)

Sinto, já tenho muito tempo aqui. (S5)

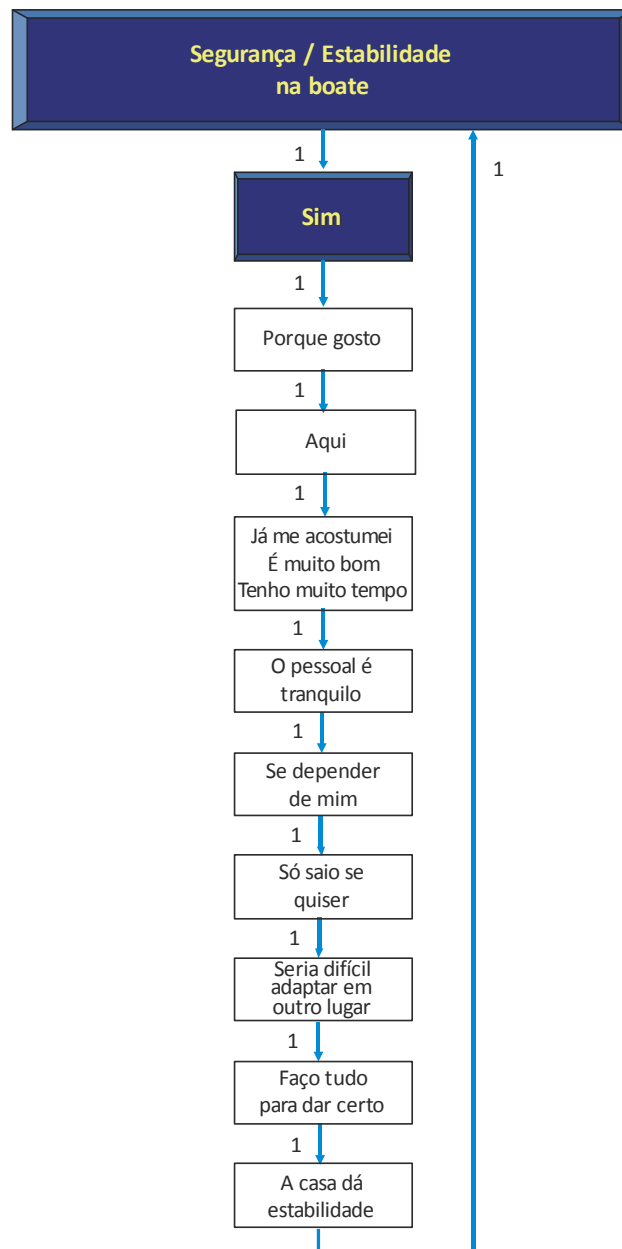


Gráfico 27 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você se sente segura (com estabilidade) nessa boate?* (P43)

É, a gente só sai se quiser. (S6)

Sinto, aqui o pessoal é tranqüilo. Não mandam a gente embora (S7)

É, sinto...Se você não der motivo vai ficando, tem menina já com muito tempo aqui. (S8)

A casa dá estabilidade, só vou embora se quiser. (S9)

Sinto, pelo menos a gente vê como os donos são e as gerentes, parece que não tem motivos para ser diferente. (S10)

Sinto estável, não sinto que corro o risco de ser mandada embora. (S11)

Sinto, eu acho que seria a única, eu não teria coragem de ir para outra não (S12)

É, sinto, os patrões são gente boa, difícil é só a gerente. (S13)

Sinto estável. (S14)

Se depender de mim sim, mas a gerência é complicada. (S15)

Conforme as participantes, a estabilidade está mais em suas mãos que na decisão gerencial, pois “aqui o pessoal é tranqüilo”, “a casa dá estabilidade”, “só vou embora se quiser”. Inclusive, o S2, que diz não se sentir segura, mostra claramente em seu relato que a insegurança não é por motivos externos, mas sim devido a instabilidade pessoal que lhe é peculiar.

Em seu estudo com trabalhadores de casa de entretenimento, Dias (2007) afirma que, semelhantemente às prostitutas pesquisadas, alguns se sentem estáveis na organização por acreditarem que o desempenho os manterão nesse status, e outros se sentem instáveis por entenderem que poderão, de forma arbitrária, serem demitidos pelos proprietários. É importante resgatar a situação da insegurança advinda do medo de ficar desempregado e “pobre”, como nos relatos, e o medo que atemoriza as pessoas causa também sofrimento.

Na questão relacionada ao desemprego, Sawaia (1999) considera que essa situação promove a exclusão social do trabalhador que, aos poucos, tem sua identidade social modificada. Dejours (2001) também acrescenta que o medo do desemprego faz com que as

pessoas que estão empregadas se submetam ao sofrimento em nome da permanência no emprego, o qual significa a manutenção não só das necessidades materiais, mas, sobretudo, de uma identidade e inclusão social.

Ambos enfatizam que a condição do desempregado é geradora de sofrimento, mas é importante salientar que essa condição pode se tornar uma arma ideológica para a organização, ao mesmo tempo que os trabalhadores, por medo do desemprego, se sintam forçados e pressionados a se adaptarem à organização.

As estratégias de enfrentamento ao sofrimento no trabalho são expostas no diagrama da Figura 7.

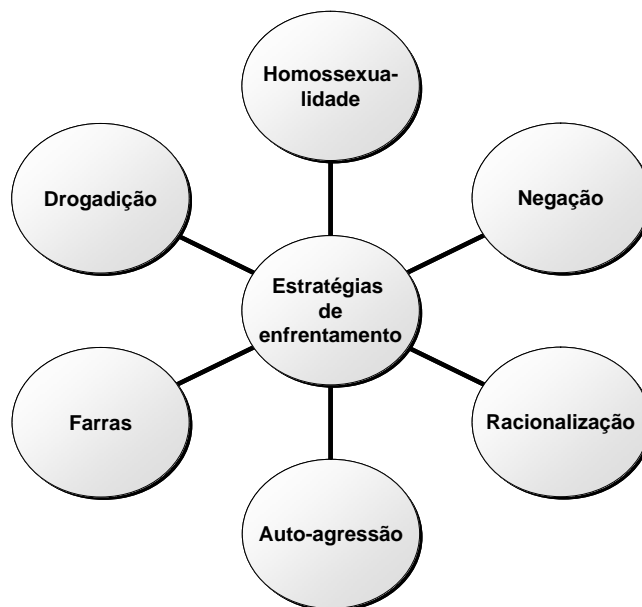


Figura 7 – Principais componentes das Estratégias de Enfrentamento das prostitutas ao Sofrimento no Trabalho

4.4 CATEGORIA 3 - SENTIDOS DO TRABALHO/IDENTIDADE PROFISSIONAL

A visão do trabalho como fator de constituição da *identidade social* é discutida por autores de diferentes abordagens da psicodinâmica do trabalho, como, por exemplo, Antunes (2003). Nos trechos anteriores das entrevistas, percebe-se que as vivências de prazer estão muito mais vinculadas ao *ser* que ao *ter* do trabalhador.

Ao ser perguntado às participantes “*Que sentido tem seu trabalho para você?*” (P44), o que não gerou gráfico, ficou claro que o sentido do trabalho adquire uma forma instrumental, ou seja, como meio para juntar dinheiro, e com ele possibilitar ações socialmente aceitas como: ajudar a família, montar seu próprio negócio ou até “melhorar de vida”. Assim, o não falar dos sentidos negativos da prostituição se configura em estratégias defensivas: “não há sentido”, “que sentido pode ter uma vida assim”, “não quero passar a vida num puteiro”

Ao serem perguntadas *se se identificam com o trabalho na prostituição* (P45), a maioria fez uma divisão entre: identificação com o trabalho e identificação com o resultado financeiro do trabalho.

No que se refere ao trabalho na prostituição, a maioria afirma que não há identificação. São recorrentes frases como “não nasci para isto”, “isto não é vida”, etc. Dejours (1987), Codo *et al* (2004), Navarro e Padilha (2006), Bendassoli (2004) e Coutinho, Krawulski e Soares (2007) afirmam que o indivíduo constrói sua identidade em sua relação diária com sua própria vida.

Para Sawaia (1999), identidade é:

[...] conceito político ligado ao processo de inserção social em sociedades complexas, hierarquizadas e excludentes, bem como ao processo de inserção social nas relações internacionais. O clamor pela identidade, quer para negá-la, reforçá-la ou construí-la, é parte do confronto de poder na dialética da inclusão/exclusão e sua construção ocorre pela negação dos direitos e pela afirmação de privilégios. Ela exclui e inclui parcelas da população dos direitos de cidadania, sem prejuízo à ordem e harmonia social (SAWAIA, 1999, p. 124)

Apesar disso, da ausência de identificação, parece que o que as mantém no exercício da profissão é o resultado financeiro advindo dela. São comuns relatos como: “não há emprego”, “escolaridade” (indicadores sociais), além de fatores pessoais – “não conseguir ganhar o que ganho com outro trabalho”. Elas foram unânimes ao declarar que o dinheiro é o principal motivador da sua vivência na prostituição. Tudo, ou quase tudo, é feito para consegui-lo, sem grandes limites nas ações realizadas para tal. O dinheiro significa mais do que o recebimento de uma compensação monetária, ele permite um rompimento com sua origem social. Percebe-se então, que elas mesmas relatam o preconceito ou a ausência de identificação em relação à profissão.

Para Goffman (1982), um estigma é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora proponha modificações desse conceito, em parte porque há importantes atributos em quase toda nossa sociedade levam ao descrédito. O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles.

As prostitutas sofrem os efeitos de preconceitos e desfrutam de pouco reconhecimento do papel que representam na sociedade, embora tenham a profissão reconhecida por um sindicato. Para Segal (1993) e Johanson (2004), a vida na prostituição é acompanhada de rótulos negativos, preconceitos e estigmas sociais da sociedade em relação às profissionais do sexo. Esses autores também afirmam que a imagem da prostituta, construída socialmente, afeta de modo negativo a formação de uma identidade profissional. Portanto ela experimenta, dentre outros, sentimentos negativos.

Segundo Russo (2006), libertar-se do trabalho não é uma meta apenas das prostitutas, mas dos explorados de uma forma geral, pois trata-se de deixar de ser mercadoria, de se colocar no mundo como sujeito capaz de experimentar outros aspectos da vida e, no caso específico das prostitutas pesquisadas e de alguns trabalhos sobre estigmatizados socialmente, de resgatar a integridade da pessoa, de romper com o estigma e se recriar como sujeito individual e social.

Ao ser perguntado às participantes “*Você conta às pessoas, à sua família, aos amigos, a seus filhos sobre seu trabalho?*” (P46), emergiram do seu discurso os núcleos de pensamento *sim e não*. Para o núcleo **sim**: *familiares, colegas próximos, reagem, aceitam, irmã porque é lésbica, naturalmente, colegas desgostam, filho cobra, campanha na igreja para deixar, vergonha, preconceito, discriminação*. Para o **não**: *familiares, todos desconfiam, amigos de outro nível, preservados, longe é mais fácil* (Gráfico 28).

Seguem-se as entrevistas:

Quando eu vim para cá minha mãe não sabia não, mas agora eu contei pra ela. Ficou aquele preconceito, mas agora ela não chegou a comentar mais nada não. Com amigos da minha cidade não. A maioria das meninas da minha cidade que vem pra cá, eles não sabem o que a gente vem fazer sabe. Tem uns que desconfiam, mas todos não, por isso a gente vem pra longe né? (S1)

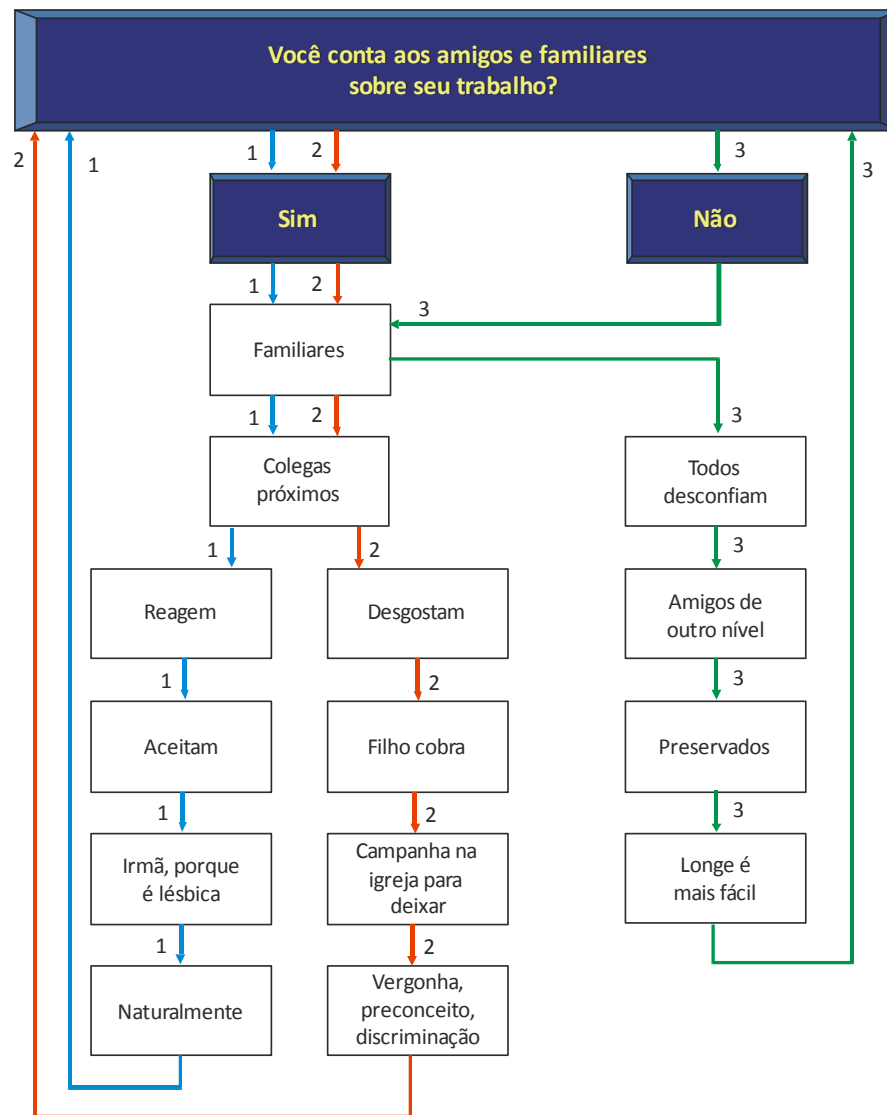


Gráfico 28 – Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Você conta às pessoas, à sua família, aos amigos, a seus filhos sobre seu trabalho?* (P46)

A minha irmã sabe, meus amigos não. Não conto não, no meu nível de amigo não sabem, eles não vem aqui, eles são de Uberaba, Belo Horizonte, Brasília, eles são de outro nível, não vem aqui. Minha irmã reage normal, me aceita, porque minha irmã é lésbica, ela se apaixonou por uma menina da noite mesmo. E antes de eu pensar em fazer tudo isto, ela viveu isto entendeu? Ela começou a namorar então ela tinha de enfrentar este preconceito dentro dela. Pra ela, ela vê normal, ela só não gosta de me ver sofrendo, ela não gosta que eu me apaixone, então é isto. (S2)

Só para a família, um pouco da família sabe. Eles não gostam , mas fazer o que.(S3)

Alguns amigos meus sabem, meu filho desconfia. Às vezes a gente sai junto e elas conversam. Meu filho já veio aqui, eu nem devia estar comentando, ele vem na porta. A gente vai sair e ele fica perguntando o que é aqui, entendeu? Ele tem 10 anos. Minha família também desconfia. Nunca cheguei a comentar. com eles, mas eles desconfiam . Acho que eles não falaria nada comigo, mas meu filho me cobra muito. Ele dá trabalho no colégio, ele dá trabalho porque fala que não quer que minha mãe more naquele lugar, quero que minha mãe saia daquele lugar, que vem morar junto comigo, entendeu. A cabecinha dele ta muito assim, por eu trabalhar aqui. (S5)

Não, não conto, tenho vergonha. E as meninas que moram aqui que também são do TO também não contam. (S8)

Minha mãe sabe, os amigos meus, que é amigo mesmo, sabem, e me dizem, vem embora, o que cê ta fazendo nessa vida, vamo fazer campanha na igreja pra você, sabe, me ajuda. Eu já fui crente. Eu não frequento a igreja mais, depois que entrei pra essa vida, vai fazer um ano que não vou mais à igreja. (S9)

Observa-se pelos relatos que, para as trabalhadoras da prostituição, contar aos familiares e amigos sobre sua profissão, lhes é vergonhoso e difícil. Embora percebam que o “ser puta” lhes traz algumas vantagens na vivência do sexo, há também um forte componente de auto-condenação e preconceito entre elas próprias, que perpassam a atividade de prostituta e lhes dificultam os passos. A sociedade age em relação a elas de forma a lhes transformar em uma aberração, como se no processo social o ser humano não fosse objetificado, como se fosse o fim e não o meio da vida social, como se tais processos ocorressem apenas na prostituição, quando, na realidade são o sustentáculo da sociedade capitalista.

Através das imagens estereotipadas como a da puta, prostituta ou rapariga, as mulheres que sobrevivem da prostituição criam uma imagem e uma contra-imagem delas mesmas. Constroem sua identidade a partir de elementos de valorização de desvalorização do próprio eu.

Além da existência do estigma e a “vergonha” que as impedem de confiar aos familiares e amigos sua profissão, há nelas a referência simbólica da prostituição, considerada socialmente e introjetada como moralmente condenável, uma traço que as torna seres marcados como indesejáveis, é o preconceito de si própria.

Algumas prostitutas, ou através do casamento ou de poupança para abrir um negócio, deixam a prostituição e não retornam. Porém, algumas delas tentam sair e o fazem por algum tempo, mas a grande maioria retorna. A prostituição, mesmo execrada socialmente, permite-

lhes uma vida melhor do ponto de vista do acesso ao dinheiro e das possibilidades de consumo que ele representa.

Conforme Russo (2006), a assunção do dinheiro como elemento determinante para a entrada e continuação na prostituição reafirma o discurso da necessidade que, de certa forma, estaria ligado à idéia de culpa, no caso, em pauta, retirada das mulheres e colocada em um nível macro, ou seja, na sociedade. Dessa forma, o próprio estigma social estaria no discurso feminino, fortalecendo o estereótipo e reafirmando a prostituição como uma prática condenável, representada negativamente pelo olhar do outro, apesar de viverem a prostituição livremente.

Segundo Goffman (1982), uma das características do estigma é que indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças que os tidos como normais. “A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um dos seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como não portador dele” (GOFFMAN, 1982, p.17).

Observa-se nos relatos das prostitutas entrevistadas, que, estigmatizadas, enfrentam na vida a questão da aceitação, especialmente dos amigos e familiares, ocorrendo uma predisposição à vitimização como um resultado da exposição da pessoa a outros que querem corrigir o seu problema, inclusive, com “campanhas na igreja”.

Ao ser perguntado às participantes “*Se pudesse mudar alguma coisa na boate o que mudaria?*” (P47), emergiram do seu discurso os núcleos de pensamentos *organização do trabalho condições de trabalho e relações de trabalho*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação **organização do trabalho: horário, propaganda; condições de trabalho: local de repouso, estrutura, alimentação; relações de trabalho: gerência, homens** (Gráfico 29).

As entrevistadas foram unânimes ao sugerirem alterações na organização do trabalho, nas condições e nas relações. Na organização do trabalho, o indicador propaganda surge novamente. Mesmo que elas tenham a consciência de que a panfletagem é “a alma do negócio”, a sugestão é para que ela acabe. O horário final de expediente deveria ser antecipado e fixo para que tenham tempo para as coisas pessoais. Nas condições de trabalho, a sugestão é para ampliação e mais conforto no local de repouso, na estrutura, uma reforma

geral, melhorando a cor das paredes, e na alimentação, mudança de cardápio. Nas relações de trabalho, segundo as entrevistadas, a gerência, por ser bastante complicada, deveria ser trocada. Quanto aos homens clientes, sugeriram que todos fossem garotos novinhos e ricos, experientes e carinhosos.

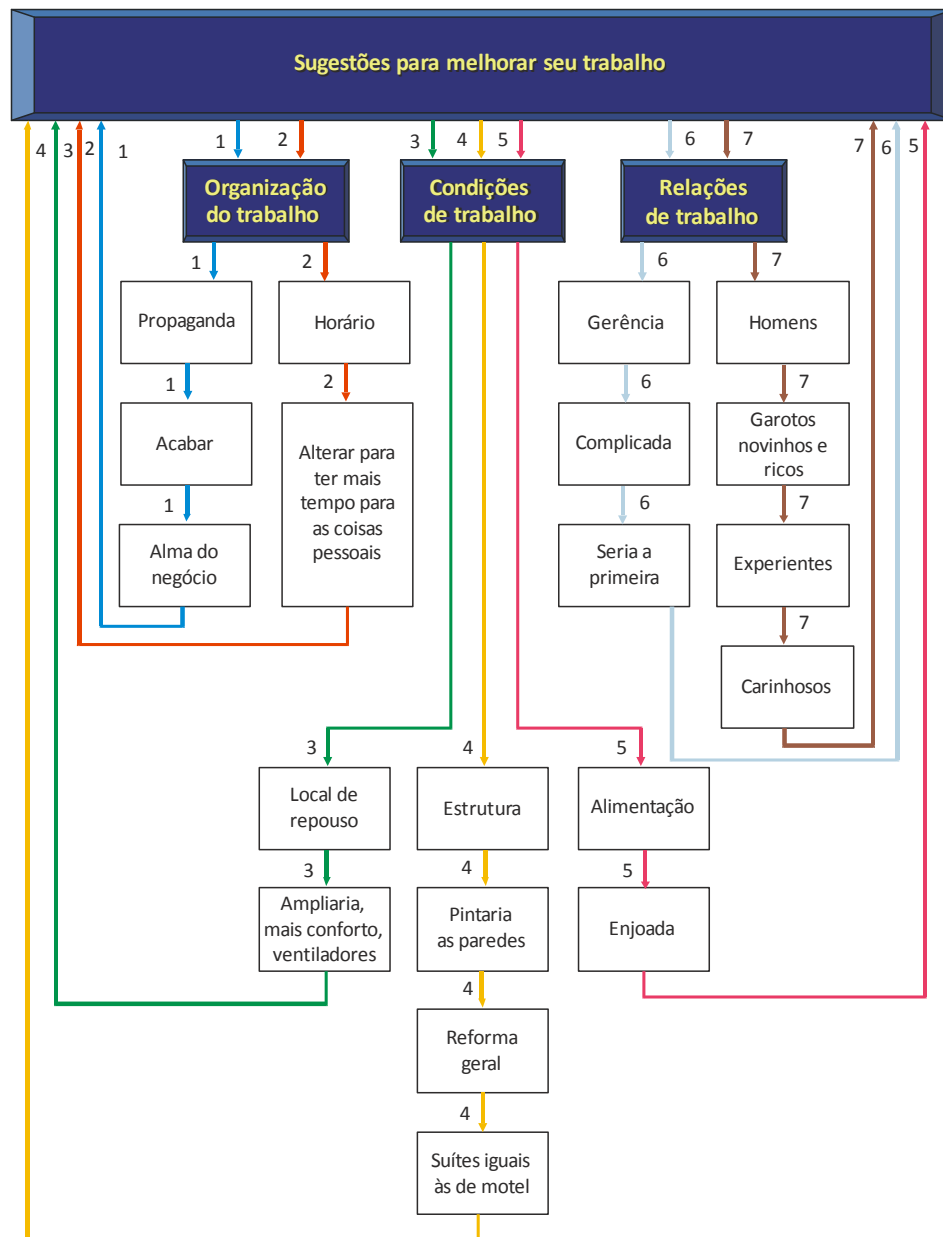


Gráfico 29 - Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Se você pudesse mudar alguma coisa na boate o que você mudaria?* (P47) e *Como você gostaria que fosse a boate?* (P48)

Novamente os indicadores de vivências de sofrimento evidenciam que essa organização apresenta dificuldades na organização do trabalho, condições de trabalho e relações de trabalho.

Assis (2008) concluiu, em seu estudo com a banda de *blues*, que o trabalho do músico é precário, desempenhado em condições inadequadas para a saúde humana, tanto por ser exercido na informalidade, o que vulnerabiliza o trabalhador nos aspectos de regulamentação de seus direitos trabalhistas, quanto pelas condições em que o trabalho ocorre. Exceto a questão dos direitos trabalhistas, pois as prostitutas da organização pesquisada não possuem vínculo empregatício, os demais aspectos são constatados neste estudo, evidenciando que as trabalhadoras também são submetidas a risco de saúde em um ambiente insalubre.

Ao ser perguntado às participantes “*Quais suas perspectivas para o futuro?*” (P49), emergiram do seu discurso os núcleos de pensamentos: *juntar dinheiro, estudar, continuar*. Ligadas a esses núcleos estão as unidades de significação **juntar dinheiro**: *voltar para casa, montar residência, reunir os filhos, sair dessa vida, montar um negócio, ajudar familiares, não mais se prostituir*; **estudar**: *prestar vestibular, medicina, psicologia*; **continuar**: *por telefone, só shows conhecer outras casas* (Gráfico 30).

Nota-se que, pelos relatos, várias participantes têm perspectivas futuras e fora da organização, mesmo mencionando o trabalho como oportunidade de ascensão. Para que o trabalho faça parte dos planos futuros de uma pessoa, esta precisa sentir-se satisfeita, reconhecida e em sintonia com seu fazer, pois, do contrário, seus planos e projetos estarão cada vez mais distantes da realidade estruturada das organizações de trabalho. No entanto, percebe-se a existência da vivência de sofrimento, quando o discurso mostra que “juntar dinheiro” é razão instrumental para deixar a profissão, ou seja, ela está prostituta, ela não é prostituta, não há identificação profissional.

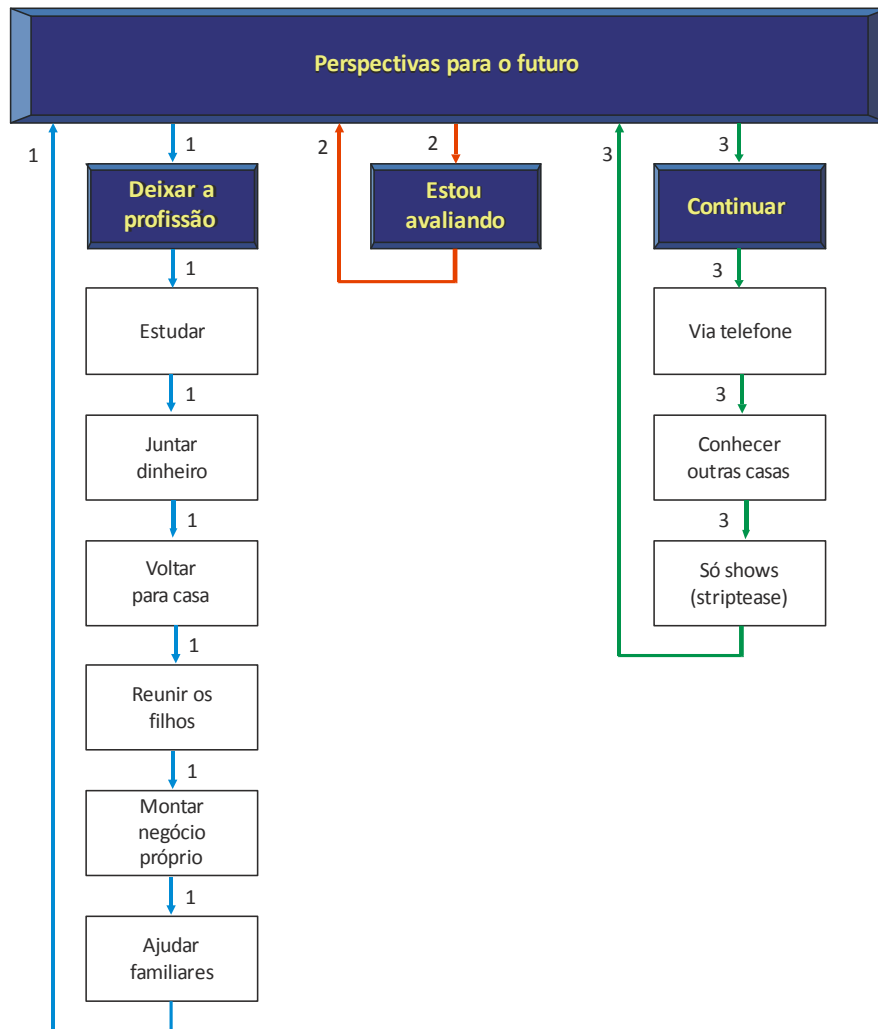


Gráfico 30 - Discurso das participantes ao serem perguntadas: *Quais suas perspectivas para o futuro?* (P49)

A seguir, serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser um tema instigante e por curiosidade por conhecer o processo de trabalho e a vivência das prostitutas que residem em casas noturnas, desde a concepção do estudo até o momento da apresentação dos resultados, sentimentos diversos afligiram esta pesquisa: a possibilidade do saber, a ansiedade em relação ao novo e a angústia diante de relatos sobre a história de vida de algumas das participantes.

A contextualização foi fonte de conhecimento, orientando no processo de formulação do roteiro de entrevista. Ao longo dessas etapas foi feito o levantamento bibliográfico, a literatura de outras pesquisas e estudos acerca da prostituição de várias localidades.

A metodologia adotada contribuiu para o desenvolvimento de uma compreensão sobre como as pessoas aprendem a partir de suas relações e como interagem umas com as outras. O estudo de caso foi o mais adequado para a pesquisa, uma vez que esta metodologia vem sendo largamente empregada nas ciências sociais por contribuir para a construção de um conhecimento profundo a respeito de uma dada realidade. Realizar as entrevistas auxiliou a reflexão sobre estas questões, pois assim como na relação estabelecida entre prostituta e cliente, também foi preciso construir-se um processo de interação com as entrevistadas e demais funcionários das casas noturnas. Este processo iniciou-se com a apresentação dos objetivos da pesquisa.

Quanto ao problema levantado para nortear este estudo, quais os sentidos e as vivências relacionadas ao trabalho das prostitutas que residem em casas noturnas, acredita-se que foi respondido mesmo com o surgimento de outros questionamentos inerentes a toda pesquisa.

Como limitações, pode-se citar os ajustes metodológicos feitos pela pesquisadora em decorrência das condições e distâncias geográficas dos campos estudados, da técnica e exigência da demanda.

No que tange aos resultados obtidos, no transcorrer da análise dos dados foi constatado que a organização pesquisada, a exemplo de qualquer outra, apresenta aspectos positivos e negativos em sua gestão e subjetivação do trabalhador, o que também pode ser observado nos estudos de Dias (2007), Santos (2008), Araújo (2008), Assis (2008), Brasileiro (2008) e Tomazini (2009).

Diante dos resultados encontrados nesta pesquisa, pode-se afirmar que os objetivos foram alcançados, pois foi possível verificar a percepção dos trabalhadores em relação à organização e sua interação com ela, as condições de trabalho e a presença das vivências de prazer-sofrimento na organização estudada e a dinamicidade dessas vivências. Também a escolha da abordagem psicodinâmica foi adequada, pois mostrou-se capaz de contemplar o fenômeno de forma abrangente e integral, dando fundamento para as questões encontradas na prática dos trabalhadores, manifestadas nos seus discursos.

Quanto à organização do trabalho, esta apresenta-se de forma rígida, impossibilitando a conciliação das necessidades das participantes com as exigências do trabalho, evidenciando o caráter impositivo de um ritmo que negligencia o bem-estar das trabalhadoras. O discurso das entrevistadas indica que a organização oferece boa alimentação, mas deixa a desejar nas acomodações e na estrutura física das mesmas, inclusive com relatos de comprometimento da saúde em função de poluição sonora, cigarro e bebida.

Nas relações de trabalho, o processo é satisfatório com as companheiras e clientes, no entanto conflituoso com a gerência, fator desencadeante de vivência de sofrimento, uma vez que prevalece o controle e imposição hierárquica sobre as trabalhadoras. Atualmente, as relações de trabalho pautam-se na exigência de um ser humano que busca seu bem-estar para melhor partilhar do bem-estar social como ator e não apenas como espectador.

Para as prostitutas, as vivências de prazer sustentadas pelo reconhecimento entre elas e alguns clientes, a possibilidade de realizar o sonho de “sair dessa vida”, de ajudar a família, e voltar a estudar, compensa as vivências de sofrimento advindas da “saudade de casa”, o cansaço e desgaste natural das “noitadas”, além da discriminação da sociedade. Diante disto, prevalece a necessidade de permanecer ainda por algum tempo na profissão, que é tida não como identificação, mas como meio financeiro para obter a dignidade que lhe qualifique o cotidiano e satisfaça suas necessidades de sobrevivência.

As estratégias de enfrentamento do sofrimento utilizadas são, então, o querer “dormir” como fuga da realidade para “não ter de deitar com desconhecidos”, a utilização de drogas, fato que não é assumido no discurso de cada uma, mas denunciado nas entrevistas de que “as meninas usam a droga para suportar o trabalho”. Além disso, as prostitutas consideram o ambiente insalubre (som alto, poluição, bebida, etc.) da boate como normal, considerando “que toda casa noturna é assim”.

Nesta pesquisa, pôde-se perceber relatos predominantes de vivências de sofrimento uma vez que no processo do trabalho, as trabalhadoras dispõem de pouco tempo disponível para as atividades de descanso e lazer, podendo assim considerar um mito que a trabalhadora da prostituição leva uma vida fácil, constatação reafirmada por Lúcia (1986) em seu livro a *“Difícil Vida Fácil”*.

Nesses relatos, há indicadores de que as trabalhadoras optam pelo trabalho mais por questões instrumentais que por identificação. Chanlat (1996) nos diz que, o mundo é dominado pela racionalidade instrumental e por categorias econômicas estabelecidas, em que as pessoas inseridas nas organizações são consideradas, na maioria das vezes, apenas recursos, cujo rendimento deve ser satisfatório do mesmo modo que as ferramentas, os equipamentos e a matéria prima, pois importa apenas a satisfação de necessidades por meio do trabalho. É uma racionalidade na qual pouco importa a identificação do trabalhador com aquilo que ele produz, pois a relação é de externalidade. Tais relações são desencadeadoras de vivências de sofrimento.

Um aspecto observado e que também chama a atenção é a questão do dinheiro, evidenciando a transformação do homem em mercadoria e mercantilizando as relações em nossa sociedade. O dinheiro, como elemento monetário, está em toda parte, modificando as relações e influenciando o comportamento das pessoas, o que remete à idéia de que a prostituição se configura como a troca do sexo, ou seja, do corpo pelo dinheiro, numa dupla prostituição, uma ligada à transformação do corpo em mercadoria trocada pelo dinheiro, mas que não necessariamente inclui o sexo, e a outra relacionada ao ato sexual.

Assim, a prostituta é vista pela sociedade como pária, criam-se os estereótipos e o estigma acompanha-a em todos os lugares. Para a prostituta, é construída uma imagem

classificando-a e ignorando aquilo que ela é de fato. Tudo ocorre como se as prostitutas tivessem banalizado o sexo, mas na realidade, quem o fez foi a sociedade. As prostitutas sobrevivem dele, numa função ligada diretamente a ele e, embora tenham escolhido a prostituição, em um elenco razoável de propostas, tomam-na como alternativa de sobrevivência, garantindo assim seu sustento e muitas das vezes também o da família.

Ao se incluírem na prostituição, as prostitutas reconhecem a exclusão no aspecto social que irão vivenciar, ou seja, do preconceito, da discriminação, por participarem do discurso dominante que permeia o fenômeno, como sendo um ato desviante. No entanto, flexibilizam o fato pelas benesses da junção sexo/dinheiro, circunscritas à viabilidade de geração de renda proporcionando-lhes mudanças no posicionamento na dinâmica familiar, na capacidade e poder de consumo e pela autonomia que evocam sobre seu corpo e desejos.

Enfim, a análise feita sobre a trajetória e escolhas das participantes prostitutas foi a partir da tentativa de se compreender a infundável busca humana por uma parcela de dignidade que lhes qualifique o cotidiano.

Dentre as possibilidades de futuras pesquisas levantadas com base neste estudo, sugere-se:

- a) utilização da entrevista coletiva como técnica de coleta de dados em vez da entrevista individual, o que pode ampliar os resultados em termos coletivos, como sugerido por Dejours (1994);
- b) desenvolvimento de estudos referentes às vivências de prazer-sofrimento com prostitutas que não residem nas casas em que trabalham, para que seja possível comparar-se essas vivências com outras organizações no segmento de entretenimento e lazer;

As participantes, bem como os proprietários da organização receberão os resultados desta pesquisa, cumprindo o que foi formalizado antes de seu início;

A principal contribuição da pesquisa apresentada nesta dissertação de mestrado foi a de colaborar para a reflexão acerca das relações de trabalho das prostitutas que trabalham e residem em casas noturnas, o processo de inclusão/exclusão que vivenciam e de

identificação/autonomia, obtidos mediante a análise por intermédio da análise gráfica do discurso.

REFERÊNCIAS

- AGUSTIN, L. M.. **Trabajar em la indústria del sexo, y otros tópicos migratórios**. Donostia: Tercera Prensa, 2005.
- ÂNGELO, A. et al. **A prostituição em debate**: depoimentos, análises e procura de soluções. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ARAÚJO, R. L. **O trabalho dos professores de ginástica de uma academia**: entre o divertir e o sofrer. 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Goiás – UCG, Goiânia, 2008.
- ASSIS, D. T. F.. **O trabalho em uma banda de Blues**: uma abordagem psicodinâmica. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Goiás – UCG, Goiânia, 2008.
- BARRERO, G. P. D. Stripers, bailarinas exóticas, eróticas: identidad e inmigración em la contrucción del Estado canadiense. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 01-10, 2005.
- BEM, A. S. **A dialética do turismo sexual**. Campinas: Papirus, 2005.
- BENDASSOLI, P. Chega de diversão! **RAE-Executivo**, v. 2, n. 4, p. 57-61, nov. 2003/jan. 2004.
- BERNSTEIN, E. **The meaning of the purchase**. Desire, demand and the commerce of sex. Etnography. London: Sage Publications, 2001. Disponível em: <www.barnard.columbia.edu/sociology/bernstein/bernart.1.pdf> Acesso em: 21 fev, 2010.
- BLOCH, O.; WARTBURG, W. **Dictionnaire Etymologique de La Langue Française**. Paris: P.U.F., 1932.
- BONETTI, A. **Marido e clientes de prostitutas**: quem traz o verdadeiro perigo de AIDS? Porto Alegre, 1995. Mimeo.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Profissionais do Sexo**. Documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids. Série Manuais, nº 47. Brasília, jul. 2002.
- BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupação - CBO. <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descriçao.asp?codigo=5198>> Acesso em: 11dez.2008

BRASILEIRO, J. E. **A vida no circo: relações e sentidos do trabalho.** 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Goiás - UCG, Goiânia, 2008.

CALLIGARIS, E. R. **Prostituição: o eterno feminino.** São Paulo: Escuta, 2005.

CASTRO, R. V.. Mulheres más. **Psicologia Clínica**, v. 3, n. 3, p. 121-129, 1988.

CENTRO DE REFERÊNCIA, ESTUDOS E AÇÕES SOBRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES (CECRIA). **Relatório da Pesquisa Nacional sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual Comercial.** Brasília: Cecria, 2002.

CHACÓN L. La Mujer Prostituta, Cuerpo de Suciedad, Fermento de Muerte: reflexiones en torno a algunos rituales de purificación. **Revista de Ciencias Sociales**, n. 58, p. 23-34, 1992.

CHANLAT, J. F. **O indivíduo nas organizações: dimensões esquecidas.** São Paulo: Atlas, 1996. v.III

CODO, W.; MENEZES, I. V.; TAVARES. M.; LIMA, M. E. A.; DINIZ, G. **O Trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho.** Petrópolis: Vozes, 2004, v. 1.

CORIOLOANO, L. N. M. T.. **Turismo com Ética.** Fortaleza: UECE, 1998.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 29-37, 2007.

DEJOURS, C. Por um conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, n. 54, p. 7-11, abr./jun. 1986.

_____. **A loucura do trabalho: um estudo da psicopatologia do trabalho.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____; DESSORS, D.; DESRIAUX, F.. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 33, n.3, p. 98-104, mai./jun. 1993

_____.; ABDOUCHELI, E.; JAYET; C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo: Atlas, 1994.

_____. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (orgs.). **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola**

dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994, p. 119-143.

_____. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. Desejo ou Motivação? A Interrogação Psicanalítica sobre o Trabalho. In. BETIOL, M. I. S. (org). **Psicodinâmica do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994, p 33-43.

_____. **A banalização da injustiça social**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

_____. **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília, Fiocruz, 2004.

DIAS, F. R. **As vivências dos trabalhadores de uma organização de entretenimento: uma abordagem psicossociológica e psicodinâmica**. 2007. 98 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Goiás – UCG, Goiânia, 2007.

ENGEL, M. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ENRIQUEZ, E. **A organização em análise**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FONSECA, C. A dupla carreira da mulher prostituta. **Estudos Femininos**, a.4, n.1, p. 7-33, jan./jun. 1996,

FREUD S. Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996, v. 13, p. 21-162.

_____. Psicologia de Grupo e Análise do ego. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996, v. 18, p. 81-154.

_____. O Futuro de uma Ilusão. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996, v. 21, p. 15-63.

_____. O mal-estar da civilização. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996, v. 21, p. 73-148.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1990. v. 2.

GASPAR, M. D. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

GOFFMAN, E.. **Estigma**: notas sobre manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUIMARÃES, K., MERCHÁN-HAMANN, E. Comercializando fantasias: A representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 525-544, 2005.

GUIMARÃES, M. J. B.. “**Empresário procura mulher jovem, morena, bonita, liberal...**” explorando os anúncios de estrangeiros. Salvador: EDUFBA, 2002.

HELOANI, R. **Organização do Trabalho**: uma visão multidisciplinar. 2.ed. São Paulo; Cortez, 1996.

HELOANI, J. R. ; CAPITÃO, C. Saúde mental e psicologia do trabalho. **São Paulo em Perspectiva**, v.17, n. 2, p. 102-108, jun. 2003.

JOHANSON, I. Bergson e a busca metódica do tempo perdido. **Revista Trans/Form/Ação**, v. 27, n. 2, p. 21-29, 2004.

KARASEK, R.; THEORELL, T. **Healthy work**. New York: Basic Books, 1990.

KEMPADOO, Kamala. **Trafficking and prostitution reconsidered**: new perspective on migration, sex work, and human rights. Paradigm Publishers, 2005.

LAGENEST, J. P. B. **Mulheres de leilão**: em estudo da prostituição no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1973.

LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, Brasília: Paralelo 15, 2004.

LANE, S. T. M. A linguagem e as representações sociais. In: Simpósio Sobre a Representação Social, Congresso Interamericano De Psicologia, 20.. Caracas, 1985. **Anais...** Caracas, 1985.

LEAL, M.L. e LEAL, M. de F. (Orgs.). **Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial** – PRESTRAF; relatório nacional (Brasil). Brasília: CECRIA, 2002.

LEITE, G. S. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

LÚCIA, A. **A difícil vida fácil**: a prostituta e sua condição. Petrópolis: Vozes, 1984.

MACÊDO, K. B. **Psicodinâmica das Organizações: Poder, Cultura e Decisões na Empresa Familiar**. 1999. 353 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 1999.

MARTY, P. La dépression essentielle. **Revue Française de Psychanalyse**, n.32, p. 594-599, 1968.

_____. **Les mouvements individuels de vie et de mort**. Paris: Payot, 1976.

MENDES, A. M. **Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional**. 1999. 327 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, 1999.

_____. (org.). **Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MORAES, A. F. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

OPPERMANN, Martin. **Sex tourism**. Annals of tourism research. Nova Iorque, Elviesier Foundation, v.26, n.2, 1999.

ORTEGA, C. A. Prostituição e trabalho: uma visão de mulheres de programa. In: ESCUDER, M. M. L.; MARTINS, M. C. F. N; VENÂNCIO, S. I.; BOGUS, C. M. **Aprimoramento em Saúde Coletiva: Reflexões**, São Paulo: Instituto de Saúde, 2000, p. 45-50.

PAGES, M. et al. **O Poder das Organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos**. São Paulo: Atlas, 1987.

ROBERTS, N. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

RUSSO, G. H. A.. **Rodando a Bolsinha: dinheiro e relações de prostituição**. 2006. 249 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2006.

SADENBERG, M. B. C.; DIAS FILHO, A. J. **O que é que a Bahia tem: o outro lado do turismo em Salvador**. Salvador: CHAME, 1998.

SAINSAULIEU, R. **L'identité au travail: les effets culturels de l'organisation**. Paris: Presses de Sciences Politiques, 1996.

SANTOS, E. A.. **O trabalho dos Bailarinos profissionais de uma companhia de dança contemporânea: uma perspectiva psicodinâmica**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Goiás - UCG, Goiânia, 2008.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. São Paulo: Vozes, 1999.

SEGAL, H. **Sonho, fantasia e arte**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SIEGRIST, J. Association between job stress and depression among Japanese employees threatened by job loss in a comparison between two complementary job-stress models. **Scandinavian Journal Work Environment Health**.v. 27, n. 2, p. 146-53, abr. 2001.

SILVA, A. P.; BLANCHETTE, T. “Nossa Senhora da Help”; sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. **Cadenos Pagu**, n. 25, p. 249-280, dez 2005.

SILVA, A. et al **A qualidade de vida de uma prostituta de rua de Florianópolis: duas mulheres numa única mulher que sonha com outro trabalho**. Florianópolis, abril, 1998. Trabalho apresentado no Encontro Fazendo Gênero 3 – Gênero e Saúde. Mimeo.

SIMMEL, G. **Philosophy od Money**. New York: Routledge, 1990.

SROUR, R. H. **Classes, regimes, ideologias**. São Paulo: Ática, 1990.

TOMAZINI, Talita. **As vivências dos trabalhadores de um shopping center em relação ao seu trabalho**: uma abordagem psicodinâmica. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Católica de Goiás - UCG, Goiânia, 2009.

TORRES, G. V.; DAVIM, R. M. B.; COSTA, T. N. A. Prostituição: Causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 7, n. 3, p. 9-15, 1999.

ANEXOS

ANEXO I

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG nº _____
CPF nº _____, abaixo assinado, concordo em participar da
pesquisa _____,
como entrevistada. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora
_____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela
envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-
me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause
qualquer prejuízo.

Local e data _____

Nome da entrevistada _____

Assinatura da entrevistada _____

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa
e aceite do sujeito em participar**

Testemunhas (não ligada à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Observações complementares:

ANEXO II

ROTEIRO DE ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO

- 1 Nome
- 2 Idade
- 3 Sexo
- 4 Estado civil
- 5 Tempo na profissão
- 6 Escolaridade

Categoria 1 – ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO/ RELAÇÕES DE TRABALHO

1. Qual é a sua profissão?
2. Como você optou por essa profissão?
3. Como foi o início?
4. Você começou nesta casa?
5. Por que escolheu trabalhar nessa boate? Além do trabalho aqui, você trabalha em outro local? Qual? O que você faz durante o dia?
6. Como vocês dividem o trabalho na sua área?
7. O seu horário de trabalho é suficiente para terminar suas atividades? Se não, o que você faz para terminá-lo?
8. Você tem pausa no seu trabalho? Há local para descanso em seu trabalho?
9. Como você se relaciona com seus colegas de trabalho? Com seu chefe? E com os clientes?
10. Quais as vantagens e desvantagens de trabalhar como prostituta nesta boate? Por quê?
11. Você conhece as normas e regulamentos da boate? O que você acha? As normas mudam com frequência?
12. Você considera que aqui na boate existe algum tipo de preconceito ou discriminação? Qual e por quê?
13. O seu trabalho é supervisionado?
14. Qual a imagem que a boate tem no mercado?

Categoria 2 – CONDIÇÕES DE TRABALHO/DESCRIÇÃO DE FUNÇÃO

15. O que você acha do local onde trabalha, em relação a
- iluminação;
 - ruídos;
 - temperatura e ventilação;
 - higiene;
16. Há, em sua opinião, algum aspecto do ambiente de trabalho que deva sofrer mudanças de forma a melhorar sua qualidade de vida? Em caso positivo, qual seria?
17. Você acha que seu trabalho inclui riscos? De que tipo?
18. Descreva suas atividades/funções em sua profissão.
19. Qual o preço do programa?
20. Qual é a sua percentagem?
21. Você permite em seu contrato a penetração anal? Relações com mulheres? Swing?
22. O seu horário de trabalho é previsível?
23. Na boate existe algum rodízio ou escala em relação ao horário de trabalho?
24. Você está trabalhando nesse horário por opção ou não?
25. Há viagens? Qual a frequência?
26. Você considera que o salário que você recebe é compatível com o que você faz?
27. Existe diferença de salário para funcionárias que executam a mesma função?
28. Quais são os motivos mais comuns para as pessoas saírem da boate? Conhece alguém que já saiu?

Categoria 3 – PRAZER NO TRABALHO /SOFRIMENTO NO TRABALHO

29. O que você mais gosta no seu trabalho?
30. Você acha que seu trabalho é importante? Por quê?
31. Você se sente valorizada como profissional?
32. O seu trabalho permite que você decida sobre como fazer o serviço?
33. Para desenvolver o seu trabalho você precisa aprender alguma coisa específica?
34. Quais as dificuldades que você enfrenta no trabalho?
35. O que do seu trabalho lhe traz de sofrimento?
36. Você se sente pressionada ou sobrecarregada na realização das tarefas? Se sim, como você reage diante dessa situação?

37. Você já teve algum problema de saúde relacionado com as suas atividades na boate?
38. Você tem alguma colega que já se afastou por problemas de saúde relacionados com as suas atividades aqui na boate?
39. Qual o acompanhamento e tratamento que a boate dispensou a essa pessoa? Tem algum convênio ou médico, departamento específico?
40. Como você se sente após várias horas de trabalho?

Categoria 4 - ESTRATÉGIAS DEFENSIVAS

41. Qual o tempo de que você dispõe para a família e lazer? Ele é suficiente para vocês?
42. Você se sente insegura ou com medo de fracassar na realização das tarefas? Por quê?
43. Você se sente segura (com estabilidade) nessa boate?

Categoria 5 – SENTIDOS DO TRABALHO/IDENTIDADE PROFISSIONAL

44. Que sentido tem seu trabalho para você?
45. Você se identifica com seu trabalho?
46. Você conta às pessoas, à sua família, aos amigos, a seus filhos sobre o seu trabalho?
Como eles reagem?
47. Se você pudesse mudar alguma coisa na boate, o que mudaria?
48. Como você gostaria que fosse a boate?
49. Quais suas perspectivas para o futuro?
50. Você gostaria de dizer alguma coisa que eu não tenha perguntado?